

TALÍCIA CALAIS VAZ DE MELO

**ESTUDO SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR A PARTIR DOS ASPECTOS
EVIDENCIADOS NA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de Magister Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

M528e
2018
Melo, Talícia Calais Vaz de, 1986-
Estudo sobre o desempenho escolar a partir dos aspectos
evidenciados na relação família e escola / Talícia Calais Vaz de
Melo. – Viçosa, MG, 2018.
xii, 106 f. ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Lílian Perdigão Caixêta Reis.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 77-88.

1. Rendimento escolar. 2. Adolescentes - Educação.
3. Educação - Participação dos pais. 4. Distúrbios da
aprendizagem. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento
de Economia Doméstica. Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 373.224

TALÍCIA CALAIS VAZ DE MELO

**ESTUDO SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR A PARTIR DOS ASPECTOS
EVIDENCIADOS NA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA**

Dissertação apresentado à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 03 de dezembro de 2018.



Cristiane Aparecida Baquim



Márcia Barroso Fontes



Lílian Perdigão Caixêta Reis
(Orientadora)

Dedico este trabalho aos meus pais,
Wanderley e Rosângela, às minhas irmãs e ao
meu noivo, os quais sempre me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus.

Ao meu pai, por me conduzir em todas as viagens com destino à Universidade, tendo paciência, carinho e compreensão em me esperar durante as aulas; além de me auxiliar, como sempre, a superar os momentos difíceis e angustiantes.

À minha mãe (saudades sempre) que, mesmo junto de Deus, sinto que está próxima de mim.

Às minhas irmãs Flávia e Marcela; e, em especial, à Natália. Sou grata por sempre estarem ao meu lado me estimulando.

À estimada Brenda.

Aos meus sobrinhos Marina e Lorenzo.

Ao meu noivo Gustavo, por todos os instantes de atenção, pelas palavras de ânimo e pela compreensão, mediante a minha ausência.

À minha orientadora, LÍlian, pela transmissão do saber; por ser sempre atenciosa e compreensiva.

Ao programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica pela oportunidade, e aos professores e técnicos que me auxiliaram.

À Universidade Federal de Viçosa pelos dois anos de formação profissional na pós-graduação.

BIOGRAFIA

TALÍCIA CALAIS VAZ DE MELO, filha de Wanderley Vaz de Melo e de Rosângela Calais Vaz de Melo, nasceu aos 07 dias do mês de novembro de 1986.

Em 2005, ingressou no curso de Bacharelado em Psicologia pela Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC, UBÁ – MG), tendo concluído o curso em fevereiro de 2010. Concluída a graduação, após alguns meses, começou a atuar como Psicóloga Clínica.

Em 2011, realizou o curso de especialização em Psicopedagogia, pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Rio de Janeiro – RJ.

Em 2017, após alguns anos de atuação profissional, ingressou no mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, da Universidade Federal de Viçosa, com entusiasmo e dedicação à pesquisa.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	vii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	xi
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1	7
1. REVISÃO DE LITERATURA	7
1.1. Família: espaço de transmissão de valores e de educação dos filhos.....	7
1.2. O processo de desenvolvimento e aprendizagem na etapa da adolescência.....	11
1.3. Estudo sobre família com filhos adolescentes: uma etapa do ciclo vital.....	17
1.4. Relação família e escola: contribuições da legislação escolar	20
1.5. Questões do contexto escolar que afetam os alunos.....	24
CAPÍTULO 2	27
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
2.1. Tipo de Pesquisa.....	27
2.2. Local de Estudo	27
2.3. Caracterização dos participantes da pesquisa.....	29
2.4. Instrumentos de Coleta dos Dados	30
2.5. Considerações Éticas	31
2.6. Análise dos Dados	32
CAPÍTULO 3	34
3.RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	34
3.1. Descrição do perfil das famílias	34
3.1.1 O contexto das condições de vida dessas famílias	38
3.1.2 As famílias com filhos adolescentes.....	40
3.2. Levantamento dos tipos de dificuldade apresentados pelos adolescentes no processo de ensino e aprendizagem.....	42
3.2.1. Tipos de dificuldades apontadas pelos pais.....	43
3.2.2. Tipos de dificuldades apontadas pelos alunos.....	45
3.2.3 Tipos de dificuldades apontadas pela Supervisora.....	47
3.3. Desempenho escolar dos adolescentes: percepção dos pais, dos alunos e da supervisora.....	49

3.3.1. Percepção dos pais.....	50
3.3.2. Percepção dos alunos.....	55
3.3.3. Percepção da Supervisora.....	57
3.4. Análise do vínculo da escola com os familiares e adolescentes.....	60
3.4.1. Relação entre família e escola.....	60
3.4.2. Relação dos alunos com a escola.....	62
3.4.3. Relação entre escola e família.....	62
3.4.4. Participação dos pais nas atividades escolares.....	64
3.5. Mudanças e/ou problemas vivenciados pelas famílias e as dificuldades de aprendizagem dos adolescentes.....	66
3.5.1. Entrada do (a) filho (a) na adolescência.....	70
3.6. Breve Discussão.....	72
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	77
APÊNDICES.....	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização socioeconômica das famílias e dos adolescentes	34
Quadro 2 – Tipos de dificuldades apontadas pelos pais	43
Quadro 3 – Tipos de dificuldades apontadas pelos alunos	45
Quadro 4 – Tipos de dificuldades apontadas pela supervisora.....	47
Quadro 5 – Percepção dos pais, dos alunos e da supervisora.....	49
Quadro 6 – Categorias de Análise	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ASB's – Auxiliares de Serviços de Educação Básica
- APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
- ATB's – Assistentes Técnicos de Educação Básica
- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- BPC – Benefício da Prestação Continuada
- CRAS – Centro de Referência da Assistência Social
- CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social
- EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais
- ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social
- OMS – Organização Mundial da Saúde
- PAAE – Programa de Ações Extensionistas
- PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
- PSF – Programa de Saúde da Família
- MEC – Ministério da Educação
- SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
- TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TOC – Transtorno Obsessivo Compulsivo
- TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
- TDA – Transtorno de Déficit de Atenção
- UFV – Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

MELO, Talícia Calais Vaz de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2018. **Estudo sobre o desempenho escolar a partir dos aspectos evidenciados na relação família e escola.** Orientadora: Lílian Perdigão Caixêta Reis.

Na presente pesquisa, objetivou-se analisar o desempenho escolar dos alunos, considerando-se a percepção das famílias, da escola e dos adolescentes. O desempenho educacional de estudantes é um assunto que as famílias e os profissionais em educação devem se atentar, pois é relevante perceber se o baixo rendimento dos discentes derivam de aspectos intrínsecos ou de fatores dos ambientes nos quais eles estão inseridos. É imprescindível ressaltar que as origens das queixas relativas ao rendimento escolar podem ser variadas, tais como: problemas no âmbito familiar, práticas educativas inadequadas, situações diversas do contexto social, no qual o estudante vive, ou dimensões atreladas ao processo de desenvolvimento do educando. Observou-se a recorrência de alunos que possuem dificuldades na aprendizagem, os quais são direcionados para atendimento com especialistas em reeducação psicopedagógica ou para os setores de saúde. Mediante os inúmeros fatores que envolvem essa temática, o interesse em compreendê-la, por meio de um estudo, surgiu devido aos encaminhamentos de adolescentes com queixas escolares recebidos no consultório de psicologia e em um Centro de Saúde. Delineou-se, desta forma, a presente pesquisa, de caráter qualitativo, estruturada a partir de estudos com adolescentes, matriculados no sétimo ano do turno da manhã do ensino fundamental, de uma Escola Estadual do interior de Minas Gerais. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, em três etapas: a primeira com os familiares dos alunos; a segunda com os estudantes; e a terceira com a supervisora pedagógica, a fim de identificar a percepção da escola sobre o desempenho escolar de seus alunos. Para a análise e a interpretação dos dados, utilizou-se o método de Análise de Conteúdo, embasando-se, também, nas contribuições teóricas sobre dificuldades de aprendizagem e sobre o ciclo de vida familiar. Os resultados revelaram a prevalência de adolescentes do contexto rural, os quais apresentaram bom rendimento escolar, porém, alguns com problemas em disciplinas como Matemática e Língua Portuguesa, além de desinteresse e falta de concentração. Apenas em dois casos identificou-se desempenho insatisfatório; observou-se que um deles apresentou dificuldades desde a alfabetização, enquanto o outro em várias disciplinas. Percebeu-se, ainda, que isso decorre de fatores ambientais, seja por influências internas e ou externas à família. Nesses casos, constatou-se que, no âmbito familiar, há vivência de situações conflituosas na relação

intrafamiliar ou mudanças na família, como nascimento de irmãos que influenciaram no comportamento dos jovens pesquisados. Com relação ao contexto escolar, um dos alunos vivenciou a transição de escola e mudança de professores na fase de alfabetização, o que repercutiu no processo de aprendizagem subsequente; além disso, as mães desses alunos diminuíram o tempo de auxílio no processo de aprendizagem, após o nascimento das irmãs. Verificou-se, ainda, que há um distanciamento entre essas famílias e a escola, pois os pais frequentam a instituição de ensino apenas por intermédio de reuniões pedagógicas; entretanto, esses pais acreditam ter engajamento nos estudos dos filhos. Surpreendeu-nos o fato de que grande parte dos alunos se sente motivada, apesar de enfrentar percalços. Contudo, alguns pais relataram não perceber tal motivação. Os resultados encontrados confirmaram a inter-relação entre as tarefas desenvolvimentais relacionadas à etapa do ciclo de vida vivenciada pela família e os possíveis eventos estressores que geram repercussões no processo de ensino e aprendizado dos alunos. Evidenciou-se a importância da escola conhecer a realidade das famílias de seus alunos, no sentido de buscar alternativas para lidar com as dificuldades enfrentadas por eles.

ABSTRACT

MELO, Talícia Calais Vaz de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, December, 2018. **Study on the school performance from the evidenced aspects in the relation family and school.** Adviser: Lílian Perdigão Caixêta Reis.

In this study, the objective was to analyze the students' school performance, considering the perception of families, school and adolescents. The educational performance of students is an issue that families and professionals in education must pay attention to, because it is relevant to realize if the low income of the students derives from intrinsic aspects or factors of the environments in which they are inserted. It is essential to point out that the origins of complaints about school performance can be varied, such as: family problems, inadequate educational practices, situations that are different from the social context in which the student lives, or dimensions linked to the student's development process. It was observed the recurrence of students who have difficulties in learning and are directed to attending specialists in psychopedagogical reeducation or to the health sectors. Due to the many factors involved in this subject, the interest in understanding it through a study arose due to the referrals of adolescents with school complaints received in the psychology office and in a Health Center. The present research, of qualitative character, structured from studies with adolescents, enrolled in the seventh year of the morning shift of the elementary school, of a State School in the interior of Minas Gerais. The data collection was done through a semistructured interview, in three stages: the first with the students' families; the second with the students; and the third with the pedagogical supervisor, in order to identify the school's perception of the school performance of its students. For the analysis and interpretation of the data, the Content Analysis method was used, based also on the theoretical contributions on learning difficulties and on the family life cycle. The results revealed the prevalence of rural adolescents, who presented good school performance, but some with problems in Mathematics and Portuguese Language, as well as lack of interest and lack of concentration. Only in two cases was unsatisfactory performance identified; it was observed that one of them presented difficulties since the literacy, while the other in several disciplines. It was also perceived that this is due to environmental factors, whether due to internal or external influences on the family. In these cases, it was found that, in the family context, there are conflictive situations in the intra-family relationship or changes in the family, such as the birth of siblings that influenced the behavior of the young people surveyed. With regard to the school context, one of the students experienced the school of transition and change of teachers in literacy phase, which was reflected in the subsequent

learning process; in addition, the mothers of these students decreased the time of help in the learning process after the sisters' birth. There was also that there is a gap between these families and the school, for parents attending the educational institution only through educational meetings; despite this, parents believe they have engaged in their children's studies. We were surprised that most of the students feel motivated, despite facing mishaps. However, some parents reported not realizing such motivation. The results confirmed the developmental interrelation between the tasks related to the life cycle stage experienced by the family and possible stressful events that generate repercussions on the teaching and student learning. It was evidenced the importance of the school to know the reality of the families of its students, in the sense of looking for alternatives to deal with the difficulties faced by them.

INTRODUÇÃO

O desempenho escolar dos alunos é uma questão que desperta a atenção das famílias e dos profissionais que atuam com crianças e adolescentes. Prevalece uma concepção de avaliação do saber do aluno atrelado às notas positivas ou negativas, e como este procede em sua habilidade para responder aos estímulos pedagógicos. Mas existem diferentes aspectos que interferem na capacidade de aprender, motivos que podem desencadear um baixo desempenho.

Siqueira e Gurgel-Giannetti (2011, p.80) definem que “o mau desempenho escolar (MDE) pode ser definido como um rendimento escolar abaixo do esperado para determinada idade, habilidades cognitivas e escolaridade”.

Emerge daí a preocupação em compreender o baixo desempenho educacional e, ao mesmo tempo, se esse é derivado de dificuldades individuais, enfrentadas pelos alunos; de causas vinculadas à situação familiar ou ao sistema escolar; da influência de contextos, nos quais os discentes estariam inseridos; ou de questões socioeconômicas, as quais poderiam afetar o processo de desenvolvimento humano. Portanto, há diversos fatores que podem interferir no processo de aprendizagem dos alunos.

No âmbito familiar, destacam-se os aspectos relativos à qualidade das relações e aos modelos de identificação, que serão referência para a criança e para o adolescente; pois quando os pais mantêm uma relação amorosa com os seus filhos, estimula-se o crescimento de atitudes saudáveis para encarar os acontecimentos diários; e, isso, facilita uma adaptação dos indivíduos aos diversos lugares nos quais participam, incluindo-se a escola. Porém, quando os progenitores sofrem por ocorrências sucessivas de estresse, ansiedade e temor, seus filhos podem apresentar maiores bloqueios em se relacionar com outros indivíduos (POLONIA; DESSEN, 2005 apud MARQUES, 2001).

Assim, se reforça o argumento de que através da família se compreende distintos formatos de ser, de estabelecer convivências, “além de estabelecer uma unidade dinâmica das relações afetiva, social e cognitiva” (DESSSEN; POLONIA, 2007, p.22).

Há consenso quanto à identificação da família como principal fonte de apoio para seus membros, porém, devido “às transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas nas sociedades ocidentais, particularmente no último século” (DESSSEN; BRAZ, 2008, p.126) houve mudanças significativas na sociedade que abalaram as vivências familiares.

Trad (2010, p.27) ressalta que “as alterações na família não se limitaram ao âmbito da estrutura. Modificaram-se também papéis e relações familiares, que se tornaram menos hierarquizados e mais flexíveis”.

Essas mudanças na sociedade ocidental repercutiram em diversos contextos da vida das pessoas. Varani e Silva (2010) pontuam que essas mudanças repercutem na formação de crianças e de adolescentes, pois levaram a uma divisão de responsabilidades. A família não é a única encarregada pela educação, e da mesma forma a escola. Observa-se a transferência de responsabilidades de um contexto para outro. Além disso, os filhos passam mais tempo fora de casa, participando também de outras atividades. As autoras reforçam que as transformações sociais camuflaram os papéis que cabem à escola e à família. Faz-se importante refletir sobre essa relação entre família e escola, como cada uma dessas instituições sociais assume e exerce seu papel.

Polonia e Dessen (2005) indicam que a principal responsabilidade das famílias é pelo processo de socialização da criança, através da transmissão de valores, crenças e normas de convivência em sociedade.

A escola é o ambiente que tem como função o processo de educar, empregando metodologias norteadas por instruções de ensino. Além disso, o educador deve estabelecer relações empáticas e não de autoridade sobre o aluno (BRASIL, 2014).

Nesse sentido, nota-se a importância de entender como a escola assume o seu papel, tanto no âmbito pedagógico, que abrange metodologias utilizadas para o processo de ensino e aprendizado, quanto na busca por conhecer a realidade de seus alunos, principalmente o contexto familiar, no qual são distintas as condições socioeconômicas e habitacionais. De igual maneira, se faz necessário verificar como a família também lida com essa situação, mediante as queixas escolares dos filhos.

É importante ressaltar que, apesar da responsabilização conferida à família quanto ao processo de ensino e aprendizagem das crianças e dos adolescentes, nem sempre os pais devem ser considerados como negligentes, pois suas condições de trabalho e seus diferentes papéis, assumidos socialmente, muitas vezes, os impossibilitam de dedicar-se integralmente aos seus filhos. Muitas vezes, as condições sociais, históricas, culturais e econômicas condicionam as famílias a conferirem maior importância ao trabalho em detrimento da educação.

Contudo, é importante observar que o impacto das questões socioeconômicas, históricas e culturais nem sempre são avaliadas pela escola em relação aos obstáculos vivenciados pelos estudantes. De acordo com essa percepção, Dessen e Polonia (2007, p.29) denotam que a família não é o único âmbito em que a criança tem ligação. A escola é outro ambiente que “tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo, mais especificamente, na aquisição do saber culturalmente organizado em suas distintas áreas de conhecimento”.

Desse modo, percebe-se a necessidade de fortalecer o vínculo entre escola e família. Além disso, faz-se importante investigar sobre os agentes causadores das dificuldades de aprendizagem, sendo que esses podem ser diversos. Apesar disso, há uma tendência de identificar os problemas de aprendizagem apenas como um limite do aluno.

A autora Fantinato (2012) afirma que, muitas vezes, o aluno é apontado pelos educadores e pela gestão escolar como “o errado”, devido às suas dificuldades. Ainda ocorrem preconceitos em relação a esses alunos – considerados problemas –, os quais sofrem discriminação, sendo taxados por alguns educadores como “burros, preguiçosos, deficientes, lentos”, entre outros (FANTINATO, 2012, p. 112 apud PATTO, 1992).

Mediante essas situações, observa-se a importância de atentar-se à particularidade do aluno para tratar suas dificuldades. É relevante considerar que com o impacto das mudanças sociais na família e na sociedade, há jovens que precisam trabalhar ou colaborar nos serviços domésticos, como maneira de oferecer suporte financeiro e de cuidado para suas famílias. Outros vivem em contextos adversos, sem serviços básicos, que comprometem seu acesso aos recursos necessários para atender às demandas da escola, e com limitações quanto ao transporte, e até mesmo à falta de bibliotecas públicas nas localidades nas quais residem, entre outros.

Ainda há casos em que os pais não possuem níveis de escolaridade compatíveis com as exigências de orientação das séries nas quais seus filhos estão. Isso explica o fato de muitos pais ou responsáveis não se sentirem capazes de acompanhar os filhos na execução das tarefas escolares ou de não se darem conta das dificuldades vivenciadas pelos filhos no contexto escolar (SOUZA, 2009).

Segundo Souza (2009), para o enfrentamento dessas questões, torna-se necessário priorizar o vínculo entre escola e família. A autora sugere que a iniciativa deve partir da própria escola, no sentido de criar espaços de diálogo, nos quais se ofereçam informações aos pais em uma linguagem acessível, para facilitar a compreensão sobre o processo de aprendizagem de seus filhos e sobre os projetos executados pela escola. Ela revela ainda que intervenções desse tipo contribuem para motivar os familiares a se envolverem mais com as atividades da escola. Ao mesmo tempo, a boa relação entre pais e professores é imprescindível para que ambos entendam seus obstáculos e vivências (SOUZA, 2009).

Então, na aproximação entre a família e a escola, as obrigações devem ser de ambos, pois o compromisso mútuo repercute no melhor rendimento escolar das crianças. Desse modo, “a escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e, também, sobre as questões pedagógicas” (ESTEVÃO, 2012, p. 2-3, apud PARO, 1997).

Por outro lado, surgem inquietações de professores quanto à incompreensão dos motivos que levam alguns alunos a aprenderem os conteúdos com clareza e outros não, conforme pontuam Kauark e Silva (2008). As autoras denotam, ainda que, pedagogicamente, as razões de alguns alunos não aprenderem, provavelmente, seja por esses não terem assimilado o conteúdo anterior.

As autoras ainda consideram relevante o acompanhamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos. Diante disso, elas identificam fatores como: as lacunas na gestão escolar; a metodologia empregada que, por vezes, não condiz com a realidade dos alunos; a existência de educadores inaptos; e, também, os problemas emocionais e familiares como questões que contribuem para a existência dessa problemática (KAUARK; SILVA, 2008).

Segundo os autores Brom e Aguiar (2010), atualmente, é rotineiro, na prática escolar, a condução do aluno para o acompanhamento psicológico quando se detecta o baixo rendimento, transferindo o compromisso da escola para o profissional psicólogo. Muitas vezes, os alunos são patologizados, rotulados, em função das suas dificuldades.

Para Corrêa (2010), há uma elevada patologização da infância e da adolescência, na qual se tem adotado o mesmo rumo medicamentoso indicado aos adultos, promovendo uso de antidepressivos e de ansiolíticos, especialmente, nos dias atuais, a Ritalina¹, empregado com intensidade com as crianças. Quando o diagnóstico é confirmado, por exemplo, de Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) pode interferir no bem-estar, como no relacionamento social e com prejuízos para o desenvolvimento escolar.

Muitas crianças e adolescentes que passam por essa problemática, sofrem ora por preconceito e pelas consequências de seu comportamento, sentindo-se sozinhos, desacreditados pelas pessoas, e desencorajados quanto ao desenvolvimento de suas capacidades. Daí a relevância de um diagnóstico claro, pois há casos em que o uso da medicação e da psicoterapia são necessários e eficazes. E quando não ocorre um tratamento adequado, o quadro pode evoluir negativamente. Diante disso, ainda na escola os professores que trabalham com alunos com essa problemática devem atentar a todo instante no cotidiano, para auxiliá-los de maneira diferenciada, do contrário as dificuldades escolares se sobressaem.

Desse modo, considerando as reflexões supramencionadas, surgiram as seguintes indagações: Como a família, a escola e os próprios adolescentes compreendem o desempenho

¹ “O metilfenidato, usualmente prescrito para crianças e adultos diagnosticados com o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), é mais conhecido por um de seus nomes comerciais, a Ritalina” (ITABORAHY, 2009, p.8).

escolar? As dificuldades relacionadas ao desempenho escolar podem ser atribuídas à influência de situações vivenciadas pela família?

Na complexidade de fatores que envolvem essas questões, o interesse pela escolha de realizar uma pesquisa sobre a relação família, escola e alunos surgiu, sobretudo, devido aos diversos encaminhamentos de adolescentes, com queixas de baixos rendimentos escolares, recebidos no consultório de psicologia e em um Centro Municipal de Saúde, locais de trabalho da pesquisadora, enquanto psicóloga.

A pertinência de realização do estudo no Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV) deve-se ao fato de que a área de concentração deste é Família e Sociedade. O trabalho insere-se na linha de pesquisa Famílias, Políticas Públicas e Desenvolvimento Humano e Social, e possibilitou abordar a inter-relação entre a família e a escola. Além disso, o trabalho está vinculado ao grupo de pesquisa Contextos da Infância, adolescência e juventude e suas inter-relações na família e na sociedade, e possibilitou compreender os processos de desenvolvimento na adolescência tomando-se como foco o tema do desempenho escolar analisado a partir da relação entre a família e a escola, considerando-se a percepção dos pais, da supervisora e dos próprios alunos.

Assim, delineou-se como objetivo geral deste estudo, analisar o desempenho escolar dos alunos, considerando-se a percepção das famílias, da escola e dos adolescentes.

Para tanto foram esboçados os seguintes objetivos específicos:

- Realizar levantamento sobre os tipos de dificuldades apresentadas pelos adolescentes em seu processo de ensino e aprendizagem;
- Levantar a percepção dos pais, alunos e escola acerca do desempenho escolar;
- Descrever como é o vínculo da escola com os familiares e os alunos;
- Identificar se há relação entre as mudanças e/ou problemas vivenciados pelas famílias e as dificuldades de aprendizagem dos adolescentes.

A fim de alcançar os propósitos elencados, adotaram-se como aporte teórico as contribuições sobre o ciclo de vida familiar de Carter e McGoldrick (2008), além de autores como: Cerveney e Moreira (2016), Dessen e Braz (2008) para auxiliar na compreensão da fase que a família estava vivenciando, e os eventuais estressores pelos quais passavam e influenciavam na vida de todos os membros. Além disso, utilizou-se a perspectiva de autores como Smith e Strick (2007); Paín (1992); Pereira (2008); Drouet (2000); Antunes e Falcke (2010), entre outros, sobre as dificuldades de aprendizagem.

A dissertação está organizada em três capítulos. O capítulo 1 apresenta o campo teórico, abrangendo a discussão sobre a importância da família para o processo de desenvolvimento de seus membros; o tema da adolescência e o processo de desenvolvimento e aprendizagem nessa etapa da vida; o estudo sobre família com filhos adolescentes: uma etapa do ciclo vital; e, a relação família e escola, inclusive, com apontamentos sobre a legislação escolar e, por último, questões do contexto escolar que afetam os alunos.

O capítulo 2 denota o percurso metodológico da pesquisa, o tipo de pesquisa, o local de estudo, a caracterização dos participantes, o método de coleta e a análise dos dados.

O capítulo 3 traz os resultados das análises e discussões, bem como a apresentação das famílias em estudo. Além disso, o levantamento dos tipos de dificuldades apontadas pelos pais, alunos e supervisora; a análise do desempenho escolar dos adolescentes: percepção dos pais, dos alunos e da supervisora; relação entre famílias, alunos e escola; participação dos pais nas atividades escolares; mudanças e ou problemas vivenciados; entrada do filho na adolescência.

Por fim, são apresentadas considerações que mostram uma retrospectiva dos eixos principais da análise e questões levantadas.

CAPÍTULO 1

1. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura da presente pesquisa traz contribuições sobre as categorias pertinentes para discussão da temática deste trabalho, sendo elas relacionadas ao desempenho escolar dos adolescentes e atreladas à relação entre família e escola.

Então, apresenta-se no primeiro tópico uma breve discussão sobre a família, enquanto um espaço de transmissão de valores e de educação para os seus filhos, considerando sua importância para o processo de desenvolvimento de seus membros.

Na sequência, reflete-se sobre o tema da adolescência e o processo de desenvolvimento e de aprendizagem nessa etapa da vida, incluindo os aspectos específicos do ciclo vital de famílias com filhos adolescentes; trata-se também da relação família e escola, com considerações sobre a legislação escolar, e sobre as questões do contexto escolar que afetam os alunos.

A revisão de literatura foi realizada através do levantamento bibliográfico de consulta ao acervo da Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa, e dos bancos de periódicos disponíveis nos Portais SCIELO e PEPSIC. Optou-se por uma revisão temática, com a seleção de artigos científicos nas áreas de educação, psicologia, psicologia escolar, e psicopedagogia; que abordam a questão específica da relação família e escola, ciclo de vida familiar, bem como sobre as queixas escolares e dificuldades de aprendizagem. Foram encontradas onze dissertações, duas teses, uma monografia e vinte e sete livros que discorrem a respeito de família, adolescentes, ciclo de vida familiar, desenvolvimento humano, distúrbios de aprendizagem. Os conteúdos e a citação dos trabalhos consultados constam nos tópicos da revisão de literatura.

1.1. Família: espaço de transmissão de valores e de educação dos filhos

Reconhecida pelas funções que desempenha, como lugar de afeto, de proteção, responsável pela transmissão de valores e educação dos filhos, a família é uma instituição de suma importância para a sociedade.

Zamberlam (2001) destaca que as mudanças ocorridas na sociedade e no ambiente familiar, decorrem de reflexos da cultura, dos meios econômico, político e social, ocasionando alterações nas convivências sociais, afetivas e emocionais entre os membros do núcleo familiar.

Casarin (2007, p.21) ressalta que:

Nos últimos vinte anos, várias mudanças no plano socioeconômico e cultural, relacionadas ao processo de globalização, vêm interferindo na dinâmica e estrutura familiar e, conseqüentemente, estimulando alterações em seu padrão tradicional de organização. Embora, esse processo tenha começado com a Revolução Industrial, a interferência nas configurações familiares passa por grandes mudanças; depois da II Guerra mundial viu-se que a mão de obra feminina aumentou, em virtude da ausência masculina no mercado de trabalho (...). Assim, não podemos deixar de relacionar os aspectos históricos, provocadores de alterações nas relações familiares, que incidiram nos processos de aprendizagem dos filhos.

Como efeito da incidência dessas mudanças evidencia-se a ausência de suporte dos pais para com os filhos. O autor sublinha que na infância e adolescência esse apoio é crucial para o desenvolvimento dos filhos, e deve ser responsabilidade dos pais. Se a família consegue se organizar, poderá cumprir sua função de proteção dos seus membros (CASARIN, 2007). Diante de tais situações ocorridas, percebe-se que a família é imprescindível na formação da criança, pois, se ela passa por alguma situação conflituosa, isso influencia, profundamente, na qualidade de vida de seus membros.

Dessen e Polonia (2007) afirmam que a família gera força expressiva de influência na conduta das pessoas, principalmente das crianças. Por este motivo, Pinto (2008, p.3) elucida que:

Torna-se necessário contextualizar a família no cenário social, onde ela sofre importantes impactos que refletem em sua rotina de vida. De acordo com Sudbrack (2007), a família brasileira, enquanto objeto de políticas públicas, precisa ainda de um investimento que as priorize, não só nas políticas sociais, mas em suas necessidades globais de saúde, educação e cultura. A falta de políticas que integrem a família à escola, ou às medidas socioeducativas, ou mesmo um acompanhamento específico e clínico ao filho adolescente, apresentam significativas dificuldades no desenvolvimento cognitivo do adolescente.

A família tem passado por diversas mudanças na sociedade, destacam-se a redução do número de matrimônios e o número elevado de mulheres separadas com filhos. Outro fator preponderante é o ingresso da mulher no mercado de trabalho, exigindo que essa concilie seu papel de profissional e de mãe (CERVENY; BERTHOUD, 2008). Além disso, o auxílio dos

avós é fato que também tem estado presente nas famílias que passam por momentos de transição (DESSEN; BRAZ, 2000).

Diante destas mudanças no núcleo familiar, ocorre distanciamento entre pais e filhos; e isso, para Moraes, Lima e Fernandes (2014), reforça que as dinâmicas familiares se modificam em consonância com as transformações sociais. Destaca-se que as adversidades vivenciadas nas ligações familiares são significantes, como a ausência dos adultos em seus lares. No cotidiano da vida familiar, problemas vinculados às condições de trabalho de muitas mães, pais ou responsáveis. Para ajudar na renda em casa, os progenitores precisam deixar seus filhos sozinhos, aos cuidados de outras pessoas e transferir atividades educativas, que são de sua responsabilidade, para a escola (CASARIN, 2007; SOUZA; MOREIRA, 2013).

Dessen e Braz (2008) citam Stratton (2003), reforçando que as crianças também lidam com mudanças no ambiente familiar, pois em função da falta dos pais, precisam ter autonomia, cuidar de suas roupas e até lidar com alterações nos costumes de alimentação. Quando chegam em casa, após a escola, por exemplo, permanecem sozinhas.

Nesse sentido, as autoras Dessen e Braz (2008, p.113) mostram que diversos teóricos (MINUCHIN, 1985, 1988; DESSEN, 1997; KREPPNER, 2003) concordam que:

(...) a família é um sistema complexo, composto por subsistemas integrados e interdependentes, que estabelece uma relação bidirecional e de mútua influência com o contexto sócio-histórico-cultural no qual está inserida. A família é, também, vista como um dos primeiros contextos de socialização dos indivíduos, possuindo papel fundamental para o entendimento do processo de desenvolvimento humano.

Dessen e Braz (2008), além disso, afirmam que a família é vista como um ambiente que atua no crescimento vital da criança, além de ser um lugar de comunicação de costumes e de sabedoria, ao longo da criação. É neste âmbito que podemos destacar a relevância da participação da família no desempenho escolar dos filhos, uma vez que é através desta que se favorece a convivência recíproca e pessoal, como elos afetuosos, sendo um local de aconchego para os filhos.

Nessa mesma perspectiva, Lyra (2014, p.1 apud Kaloustian, 1988) afirma que “a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como se estrutura”.

Segundo Moraes, Lima e Fernandes (2014) a família consiste em um microsistema, na qual os filhos começam seus vínculos. Para Bronfenbrenner (1996), através das trocas

estabelecidas nesse sistema, se desenvolve a aprendizagem de um modelo de papéis, de interações, experienciado pela pessoa nos ambientes como: casa, creches e outros.

Desse modo, Silva et al. (2008) citam diferentes autores (BRADLEY et al., 1988; BROFRRENBRENNER, 1996; MARTURANO, 1999), que apontam a influência do ambiente familiar para o desenvolvimento da personalidade, pois, princípios, crenças e regras são transmitidos através do convívio contínuo entre as pessoas; assim, os filhos são meros receptores.

Na visão ecológica, os acontecimentos estressores presentes na família são relevantes para a compreensão de influências na aprendizagem durante o ensino fundamental, já que determinados eventos repercutem nas crianças e nos adolescentes.

Morais, Lima e Fernandes (2014) ressaltam que a presença dos pais é vital na evolução dos filhos adolescentes, na etapa em que esses buscam autonomia.

No entanto, se a família é atravessada por momentos de desordem ou dificuldades financeiras, matrimoniais, enfermidades, entre outros, esses fatores podem acarretar em um desequilíbrio no sistema familiar, refletindo no desenvolvimento escolar dos filhos e ocasionando um comprometimento no processo de aprendizagem.

Pratta e Santos (2007, p.251) abordam que o ciclo vital da família é caracterizado por “acontecimentos como nascimento, adolescência, casamento dos filhos, separações, doenças, perdas, entre outros, os quais causam grande impacto no contexto familiar”, com possíveis crises entre os membros da família.

Ainda, de acordo com esses autores, uma boa qualidade na convivência entre os membros, com equilíbrio e diálogo, é significativa na evolução dos filhos (PRATTA; SANTOS, 2007).

Segundo Moraes, Lima e Fernandes (2014, p.103-104):

(...) a família influencia de modo significativo no desenvolvimento dos adolescentes, de forma positiva estabelecendo relações de afeto e desfavorecendo como forma negativa. Assim sendo, a configuração da família como ela é estruturada e como “funciona” podem conceber um fator de risco ou de proteção ao desenvolvimento do adolescente. Então as famílias tanto podem amparar e acolher as necessidades dos filhos como podem ser negligentes, e não oferecer segurança e bem-estar para estes.

Então, a família unida consegue conduzir melhor seus conflitos e dificuldades, sendo ela a responsável pela educação dos filhos, independentemente da fase na qual se encontram, na infância ou adolescência. Se a família vivencia desarmonias no seu âmbito, os vínculos ficam

mais difíceis. Os progenitores devem acompanhar os filhos em todo seu percurso, sendo essencial a comunicação entre eles.

Oliva (2004, p.351) destaca que no período da adolescência “ocorrem importantes conflitos na relação do jovem com seus pais”, uma vez que, evidenciam-se situações de desobediências, atritos, gerando impactos para o adolescente e para a sua família. Para Antunes e Falcke (2010), o jovem não permanece só, esse é amparado pelos familiares, pela escola e pela comunidade. Nesses ambientes, pode-se oferecer suporte a ele ou não, para que as experiências sejam organizadas de maneira firme ou instável.

Ao mesmo tempo, é imprescindível que a família e a escola compreendam “as importantes mudanças que ocorrem no funcionamento e na estrutura cognitiva na adolescência” (PINTO, 2008, p.9).

Tais mudanças, pertinentes ao processo de desenvolvimento e de aprendizagem, acontecem na etapa de transição da infância para a adolescência, conforme discutiremos no próximo tópico.

1.2. O processo de desenvolvimento e aprendizagem na etapa da adolescência

O processo de desenvolvimento humano é complexo, pois abarca aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais, que repercutem na aquisição de habilidades e conhecimentos, ou seja, de aprendizado. Esse processo se dá na essência da pessoa, estando ligado às relações de troca que ela estabelece com o meio. Portanto, nas situações escolares, o interesse é necessário para que o educando se aproprie do saber (CABRAL, 2008).

Tem-se que, enquanto etapa de desenvolvimento, a adolescência é um momento de crescimento, de conflitos ou de tensões, marcado por um processo de transformações. Segundo Antunes e Falcke (2010), o adolescente vive a ausência da sua estrutura física de criança, e de seus progenitores, o que gera sofrimento para ele.

Conforme Griffa e Moreno (2001, p.24):

(...) a fase da adolescência, considerada como “baixa adolescência” inclui a puberdade que ocorre entre os 11 e os 12 anos nas mulheres, entre os 12 e os 13 anos nos meninos. A família continua a ser o centro da vida do adolescente embora ele comece a desprender-se dela. Já no período entre 12 e 13 anos e 16 anos é o estágio da adolescência propriamente dita ou média, que se constrói a identidade sexual definitiva e desenvolve-se a identidade pessoal. Neste período ocorre um distanciamento afetivo da família, que vai deixando de ser o centro da existência da pessoa. E o final do período da adolescência que considera adolescência final ou alta adolescência é difícil de ser situado

no tempo, varia de acordo com critérios que se adotam relevantes, como a inserção no mundo do trabalho, responsabilidade legal, separação dos pais.

Reforçando essa ideia de variação dos critérios de definição, Cervený e Moreira (2016, p.131) revelam que:

Biologicamente falando a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece a adolescência como a fase compreendida entre a infância e a fase adulta, variável de pessoa a pessoa, na qual há o aparecimento dos níveis (físico, mental e social). Porém, o fim da adolescência não é marcado por alterações fisiológicas como seu início, mas pela ordem sociocultural. A legislação estabelece a idade de 18 anos para a aquisição da responsabilidade penal e civil.

De acordo com as autoras supracitadas, a etapa da adolescência é marcada por crises evolutivas, que podem gerar mudanças no âmbito familiar. Essa trajetória da infância para a adolescência, na família, ocorre simultaneamente com o momento de “crise do meio da vida” dos pais.

Assim, segundo relata Cervený e Moreira (2016, p.26 apud CERVENÝ; BERTHOUD, 2010), os indivíduos “além de não reconhecerem a criança transformadora que já não necessita de tantos cuidados, também vivem a insegurança e a surpresa da idade”.

Nesse viés, para Aberastury (1992, p.14-15), quando o “adolescente aceita seus aspectos de criança e de adulto, ele aceita as mudanças do seu corpo, e começa a surgir sua nova identidade”.

Diante disso, Pratta e Santos (2007) consideram a fase da adolescência complexa, que abala todos os membros da família e, inclusive, os próprios indivíduos que passam por ela.

Papalia, Olds e Feldman (2006, p.455) reconhecem que, além das mudanças físicas na transição da infância para a adolescência, ocorrem transformações no crescimento intelectual, pois os adolescentes deixam de ter pensamentos imaturos em determinados aspectos e passam a ser “capazes de raciocinar de maneira abstrata e fazer juízos morais sofisticados, além de poderem planejar o futuro de maneira mais realista”.

Morais, Lima e Fernandes (2014) complementam que as alterações na adolescência abrangem aumento da compreensão racional, idealista e individualista, variações na escola, como nas relações de coleguismo, namoros e busca de autonomia.

Para Reis (2013), os adolescentes tendem a se relacionar mais com os amigos, com pessoas da sua idade, afastando-se da família. Entretanto, os progenitores devem estar próximos, estabelecendo boa comunicação.

Estudos na área da Psicologia abordam a necessidade de expandir pesquisas sobre a fase da adolescência. Há autores que destacam a importância de desfazer a ideia hostil de apontar a adolescência como um período conflituoso, principalmente para os profissionais que atuam com este público ou para familiares e demais pessoas que moram com os jovens (SANTOS; NETO; KOLLER, 2014).

Bock (2007) discute que a convivência entre os progenitores e seus filhos adolescentes pode ser complicada, pois os jovens querem se desprender dos pais nessa fase; e, ao mesmo tempo, os pais não querem perder autoridade. Além disto, os hábitos de ambos se tornam diferentes.

Outros pesquisadores alegam que a adolescência gera alterações na convivência com a família, mas que não são consideradas significativas (OLIVA, 2004).

Com relação à vida escolar dos adolescentes, revela-se que no Brasil, há um crescimento de crianças e jovens conduzidos, diariamente, para tratamento com psicólogo, em razão de problemas de aprendizagem (NEVES; ARAUJO, 2006).

De acordo com Antunes e Falcke (2010, p.53) “a dificuldade de aprendizagem pode configurar-se como um sintoma que reflete a busca de ajuda do adolescente para compreender situações e dificuldades que ele possa estar vivenciando”.

As autoras assinalam estudos sobre os jovens que apresentam ou não problemas de aprendizagem, cujos resultados sugeriram que os adolescentes, com maiores indicadores de baixo rendimento escolar, possuíam bloqueios emocionais, sintomas depressivos e ansiosos, conduta antissocial, distração, dificuldade cognitiva, preocupações, entre outros (ANTUNES; FALCKE, 2010).

Antunes e Falcke (2010) complementam citando Osório (2002) e Bronfenbrenner (1996), os quais apontam que os sinais dados pelos jovens são observados como indicadores de um provável conflito do âmbito doméstico; ponderando que as queixas de aprendizagem não se estabelecem de maneira pessoal, mas que podem cogitar demandas da fase da adolescência e pela relação família-escola.

Rodrigues (2010) destaca que os motivos do fracasso na aprendizagem podem ser vários, e que o termo “dificuldades de aprendizagem” muitas vezes está ligado aos problemas de conduta, letramento e questões sensoriais e físicas; e, também, pode ser um reflexo de carências da criança, resultantes de causas internas e externas, como ambientais e familiares.

Sena et al. (2014) revelam que é necessário identificar os motivos das dificuldades de aprendizagem para reduzir as queixas dos estudantes, visto que no Brasil há uma parcela extensa de alunos que passaram pelo período da alfabetização, a qual ainda não sabe ler e nem

escrever, de acordo com a série que cursa, sendo que essa situação se estende para o ensino médio.

De acordo com Drouet (2000), existem pelo menos sete fatores fundamentais para que a aprendizagem se efetive, são eles: saúde física e mental; motivação; prévio domínio; maturação; inteligência; concentração ou atenção e memória. Segundo Melo (2010), a falta de um desses aspectos pode ser a causa de insucessos e de dificuldades de aprendizagem.

Em conformidade, Pereira (2008) afirma que existem inúmeros elementos que desencadeiam uma dificuldade de aprendizagem: o ambiental, orgânico, psicológico, entre outros. De acordo com Paín (1992), estes fatores são fundamentais para serem levados ao diagnóstico de um problema de aprendizagem.

Torna-se relevante destacar que, diante das dificuldades dos alunos, é necessário compreender a realidade de vida deles, bem como a transição de um estágio ao outro no ciclo de vida familiar.

Ao mesmo tempo, a família precisa se comprometer na educação dos filhos, sendo essencial no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que os filhos se sentem mais motivados, seguros e dispostos a aprenderem, quando recebem o apoio de seus familiares. A ausência da participação da família no acompanhamento do processo de aprendizagem das crianças e adolescentes também pode intervir no desempenho escolar deles.

Segundo Lyra (2014), o acompanhamento dos pais é fundamental para que o trabalho da escola seja desempenhado. A autora ainda cita Coll, Marchesi e Palacios (2004, p.406), que afirmam que “a família é o contexto mais importante nos primeiros anos de vida da criança”. Assim sendo, percebe-se que o processo de ensino e aprendizagem deve ser uma tarefa da escola e da família.

Estudos abordam a ligação entre o âmbito doméstico e o processo da aprendizagem dos educandos, e que as crianças vão para a escola com uma série de aprendizagens que devem ser usufruídas (REIS, 2008).

Para Picanço (2012), o acompanhamento escolar diário dos pais permite que as crianças e os jovens tenham um desempenho acadêmico melhor, visto que os pais têm um papel importantíssimo na aprendizagem, no ato de ensinar os conteúdos em casa. Além disso, a autora ressalta a importância de estabelecer rotinas de estudo, tendo atitudes e um ambiente favorável à aprendizagem.

Outro aspecto que Picanço (2012) relata é a dificuldade da disponibilidade de horário dos pais para ficarem com os filhos. A autora traz a visão de Marques (2001), com orientações que auxiliam na prática de técnicas de participação dos progenitores nos estudos, como doarem

um tempo do dia para conversarem com os filhos sobre a escola, auxiliando-os nas atividades escolares. Enfatiza-se também o valor do comprometimento da família ao criarem um clima adequado à aprendizagem, como adquirir livros ou fazerem a leitura com os filhos.

De acordo com a mesma autora, a escola e a família, quando conectadas, conseguem enfrentar os problemas e cooperar para o progresso nos estudos de seus filhos.

Então, na ausência do suporte familiar, a escola passa a ser responsabilizada pelo acompanhamento dos educandos. Com isso, o processo de formação e educação das crianças tende a ser institucionalizado, delegando-se à creche ou escola funções que antes eram atribuídas às famílias (BIASOLI-ALVES, 2008).

Como nem sempre o diálogo entre essas duas instituições (família e escola) é preservado, há um comprometimento no processo de desenvolvimento dos educandos, muitas vezes, já prejudicado por questões do âmbito familiar.

Reis (2008, p.73) salienta que, inclusive,

As características familiares são relevantes na análise de toda uma série de comportamentos por parte das crianças e dos jovens. Estudos de grande amplitude levados a cabo após o ajustamento de variáveis como o sexo, a educação do progenitor, a residência e os rendimentos revelam que as diferenças na estrutura familiar comportam riscos diferenciais entre crianças oriundas de famílias biparentais e crianças oriundas de famílias monoparentais.

A autora sugere que as crianças de famílias constituídas pelo pai e mãe, cuja relação é estável, possuem mais probabilidades de êxito do que as de famílias monoparentais, pois os filhos que:

(...) passaram por uma situação de divórcio tendem a ter uma menor supervisão e um menor apoio da parte do progenitor que não detém a sua custódia, e, os filhos de pais solteiros tendem a viver experiências inconsistentes de educação, a passar menos tempo com o progenitor e a ser sujeitos a um menor controle social, do que as crianças oriundas de famílias intactas (REIS, 2008, p.73).

Há diversos arranjos familiares nos últimos anos, diferentemente de anos anteriores; sendo assim, a escola lida com essas diversas configurações, devendo auxiliar os alunos para que tenham um processo educacional íntegro (CARVALHO; NASCIMENTO, 2013).

Observa-se que essas novas configurações familiares surgem, muitas vezes, por influência da separação de casais. Nota-se que o divórcio, há duas décadas, era raro; atualmente, “50% dos casais escolhem o divórcio como solução para a insatisfação conjugal, apesar da sua

prevalência, poucos cônjuges estão preparados para o impacto” (PECK; MANOCHERIAN, 2001, p.291).

Martins (2010) estima que uma grande porcentagem das crianças passe pela separação dos pais antes da fase adulta. Há também uma tendência dos casais sofrerem com problemas de saúde física e mental, sendo que tais adoecimentos influenciam na vida dos membros familiares (ALBUQUERQUE, 2016).

Féres-Carneiro (1998) completa que nessa situação há impactos que podem gerar ideias de extermínio do outro (entre o casal), mas sugere que os pais devem manter uma relação sadia em função dos filhos, independente de casados ou não. Além disso, Casarin e Ramos (2007) denotam que, durante a separação, os anseios de perda são intensos, e se agravam quando o casal tem filhos. Em consequência, algumas crianças deparam com problemas escolares após o divórcio dos progenitores.

Considera-se ainda que “depois da puberdade os adolescentes já alcançaram um nível de maturidade que lhes permitirá evitar muitos dos efeitos negativos que têm para as crianças menores”, mas isso não quer dizer que não sofram (OLIVA, 2004, p.356). Os pais, independentes da condição civil, devem amparar os filhos para um melhor desenvolvimento emocional.

Outro fato agravante no âmbito familiar, que repercute no processo de aprendizagem, é o empenho dos pais no acompanhamento da vida dos filhos, que varia conforme a classe social e o nível de escolaridade dos progenitores. Quanto mais baixo é o grau de instrução dos pais, seja de família nuclear, reconstruída, monoparental, maiores serão as chances de evasão escolar dos filhos (BAYMA-FREIRE; ROAZZI; ROAZZI, 2015).

Ao mesmo tempo, Reis (2008) reforça que certos costumes dos pais influenciam positivamente no desempenho escolar dos filhos, como o ato de ler cotidianamente, distração como jogar, além da determinação de regras e a própria perspectiva de futuro para esses.

Compreende-se que a família pode influenciar de maneira positiva ou negativa em relação aos seus membros. Por essa razão destaca-se a relevância de seu comprometimento na vida dos filhos, para amenizar determinados impactos que surgem devido às mudanças no ciclo familiar e aos problemas que podem ocorrer, especialmente na fase da adolescência.

Preto (2008, p.244) afirma que, nesse período, há diversas transformações, envolvendo “três gerações de parentes, assim, nas famílias com adolescentes, o triângulo envolve: o adolescente, pai e a mãe, um dos pais e um avô, um dos pais e os amigos”. Esse é um momento em que as famílias passam por novas situações, com membros ingressando em novas etapas do ciclo de vida, o que pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem.

A seguir apresentam-se as reflexões sobre o ciclo vital familiar e a fase da adolescência.

1.3. Estudo sobre família com filhos adolescentes: uma etapa do ciclo vital

Pesquisas na área da Psicologia do Desenvolvimento com foco no ciclo de vida familiar concebem a definição de família numa visão sistêmica, considerando-a como um todo, no qual ocorre a interdependência entre seus membros e em suas inter-relações com o ambiente externo, num processo dinâmico, em que uns afetam aos outros continuamente, provocando mudanças e transformações no processo de desenvolvimento dos indivíduos que a ela pertencem. Nessa perspectiva, ‘as famílias com filhos adolescentes’ caracterizam uma das etapas do ciclo de vida familiar, daí a relevância de inclusão dessas contribuições teóricas para o presente estudo (CARTER; MCGOLDRICK, 2008; DESSEN; BRAZ, 2008; DIAS, 2011).

Para os teóricos que estudam o ciclo de vida familiar, a formação da família começa a partir da constituição do casal, o marco da primeira etapa do ciclo. Posteriormente, ocorrem mudanças com o nascimento dos filhos, e na sequência, com o crescimento dos filhos, definem-se as outras etapas, quando esses se tornam jovens, e, depois, adultos. “O processo repete-se quando o primeiro filho sai de casa e forma nova família. O sistema altera-se, forma-se outro, as relações tornam-se mais abrangentes, constituindo-se um novo sistema familiar” (DIAS, 2011, p.144).

Carter e Mcgoldrick (2008) afirmam que o ciclo de vida individual ocorre dentro do ciclo familiar, que é o elemento principal do desenvolvimento humano, e seus entroncamentos constituem a trama da vida familiar, sendo relevante para a compreensão dos problemas psíquicos que os indivíduos desenvolvem.

As autoras destacam também a análise de Duvall (1977), que separa o ciclo de vida familiar em “oito estágios referentes aos eventos nodais relacionados às idas e vindas dos membros da família: casamento, o nascimento, educação dos filhos, a saída dos filhos do lar, aposentadoria e morte” (CARTER; MCGOLDRICK, 2008, p.8).

Cervený e Moreira (2016, p.128) recorrem a estudos realizados com as famílias brasileiras, para indicar a divisão do:

(...) ciclo vital familiar em quatro fases e entre cada uma delas inclui um período de transição. Nominou-as de fase de aquisição, fase adolescente, fase madura, fase última. (...) A cada uma dessas fases do ciclo vital familiar há o predomínio de determinados aspectos na vida do par parental. Para ela, o ciclo familiar se inicia com a decisão da união conjugal e a divisão em fases seguiu alguns parâmetros, segundo a idade dos pais, dos filhos, ou o tempo de união de um

casal, por exemplo. Do mesmo modo, entende que o termo final do ciclo familiar é marcado pelo evento da morte de um dos membros da relação.

De acordo com Dessen e Braz (2008) a descrição de estágios do ciclo de vida nos aproxima de realidades importantes do processo de desenvolvimento humano, definindo características próprias de cada período, o papel e os problemas de cada fase, tanto da família quanto de seus membros. Aspesi, Dessen e Chagas (2008) complementam que esses estágios consistem em um aglomerado de modelos comportamentais e aptidões de determinada idade ou etapa do ciclo de vida do indivíduo.

O conceito de Ciclo Vital Familiar tem sido muito utilizado como referência para se trabalhar com as famílias, especialmente, pois os estresses no âmbito doméstico incidem nos momentos de passagem de uma etapa para outra do ciclo de vida, causando “mal-estar” nas relações (CARTER; MCGOLDRICK, 2008).

Em conformidade, as autoras Cerveny e Moreira (2016, p.124) afirmam que a relação entre a “família e a adolescência gera reflexões sobre a cultura e a história da família, do seu ciclo vital, do seu ciclo individual dos componentes”.

Cerveny e Berthoud (2008) revelam que durante as fases do ciclo vital familiar ocorrem situações do cotidiano, tais como: dificuldades em conciliar o matrimônio e o trabalho, inquietações devido às questões socioeconômicas, eventos impactantes e separações, os quais originam momentos de tensões, que podem gerar mudanças significativas na família.

Observa-se que a família tem seus valores essenciais como instituição e lugar de amor e união. Além de ser referência na construção de identidade, ela vem se transformando; e, novos arranjos e dinâmicas são avaliadas bem mais como benéficas do que como prejuízos de um modelo de “família ideal”. Desse modo, o apego e a conversa, enquanto princípios da família atuam como forma de manutenção das relações entre os membros (CERVENY; BERTHOUD, 2008).

Refletir sobre o ciclo vital da família se faz necessário, devido às suas modificações estruturais e funcionais, ocorridas na contemporaneidade, as quais propiciam compreender a fase que a família pode estar vivenciando e os eventos que ocorreram; demonstrando os problemas e os possíveis impactos no contexto dessas. O ciclo vital familiar é constituído de muitas etapas, sendo essas determinadas por momentos vivenciados pela família. Deste modo, se crê que “qualquer pesquisa sobre a família tem que levar em consideração a etapa do ciclo de vida pela qual está passando” (CERVENY; BERTHOUD, 2008, p.36).

Entre as possíveis vivências de famílias com filhos adolescentes, destaca-se o fato dos progenitores estarem numa idade um pouco mais avançada, com eventuais mudanças, tais

como: enfermidades, falecimento de avós, dentre outros desafios e temores que os pais e os adolescentes podem passar. Os adolescentes, por sua vez, vivenciam modificações quanto à sexualidade, à personalidade e à autonomia. Essas alterações assinalam sensação de perda (LUIZI; CANGELLI FILHO, 2010).

Falceto e Waldemar (2007, p.60) afirmam que na trajetória da vida familiar acontecem inquietações de desenvolvimento do indivíduo, surgindo dificuldades e sintomas psíquicos, devido às influências da “história trigeracional, e também pelo meio social, cultural e econômico”, que afetam as vivências da família.

Nesse sentido, Pratta e Santos (2007) mostram que os pais e os filhos estão em momentos diferentes de mudanças; ou seja, os adolescentes questionam normas familiares, se inquietam com o futuro, enquanto os pais se deparam com uma fase de incerteza profissional. Assim, há um encontro entre o ciclo vital da família e o de seus componentes; cada fase abarca uma transição, bem como modificações no desenvolvimento singular e familiar.

Levy (1997) aborda que no momento de transição das fases ocorrem alterações nos papéis que os indivíduos ocupam em relação aos outros membros da família. O adolescente sofre momentos de inconstância, resultando em mudanças de seu papel no seio familiar, assim como também no dos pais.

A autora aponta ainda que quando os filhos alcançam a adolescência, geralmente, os pais atingem a idade entre 40 a 50 anos, e se sentem afetados pelas mudanças percebidas em seus filhos adolescentes, incluindo o afastamento deles. Para ela, neste estágio de vida, os pais “atravessam por vezes uma crise, denominada por Erickson ‘crise do meio da vida’ ou ‘crise da maturidade’, altura em que fazem o balanço da própria vida, do que passaram, do que lhes resta para viver e como organizar o futuro” (LEVY, 1997, p.209).

Então, o grau de estresse familiar é comumente maior na transição de um estágio para o outro (CARTER; MCGOLDRICK, 2008).

Enfatiza-se que para melhor compreensão sobre o estudo da família, além da teoria do ciclo de vida, a contribuição da teoria sistêmica se faz necessária, pois se, “constitui num dos principais arcabouços teóricos para a compreensão da família como um sistema complexo” (DESSEN; BRAZ, 2008, p.114).

Para Gomes et al. (2014, p.14), citando Kreppet (2000), isso implica em “entender a família como um sistema complexo, composto por vários subsistemas que se influenciam mutuamente, tais como o conjugal e o parental”.

Sendo vislumbrada enquanto um sistema, Teixeira (2005) considera que a família é menos complexa em estágios iniciais da vida, tornando-se mais complexa como um resultado

do aumento de seu tamanho, a partir de todas as mudanças e adaptações ocorridas. Quanto à sua organização, a autora revela que o sistema, seus subsistemas e o ambiente são interdependentes. Ou seja, todas as mudanças que ocorrem em um deles afetam os demais.

Já os ambientes constituem um conjunto que incluem as estruturas naturais e físicas, a cultura, os valores e as instituições sociais, os quais são influenciados pelo indivíduo. Desse modo, as mudanças que ocorrem com o adolescente, por exemplo, são afetadas aos seus pais, e vice-versa.

Andrada (2003) ressalta o modelo sistêmico como apreensão dos sistemas humanos, que consiste na família, empresa, sala de aula, que enfoca na composição de um sintoma e seu papel no sistema. Para ela, a teoria traz uma inovação na análise das dificuldades como no processo da aprendizagem. Então,

Reconhecendo que o paradigma sistêmico ultrapassa o paradigma linear de causa e efeito onde “um aluno não aprende, porque é deficiente”, o significado e o entendimento que o sistema escolar dá à dificuldade de aprendizagem podem ser transformados quando professores e pedagogos se colocam como sujeitos que também constroem e mantêm o problema. Consideram se, portanto, o contexto e as relações estabelecidas com esse educando, assim como a significação acerca do que se mostra ser o “problema de aprendizagem” (ANDRADA, 2003, p.172).

Considerando as proposições da autora, a perspectiva ciclo de vida e a visão sistêmica da família, se reconhece que mudanças e conflitos que ocorrem no âmbito familiar podem repercutir no vínculo entre a família e a escola.

A partir dessa compreensão, passa-se à síntese de reflexões acerca da relação família e escola no âmbito da legislação escolar.

1.4. Relação família e escola: contribuições da legislação escolar

A família, independentemente de seu arranjo familiar, é essencial na educação e na criação de seus filhos. Leite e Gomes (s/d) abordam a importância da participação da família no contexto escolar, sendo reconhecida na legislação nacional.

Deste modo, é relevante destacar como a relação entre família e escola pode ser eficaz no desenvolvimento dos alunos, assim como é reconhecido pela legislação educacional vigente: Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), de 1996, e o Plano Nacional da Educação (PNE), de 2014.

O ECA, lei nº 8.069 de 1990, em seu art. 4º, afirma ser obrigação da família, da sociedade e do poder público garantir a concretização dos direitos respectivos “à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (s/p).

A LDBN, lei nº 9.394 de 1996, em seu art. 1º, assegura que:

Os processos formativos da educação se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, e nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (s/p).

O atrelamento entre família e educação é confirmado em seu art. 2º, em que a educação é vislumbrada como “dever da família e do Estado e que tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (s/p). Mas na constituição de 1988, assegura-se que a educação é um direito de todos os cidadãos, sendo deveres do Estado e da família, ou seja, é encargo do poder público o serviço educacional, bem como a família é corresponsabilizada pela tarefa de educar seus filhos.

Contata-se que na LDBN a família aparece em primeiro lugar, enquanto na Constituição o papel do Estado é destacado. Configura-se aqui novamente a necessidade de distinção sobre qual o papel de cada instância.

Já o PNE, instituído pela lei nº 13.005, de 2014, traz uma importante contribuição no que diz respeito ao acompanhamento do educando, sugerindo a aproximação da escola com as famílias. Entre suas orientações, sugere a criação de:

(...) mecanismos para o acompanhamento individualizado dos (as) alunos (as) do ensino fundamental; (...) incentivar a participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento das atividades escolares dos filhos por meio do estreitamento das relações entre as escolas e as famílias (...) (BRASIL, 2014, p.52).

Faria Filho (2000, p.44) aponta a complexidade de fatores a serem analisados nessa relação entre família e instituição de ensino:

(...) a prática pedagógica dos professores e gestores da escola põe em evidência um fato: a forma e a intensidade das relações entre escolas e famílias variam enormemente, estando relacionadas aos mais diversos fatores (estrutura e tradição de escolarização das famílias, classe social, meio urbano ou rural, número de filhos, ocupação dos pais, etc.).

Em cada contexto emergem diferentes aspectos que, atrelados às mudanças sociais ocorridas, limitam as possibilidades de execução das indicações propostas no PNE. Mas não se

nega a relevância de aproximação dos pais no processo de ensino (CARVALHO; NASCIMENTO, 2013), entretanto, no cenário educacional do país o comprometimento dos familiares no contexto escolar ainda é uma novidade.

Diante dessa realidade, Resende e Silva (2016) revelam que o Ministério da Educação (MEC) estabeleceu no ano de 2001 o “Dia Nacional da Família na Escola”, com a finalidade de envolver a comunidade, bem como progenitores, educadores e diretores nas atividades escolares.

Leite e Gomes (s/d, p.3) citam a visão de Gokhale (1980), salientando que:

A família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social, e a educação bem-sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto.

Segundo Dessen e Polonia (2007), a família e a escola são espaços de aprendizado e de crescimento. Analisar esses ambientes é relevante, para assim compreender as possíveis desordens que ocorrem nas relações vivenciadas nessas instituições, cruciais para o desenvolvimento dos alunos.

Deve-se ressaltar ainda como a escola e os educadores utilizam os conhecimentos que os estudantes têm em casa; então, a escola deve aproveitar as experiências de casa para conduzir as aptidões necessárias ao ensino. Estudos apontam que esse distanciamento entre os programas e currículos e a realidade dos jovens geram sérios comprometimentos na formação destes e na elaboração de seus projetos de vida (ALVES; DAYRELL, 2015; LOPES, 2018).

Dazzani e Faria (2009) revelam que, no Brasil, o baixo rendimento escolar tornou-se um desconforto dos docentes e do Estado, a partir das propostas de planos para o analfabetismo, nas décadas de 1960 e 1970, e da massificação da educação pública.

Quando a aprendizagem não se produz e a escola não consegue desempenhar seu serviço, os docentes e políticos são coagidos a compreender melhor o método pedagógico; e, a partir disso, buscar a superação dessas questões.

Observa-se que as mudanças vivenciadas pela sociedade, ao longo dos anos, repercutiram na família e na escola, tendo como efeitos reclamações de progenitores e de educadores quanto às dificuldades em ensinar os alunos (CASARIN; RAMOS, 2007).

Os autores Dazzani e Faria (2009) recorreram às contribuições de Soares (2007) para afirmar que estudos sobre a educação assinalam que os causadores do baixo rendimento escolar permanecem fora do domínio da escola. Algumas investigações indicaram descrença

educacional e que essa instituição pondera pouco na explicação da variação do rendimento dos educandos.

Neste contexto, o MEC, por meio do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), de 2017, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), revelou que mesmo com progressos nas etapas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, a condição do processo da aprendizagem no Brasil está abaixo do esperado no nível básico. Houve rendimentos favoráveis no ensino fundamental (anos iniciais), havendo uma melhora no desempenho, tanto em português quanto em matemática, em todas as unidades da Federação. Em contrapartida, no ensino médio, os resultados demonstram baixos níveis de aprendizagem.

Assim, o MEC divulgou uma apresentação do Saeb, em que a presidente Maria Inês Fini defende a elaboração de novas medidas como exemplos do novo ensino médio; a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); Mais Alfabetização e o Ensino em Tempo Integral, para o progresso no sistema da educação básica do país (BRASIL, 2018).

Dessen e Polonia (2007) destacam a necessidade de mudanças no projeto pedagógico das escolas, nos tipos de avaliação, além da adoção de estratégias no processo ensino-aprendizagem, as quais possam abranger a família, efetivando a presença dos pais, pois essa ainda é uma questão no âmbito da educação nacional.

Percebe-se, mediante isso, a necessidade de implementar as legislações e políticas públicas contundentes, vinculando não só a obrigatoriedade estatal e social, mas também a família.

Enfatiza-se que não se trata de responsabilizar ou culpabilizar apenas a família, porém evidencia-se a importância do engajamento dos pais na escolarização dos filhos, pois, se pressupõe que a participação mais efetiva dos progenitores no ambiente escolar pode dirimir problemáticas afetas ao contexto educacional dos seus filhos, visando estimular o bom rendimento deles. Mas nesse caso, o movimento por parte das instituições de educação, de promoverem a abertura para maior participação das famílias, e o suporte para aquelas que tenham limitações, torna-se imprescindível.

Além da aproximação entre família e escola, considerada nas legislações já mencionadas, outras reflexões que envolvem o contexto escolar são significativas por influenciarem no desempenho escolar dos alunos.

Sendo assim, no próximo tópico, apresentam-se algumas dessas.

1.5 Questões do contexto escolar que afetam os alunos

Bremberger (2010) salienta problemas que, de maneira geral, ocorrem em todo ambiente escolar, como: evasão escolar; queixas escolares; problemas em sua estrutura e na metodologia empregada. Entretanto, não se deve imprimir conformismo a esses.

Souza, Lopes e Silva (2013) trazem as contribuições de Rogers (1951; 1959) e Larrosa (2004), evidenciam, entre as dificuldades da escola, as questões estruturais. Os autores sugerem que a escola deva propiciar adequada estrutura física e psicológica para o processo da aprendizagem, além disso, ressaltam que a sala de aula deve oferecer afeto para que o educando se sinta confortável diante de suas convicções.

Alves (2010) relata apontamentos relativos às condições de aprendizagem dos alunos, refletindo que as atividades do cotidiano escolar exigem ampliar a visão sobre as coisas, ou seja, buscar a realidade desse lugar. Ao mesmo tempo que necessita apreender a não olhar de maneira distante, sendo preciso examinar todo ambiente educacional. A partir disso, percebe-se o trabalho de discentes e as condições reais de aprendizagem dos alunos.

Barroso (2011) discorre sobre a relevância de rever a peculiaridade do aluno. Além disso, a afinidade entre educador e educando, uma vez que, aqueles que apresentam muitas dificuldades vão se sentir mais protegidos.

Ademais, Papalia, Olds e Feldman (2013) trazem a visão de Samdal e Dür, (2000), que defendem a tese quando o jovem percebe o auxílio do educador, o processo de aprendizagem se torna mais eficaz, pois, com isso, ele se sente mais interessado.

Outro importante aspecto, de acordo com Dessen e Polonia (2007), é que as escolas carecem de fortalecer a relação entre pais e docentes, como o conselho escolar, adotando medidas que propiciem aos progenitores se comprometerem na educação dos filhos, auxiliando a escola.

É relevante abordar, no enfrentamento do fracasso escolar, outra situação que emerge com frequência, e que diz respeito à indicação de medicamentos para crianças e adolescentes para reduzir a problemática das queixas escolares.

Segundo os autores Braga e Morais (2007, p.36) apud Collares e Moysés (1986):

(...) existe atualmente uma patologização do processo ensino-aprendizagem. Buscam-se soluções médicas para problemas eminentemente sociais, o que se reflete numa tendência à medicalização e à psicologização dos problemas escolares, que são encaminhados para as Unidades Básicas de Saúde numa busca de resolução, já que as causas dos problemas de rendimento escolar são atribuídas aos pais ou à própria criança. Tais ações acabam por culpabilizar

apenas o aluno pelo seu "fracasso", isolando-o do sistema público de educação, que também contribui para a criação e a manutenção do problema.

De acordo com essas autoras, as dificuldades de aprendizagem, bem como problemas de comportamento, aparecem em consequência de condições vividas pela criança, como uma família desestruturada, a pobreza e a carência afetiva (BRAGA; MORAIS, 2007).

Entretanto, a patologização dos comportamentos das crianças e adolescentes tem sido um problema vigente na sociedade atribuindo como “doentes”, apesar de que estão relacionadas a outros aspectos. Deve-se levar em conta outras situações que podem gerar queixas escolares; não somente fatores orgânicos e emocionais da criança, mas também as demandas socioculturais, econômicas e educacionais.

No sistema educacional existem obstáculos há anos, conforme aponta Goldemberg (1993, p.66), devido à desigualdade na distribuição da renda e por outras dificuldades, como exemplo: “a pesada herança da escravidão tem consequências de longo prazo para a evolução do sistema educacional porque cria problemas específicos para a extensão do acesso à escola”.

De fato, em Minas Gerais ainda existem comunidades quilombolas ou descendentes de afro-brasileiros ou mesmo de contextos rurais que vivem em condições muito precárias, com uma defasagem de acesso a recursos e assistência de políticas que permitam a adequada alfabetização dos membros desses grupos, ou que viabilizem o acesso desses às instituições de educação, o que acaba por promover a evasão escolar. Essas questões, que são de cunho político, econômico, histórico e cultural, acabam por expressar a diversidade de aspectos a serem enfrentados pelos gestores e professores no contexto escolar.

Auriglietti (2014) denota que o abandono e a evasão são dilemas enfrentados pela equipe pedagógica, como professores, diretores, visto que não basta apenas se preocupar com a qualidade de ensino, mas faz-se necessário construir estratégias para manter os alunos na escola. Obviamente, esses problemas geram repercussões para a própria sociedade.

Brom e Aguiar (2010) apontam que o fracasso escolar pode decorrer ainda de certas condutas pedagógicas e devido à incapacidade de alguns educadores no exercício profissional.

Bremberger (2010) revela que há uma inquietação entre profissionais e pesquisadores da área educacional quanto ao direcionamento de alunos com queixas escolares ao tratamento através de fármacos, transferindo a responsabilidade do baixo desempenho escolar para o estudante, justificando-o como uma resultante de aspectos emocionais.

Dazzani et al. (2014) salientam que é necessário reavaliar a atribuição do aluno e de familiares pelo baixo rendimento na escola. Nesse sentido, os autores Brom e Aguiar (2010)

revelam que o estudante, muitas vezes, é tido como culpado, e responsável por suas dificuldades, enquanto os educadores e a escola ficam alheios à situação.

Bentes, Colares, Soares (s/d) mencionam que a ligação entre a escola e a família é relevante para a coordenação escolar, mas, às vezes, o gestor possui uma conduta opressiva aos demais profissionais, o que dificulta, em muitas ocasiões, a sua participação; e, da mesma forma, a da família, sem considerar os benefícios desse vínculo.

Ressalta-se também que, muitas vezes, a escola não repassa para os pais orientações didáticas, o que é uma negligência. Assim, a escola, não informa a situação do aluno e deixa de tomar medidas educacionais em cooperação com os pais, além de não reconhecer seus erros (CASARIN; RAMOS, 2007).

Visto que determinados alunos necessitam de um olhar diferenciado sobre as questões pedagógicas, e, além disso, de suporte emocional, pois dificuldades apresentadas estão interligadas em função de vários fatores e podem ser amenizadas se estes receberem atenção adequada, não necessariamente de especialistas, mas sim de professores e pais.

Freire (1996) ressalva como determinada atitude do professor pode refletir na vida de um aluno, pois, para ele, o ato de ensinar exige mudanças, simplicidade, comprometimento, equilíbrio e respeito aos conhecimentos do aluno.

Dazzani e Faria (2009) afirmam que a metodologia pedagógica é fundamental para favorecer o bom rendimento escolar, visto que, hoje em dia, na educação pública no Brasil prevalecem resultados inferiores em relação à aprendizagem. Ao mesmo tempo, devem-se ter progressos em políticas na educação. Então, a avaliação pedagógica seria relevante para um plano e intervenção futura.

Contata-se a complexidade dos aspectos evidenciados no contexto escolar, e que repercutem no desempenho do aluno. Mais do que julgar os profissionais e os gestores das instituições, o ponto central seria o de identificar mecanismos de ação que possam minimizar os danos causados por problemas relacionados ao contexto escolar.

CAPÍTULO 2

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresenta o caminho metodológico desta pesquisa, incluindo as descrições sobre o tipo de pesquisa, local de estudo, instrumento de coleta e de análise de dados.

2.1. Tipo de Pesquisa

Este estudo fez uso da abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, através da realização de um estudo de casos múltiplos.

De acordo com Marconi e Lakatos (2007), a pesquisa qualitativa favorece o levantamento de dados descritivos, proporcionando uma apreensão da realidade, do cotidiano das pessoas, e permite ser exploratória, considerando-se os fatores subjetivos, como a análise de costumes e estilos.

Já o estudo de caso, segundo Gil (2008), se caracteriza pela análise aprofundada, de modo a permitir o conhecimento amplo e detalhado de um fenômeno, vivenciado por uma ou mais pessoas; referindo-se à condição do contexto em que está sendo feita determinada investigação.

Neste sentido, Yin (2001) enfatiza que a investigação pode ser tanto de caso único quanto múltiplo. Yin (1994) afirma também que no estudo de caso investiga-se um acontecimento presente da vida real. Assim, o pesquisador deve estar apto para atuar como “investigador”, preparando-se através do estudo teórico, e ter clareza acerca dos dados a serem coletados.

2.2. Local de Estudo

O local em que se propôs a execução deste estudo é uma cidade do interior, situada na Zona da Mata Mineira. Por motivos de sigilo de dados não se divulgou o nome do município e da Escola.

Entretanto, caracterizou-se a cidade e a escola, a fim de favorecer a compreensão do contexto estudado. A cidade mencionada possui uma população de 8.707 habitantes, de acordo com os dados estatísticos do IBGE (2010).

Nela não existem instituições de educação superior, mas cursos promovidos pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER), direcionados para a formação e capacitação profissional.

No que diz respeito à economia do município, a cidade possui fábricas de estofados, de tijolos e de alimentos, com produção de massas, fubá e laticínios. A região inclina-se também para a produção agrícola e pecuária, com prevalência de ocupações mais operacionais. Quanto à renda, de acordo com o IBGE, em 2015, o salário médio mensal da população era de 1,5 salários mínimos.

No aspecto cultural, há uma carência de iniciativas derivadas das instituições públicas, tem-se a banda de música e projetos do CRAS, como oficinas temáticas. Nas instituições privadas existem academias com aulas de Balé, cross infantil (atividade física), zumba, entre outras. Essas são atividades de lazer nas quais crianças e jovens se inserem.

Em relação à educação, o município possui seis escolas: três municipais e três estaduais. Das escolas municipais, duas estão na zona rural e outra na área urbana. Todas atendem às séries iniciais do ensino fundamental, de 1º ao 5º ano, totalizando 409 alunos na rede municipal, conforme informações da Secretaria de Educação da cidade.

Já entre as escolas estaduais, duas estão localizadas em distritos do município e uma na zona urbana. Essa última é onde se realizou o presente estudo. Trata-se de uma Escola Estadual – a única do município –, que atende às séries finais do ensino fundamental, e possui ensino médio.

Fundada em 15 de dezembro de 1965, a escola em questão localiza-se no centro da cidade e conta com equipe pedagógica formada por: um diretor; um vice-diretor; dois supervisores; sete Assistentes Técnicos de Educação Básica - ATB's; dez Auxiliares de Serviços de Educação Básica - ASB's e trinta e sete professores.

De acordo com dados da secretaria da referida escola, no ano de 2018, 606 alunos foram matriculados. Os dados disponibilizados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) demonstram que, desde 2007, a escola tem atingido a meta nacional do Governo.

Em 2017, no último índice do IDEB divulgado, a escola foi considerada com nível satisfatório, com resultados acima da média do Estado de Minas Gerais: proficiência (5,6). Esse índice é desenvolvido para verificar a qualidade do aprendizado nacional e determinar objetivos para o progresso do ensino.

É importante destacar que a escola faz avaliações internas que detectam o nível de desempenho escolar dos alunos, como a prova do Programa de Ações Extensionistas (PAAE), aplicada aos alunos do sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. Além de participar da “Prova Brasil”, que é a avaliação para diagnóstico em larga escala, destinada a alunos do quinto ao nono ano.

Ademais, a referida instituição realiza, no mínimo, doze reuniões pedagógicas por ano, nas quais os pais são convidados a participar de seis. Contudo, há projetos, de frequência anual, que envolvem a participação da família dos alunos, como eventos do dia “Sete de Setembro” e, ainda, a “Semana de Educação para a Vida”, com palestras educativas em parceria com profissionais da saúde, entre outros (SECRETARIA DA ESCOLA, 2017).

Optou-se por desenvolver o presente estudo na escola mencionada, pois durante a atuação como psicóloga na Unidade Básica de Saúde desse município, a pesquisadora recebeu inúmeros encaminhamentos de alunos com dificuldades de aprendizagem, principalmente da turma do 7º ano, do turno da manhã em que foi realizada a coleta dos dados. Essa turma tem um número elevado de alunos, como 43 alunos, pois houve transferências de mais quatro alunos de uma escola particular em cidade vizinha para a mesma. A supervisora relatou mudanças como no mapeamento da sala visando melhorias. Ainda evidenciou-se que há um número elevado de alunos dessa turma que residem na zona rural.

Outro aspecto que reforça essa escolha é que poucas pesquisas ocorrerem no município em questão.

2.3. Caracterização dos participantes da pesquisa

O presente estudo foi realizado com adolescentes que estão matriculados no 7º ano do turno da manhã que manifestaram interesse em participar da pesquisa e com suas famílias, mediante autorização dos pais ou responsáveis por meio da carta de autorização (Apêndice I).

Participou da pesquisa também a supervisora pedagógica, com o intuito de identificar como a escola percebe o desempenho de seus alunos.

A escolha da turma para a pesquisa surgiu a partir dos encaminhamentos de alunos na faixa etária de 12 anos e que cursam o 7º ano para o Setor de psicologia, com queixas relacionadas a questões escolares. Convidou-se toda a turma do 7º ano, composta por 43 alunos para participar do estudo. Somente 11 familiares aceitaram participar da pesquisa, com 11 alunos participantes. Como representantes da escola, foram convidados membros da equipe

pedagógica, mas os professores não se disponibilizaram a participar das entrevistas, com alegações de falta de tempo. Por este motivo, apenas a supervisora pedagógica concedeu entrevista, com informações sobre todos os alunos envolvidos no estudo.

Dos 11 alunos participantes, nove residiam na zona rural da cidade, e duas (1-F e 5-F) na área urbana. Como a escola localiza-se no centro do município, há facilidade de acesso para os alunos que residem na cidade. Porém, os que residem na área rural, dependem do transporte escolar para terem acesso à mesma.

Ao receber a autorização dos pais, a pesquisadora fez o contato inicial para agendamento das entrevistas, que foram realizadas nos domicílios das famílias ou no local de trabalho da pesquisadora, por ficar localizado na área central da cidade.

A entrevistadora manteve bom contato com os pais e com os adolescentes, e eles demonstraram disponibilidade em responder às questões solicitadas.

Alguns pais inicialmente ficaram receosos por não saber responder às perguntas. Uma mãe (10-F) demonstrou resistência, a princípio, de participar da entrevista, mas logo superou as suas preocupações, conseguindo estabelecer um bom vínculo com a pesquisadora e relatar suas percepções.

Ao todo participaram da pesquisa, 11 pais, 11 alunos e a supervisora, resultando em 23 participantes. Porém, foram realizadas entrevistas com 11 alunos, 11 com familiares dos alunos e 11 com a supervisora, tendo em vista que ela concedeu entrevistas individuais relativas a cada um dos discentes participantes.

A seguir são explanados os instrumentos de coleta dos dados.

2.4. Instrumentos de Coleta dos Dados

A coleta de dados foi realizada em três etapas, pois demandou a escuta dos diferentes sujeitos que lidam com o problema investigado.

Na primeira etapa, os dados foram coletados com as famílias dos adolescentes por meio de entrevista semiestruturada, fundamentada em um roteiro (Apêndice A) com questões que permitiram identificar as condições de vida e caracterizar o perfil delas, bem como suas percepções sobre o desempenho escolar dos jovens.

As entrevistas foram realizadas nos domicílios dos envolvidos ou em locais que eles acharam convenientes. Elas foram devidamente gravadas, com o consentimento dos entrevistados.

Na segunda etapa, para a coleta de dados com os adolescentes, foi realizada uma entrevista semiestruturada, no mesmo local dos pais (Roteiro - Apêndice B), sendo possível conhecer a percepção que os adolescentes tinham sobre o contexto escolar, a saber: o seu próprio desempenho e suas dificuldades de aprendizagem.

Na terceira etapa, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a supervisora pedagógica na escola (Roteiro - Apêndice C), a fim de compreender a percepção da instituição sobre o rendimento escolar dos alunos participantes.

É importante ressaltar que se optou pela entrevista semiestruturada, pois ela ajusta perguntas do tipo “fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2010, p.64).

Para sua aplicação, o roteiro é essencial, pois, conforme Manzini (2003), ele ajuda o pesquisador a administrar uma entrevista para alcançar o objetivo pretendido; pois, por ter um formato de interação social, ela pode ser parcialmente orientada por meio desse recurso.

Compreendidos os procedimentos de coleta, a seguir, são apresentadas as considerações éticas desta pesquisa.

2.5. Considerações Éticas

A coleta de dados teve início após a avaliação favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da UFV - Universidade Federal de Viçosa.

Conforme exigido pelas normas e critérios em pesquisa com seres humanos, de acordo com a Resolução CNS n.º466/12, elaborou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice E, F), sendo que esse foi preparado e assinado pela supervisora pedagógica e pelos pais dos alunos, de igual maneira, o Termo de Assentimento foi assinado pelos adolescentes (Apêndice G).

A autorização para a realização da pesquisa na escola se deu por meio do Termo de Autorização (Apêndice H), que permitiu a realização da pesquisa com os funcionários e estudantes. Em conformidade com os procedimentos éticos, as pessoas envolvidas poderiam interromper a participação delas a qualquer momento.

A seguir, apresentam-se os procedimentos adotados para a análise dos dados.

2.6. Análise dos Dados

Para Gomes (2010), a fase da análise significa ir de encontro ao desconhecido, que estará descrito nos relatos, a fim de verificar as semelhanças entre as partes que foram decompostas e fazer a interpretação, procurando o significado dos discursos e atingir a compreensão do fenômeno pesquisado.

Sob esse viés, os dados foram tratados e analisados de forma descritiva, através da análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin, utilizando-se, ainda, as contribuições teóricas sobre o ciclo de vida familiar e sobre as dificuldades de aprendizagem.

O método de Bardin (2011) engloba três etapas de análise, são elas: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados, compondo ainda pela inferência e a interpretação.

Em linhas gerais, a primeira etapa sugerida por Bardin (2011) é a pré-análise, que é composta pelos seguintes passos:

- a) leitura “flutuante”: consiste no contato com as informações da coleta de dados. É o momento de ler todo o conteúdo das entrevistas;
- b) escolha dos documentos: quando se realiza a demarcação e define o material que será analisado;
- c) formulação de hipóteses: A partir dessa leitura inicial dos documentos;
- d) referenciação dos índices e elaboração de indicadores: que define os indicadores por meio de recortes de texto nos documentos em análise; a fim de interpretar os dados;
- e) preparação do material.

A segunda etapa proposta pela autora é a exploração do material em que se busca encontrar categorias nos conteúdos manifestos. Nessa fase, ocorre a codificação e a categorização. A codificação é definida por Bardin (2011, p.133) como a “transformação efetuada segundo regras precisas dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão”.

Essa transformação consente conhecer as características do texto que poderão servir de índices. Em seguida a demarcação das unidades de registro e análise, por meio da codificação, o próximo passo é a categorização. As categorias, conforme Bardin (2011, p.147), “são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registros)”.

A terceira etapa é composta pelo tratamento dos resultados, que é quando “o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências, e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos” (BARDIN, 2011, p.131).

Então, à luz do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), foi concluída a leitura do material coletado e feita a sua organização. Essa se constituiu como uma pré-análise.

A partir disso, passou-se à etapa seguinte, em que se fez a exploração do material selecionando os dados recorrentes, de acordo com os objetivos propostos pela pesquisa e distinguindo-se as categorias. Ressalta-se que a maioria dos relatos apresentou certa concordância discursiva, como a dos pais com a dos filhos/alunos.

Assim, para analisar a questão do desempenho escolar dos adolescentes, foram consideradas as seguintes categorias: tipos de dificuldades apontadas pelos pais, alunos e supervisora; desempenho escolar dos adolescentes: percepção dos pais, dos alunos e da supervisora; relação entre famílias, alunos e escola; participação dos pais nas atividades escolares; mudanças e ou problemas vivenciados; entrada do filho na adolescência.

Por fim, passou-se para à etapa de tratamento dos resultados, em que se fez as inferências e interpretações a partir das contribuições teóricas adotadas neste estudo.

O próximo capítulo destina-se a apresentar as discussões e resultados obtidos.

CAPÍTULO 3

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresenta-se inicialmente uma descrição do perfil das famílias dos adolescentes que participaram deste estudo, bem como uma síntese do contexto e das condições de vida deles.

Em seguida, são apresentadas as categorias temáticas identificadas na análise das entrevistas.

3.1. Descrição do perfil das famílias

Os resultados revelaram dados que permitiram traçar os perfis das famílias e dos adolescentes participantes da pesquisa.

Desse modo, o Quadro 1, a seguir, apresenta a identificação fictícia (código) das famílias que participaram (1-F, 2-F, 3-F, 4-F, 5-F, 6-F, 7-F, 8-F, 9-F, 10-F e 11-F), a renda familiar, o número de filhos na família, a escolaridade do familiar entrevistado (pais). Além desses elementos, o Quadro 1 traz a identificação fictícia de cada adolescente participante (1-A, 2-A, 3-A, 4-A, 5-A, 6-A, 7-A, 8-A, 9-A, 10-A, 11-A) e a idade deles, conforme segue abaixo:

Quadro 1 – Caracterização socioeconômica das famílias e dos adolescentes

FAMÍLIAS		PAIS			ADOLESCENTES	
Código	Área de Residência	Renda	Nº de Filhos	Escolaridade	Código	Idade
1-F	Zona urbana	acima de 5 salários mínimos	2	Mãe- Ensino fundamental incompleto. Pai- Ensino médio completo	1-A	12 anos
2-F	Zona rural	1 salário mínimo	1	Ensino fundamental incompleto – Pai e mãe	2-A	12 anos
3-F	Zona rural	2 a 3 salários mínimos	2, reside somente1	Ensino fundamental incompleto - Pai e mãe	3-A	12 anos

Continuação...

4-F	Zona rural	1 salário mínimo e meio	1	Ensino fundamental incompleto - Pai e mãe	4-A	12 anos
5-F	Zona urbana	1 salário mínimo e meio	2	Mãe – Ensino médio completo. Pai- Ensino fundamental incompleto	5-A	12 anos
6-F	Zona rural	1 salário mínimo	3	Ensino fundamental incompleto - Pai e mãe	6-A	12 anos
7-F	Zona rural	1 salário mínimo	3, residem 2	Ensino fundamental incompleto - Pai e mãe	7-A	12 anos
8-F	Zona rural	1 salário mínimo e meio	2	Ensino fundamental incompleto- Pai e mãe	8-A	12 anos
9-F	Zona rural	2 a 3 salários mínimos	2 mas residem 6*	Ensino fundamental incompleto - Pai e mãe	9-A	12 anos
10-F	Zona rural	Quase 2 salários mínimos (incluindo BPC* da irmã)	4	Ensino fundamental incompleto - Pai e mãe	10-A	12 anos
11-F	Zona rural	2 salários mínimos	2	Mãe – Ensino médio completo. Pai- Ensino fundamental incompleto	11-A	12 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

* 6 (Referem-se a outros familiares - sogro, cunhada do entrevistado, os quais residem no mesmo domicílio).

*O Benefício da Prestação Continuada (BPC) da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso com 65 anos ou mais que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção, nem de tê-la provida por sua família (BRASIL, 2017).

A partir da análise do quadro apresentado, percebe-se que nove famílias residem na zona rural, e duas na área urbana. Três dessas famílias contam com renda mensal de um salário mínimo, e os outros com renda superior. A maioria dos pais possui o ensino fundamental incompleto, e três possuem o ensino médio completo.

Para conhecer melhor as famílias a serem estudadas, abaixo, descrevem-se as características socioeconômicas e estruturais de cada uma delas.

Família 1-F é composta por quatro integrantes: pai, mãe e dois filhos. O pai possui 49 anos e tem ensino médio completo. A mãe, com 38 anos, fez até a 8ª série do ensino fundamental. O filho, de 12 anos, está no 7º ano, a outra tem 19 anos e cursa faculdade de Psicologia em outra cidade. No presente caso, o pai é comerciante e proprietário de um estabelecimento, responsável pelas despesas da casa, e é onde a mãe também trabalha. A mãe não relatou problemas ou conflitos na família. Em relação ao contexto escolar, queixou-se muito da necessidade de punir o filho para aceitar as regras, e revelou que ele é muito desinteressado pelo estudo, bem como para fazer as atividades da escola.

Família 2-F é composta por três integrantes: pai, mãe e o filho de 12 anos. Os pais possuem o ensino fundamental incompleto, estudaram até a 4ª série. O pai tem 40 anos e é lavrador; a mãe, de 36 anos, trabalha como empregada doméstica. Além dessas atividades, ambos trabalham comercializando na feira nos finais de semana, produtos agrícolas, doces e comidas. Uma queixa presente nos relatos do pai foi quanto à dificuldade financeira; mas não citou conflitos intrafamiliares. Quanto à escola, relataram a insatisfação de problemas ocorridos na gestão, como falta de livros didáticos e professores, pois há uma insuficiência de compra de livros por parte do Estado.

Família 3-F possui quatro integrantes: pai, mãe e dois filhos. O pai tem 47 anos, estudou até o 4º ano; a mãe, com 37 anos, estudou até o 8º ano. Os filhos possuem 12 e 20 anos. O filho mais velho não reside com os pais que trabalham como autônomos em comércio próprio, uma pequena mercearia no local onde residem. Não houve relatos de conflitos intrafamiliares; porém, houve conflitos internos há quatro anos na relação da mãe com o filho de 20 anos, pelo fato da mãe não aceitar que este filho trabalhasse na lavoura. Isso gerou sofrimento psíquico da mãe, pois ela gostaria que ele fizesse algo melhor. Sobre o outro filho, de 12 anos, a mãe revela que ele depende dela para estudar.

Família 4-F é de uma família composta por três integrantes: pai, de 41 anos, mãe, de 36 anos, e filha, de 12 anos. Os pais possuem o ensino fundamental incompleto, estudaram até a 4ª série. Ambos são trabalhadores rurais. Na relação entre os pais há um pouco de conflito, porém a mãe relata que não interfere na relação com a filha. No contexto escolar, a mãe revela que a filha é muito dedicada aos estudos.

Família 5-F é de uma família composta por quatro integrantes: o pai, de 45 anos, a mãe, com 43 anos, e dois filhos, sendo um de 12 e a outra de 18 anos. A mãe possui o ensino médio

completo, e o pai tem ensino fundamental incompleto; ambos são trabalhadores rurais. A mãe não queixou de problemas, mas ao se referir à escola, destacou que o filho de 12 anos necessita de seu auxílio diário para realizar as atividades escolares. Já a filha mais velha está na faculdade, em outra cidade, e é dedicada aos estudos. Quando tem disponibilidade ajuda o irmão.

Família 6-F é composta por cinco integrantes. Os pais têm o ensino fundamental incompleto, e ambos são trabalhadores rurais. O pai, com 42 anos, estudou o 3º ano. A mãe, de 36 anos, estudou até o 4º ano. Eles têm três filhos. O de 12 anos está no sétimo ano, e as gêmeas de 6 anos estão no primeiro ano. Sobre o âmbito familiar, a mãe queixou-se que, após o período do nascimento das filhas, surgiram conflitos na relação intrafamiliar, devido à sobrecarga de cuidados de três crianças, além das dificuldades financeiras, que repercutiram no lar. Em função disso, a mãe reduziu o auxílio no processo de ensino do filho; especialmente, devido aos afazeres da casa e, ainda, aos cuidados com as crianças.

Família 7-F os pais são separados. A mãe, de 46 anos, é lavradora e estudou até a 3ª série do ensino fundamental. Tem três filhos: uma com idade de 12 anos estuda no 7º ano, o irmão de 15 anos está no 1º ano do ensino médio e o outro, de 19 anos, estudou até o 1º ano do ensino médio. Dos filhos, dois residem com a mãe, e o outro mora na cidade vizinha. O pai tem 47 anos, estudou até a 4ª série e também é lavrador. A mãe relatou pouco sobre o divórcio, mas possivelmente vivenciaram momentos difíceis nessa fase. Ela disse que a filha de 12 anos lamenta que, às vezes, o pai é ausente. Mas, segundo a mãe, atualmente não apresentam problemas intrafamiliares. Sobre os estudos, salienta que a filha é dedicada, mas tem dificuldades na aprendizagem. A renda familiar é originada da pensão alimentícia paga pelo pai.

Família 8-F é composta por quatro integrantes: o pai, de 46 anos, possui ensino fundamental completo e trabalha como lavrador. A mãe, com 42 anos, fez até a 4ª série, e é auxiliar de costura em uma fábrica da cidade. Eles têm duas filhas, uma de 11 anos, que está no 6º ano, e outra de 12 anos, que cursa o 7º ano. A família em questão não apresenta problemas intrafamiliares; o pai não relatou nenhum aspecto de conflitos na convivência entre os membros. Com relação à escola, revelou que as filhas são muito dedicadas aos estudos.

Família 9-F é de uma família composta por seis integrantes: pai, de 49 anos, estudou até a 6ª série; e a mãe, de 47 anos, estudou até a 4ª série. Possuem 2 filhas, sendo que a filha de 12 está no 7º ano e a de 10 anos está no 5º ano. Além disso, na casa residem outros familiares: o sogro e a cunhada do entrevistado (o pai). O pai é motorista, mas se encontra de licença de saúde; a mãe trabalha em casa. No contexto familiar, o pai não relatou conflitos entre os membros. Em relação à escola, a filha não apresenta problemas atualmente.

Família 10-F é de uma família composta por seis integrantes: o pai possui 40 anos e a mãe de 32 anos. Eles têm 4 filhos, de 5, 10, 12 e 13 anos de idade. Neste caso, os pais possuem o ensino fundamental incompleto; o pai é lavrador e a mãe trabalha nos serviços domésticos. Os dois filhos de 5 e 10 anos fazem tratamento na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) em uma cidade vizinha. Os outros dois estudam na escola em que se realizou a pesquisa. A família em questão passa por dificuldades de comunicação, como discussões, conflitos entre os pais, violência doméstica e alcoolismo do pai. Foi relatado, nesta família, que após o nascimento da filha mais nova, que é deficiente, agravaram-se os problemas. Em relação à escola, o filho de 12 anos apresenta muitos problemas de aprendizagem. A mãe reconhece que ficou mais limitada em auxiliar no processo de ensino dos filhos.

Família 11-F é uma família composta por quatro integrantes: pai de 42 anos, mãe de 37 anos e 2 filhos, sendo uma de 12 anos, que estuda no 7º ano, e outro de 17 anos, que concluiu o ensino médio. A mãe possui ensino médio completo, e é auxiliar de costura em uma fábrica de estofados. O pai tem ensino fundamental incompleto, estudou até a 7ª série, e é lavrador. A mãe reclamou que havia conflitos intrafamiliares, devido ao alcoolismo do pai, mas atualmente foram sanados. Em relação à escola, não mencionou problemas.

Com essas descrições iniciais, passa-se a compreensão do contexto das condições de vivência dessas famílias, conforme apresentado na sequência.

3.1.1 O contexto das condições de vida dessas famílias

Das famílias estudadas, nove residem na zona rural do município e possuem um difícil acesso ao centro da cidade. Nesses casos, os alunos necessitam do transporte público escolar municipal para irem à escola. Os locais de moradia desses pais são de estrada de terra, em sua maioria, e em péssimas condições. Como exemplo de dificuldade de acesso à escola, tem-se o caso de uma família (7-F) que reside a aproximadamente 18 km de distância do centro da cidade.

Percebe-se que essas famílias vivem em condições de moradia simples, devido aos poucos recursos financeiros. A falta de recursos intensifica o problema do transporte, pois na ausência do ônibus escolar, os estudantes precisam realizar uma longa caminhada para chegar à cidade ou se locomoverem com charrete, ou outro tipo de condução própria, pois não existe transporte público nas localidades as quais residem.

Esse é um fator que agrava também o acesso aos locais de atendimentos à saúde e outros serviços. No centro da cidade existe a Unidade Básica de Saúde. Além disso, há três equipes de saúde da família que se localizam em algumas comunidades, ou seja, em distritos do município.

Porém, onde essas famílias residem, observa-se que apenas uma delas (2-F) tem uma Unidade de Saúde de Apoio com um dentista e médico, uma vez na semana.

Uma das famílias (8-F), residente na área rural, mencionou a falta de acesso à internet. A informação é relevante, pois evidencia que esse aspecto pode ser limitador ou um diferencial para alguns estudantes em relação a outros, principalmente, na execução de tarefas e em pesquisas escolares.

Destaca-se que a maioria das famílias tem dificuldades financeiras por não ter uma renda estável, pois oito dessas são compostas por trabalhadores rurais. Duas das mães pesquisadas trabalham em fábricas da cidade, e outra como empregada doméstica. Os pais atuam na lavoura, sendo dependentes do próprio plantio para se sustentarem. Outras fontes de renda identificadas foram: pensão; comércio próprio e licença saúde (um pai está nesta situação, atualmente).

Com relação às outras duas famílias que residem no centro da cidade, uma delas tem condição financeira melhor, devido ao comércio, tendo, inclusive, moradia bem localizada. Já a outra família, mesmo vivendo na cidade, depende de renda da lavoura, motivo pelo qual possui condições mais simples. Ambas residem próximas à escola, têm facilidade de acesso ao posto de saúde e aos comércios, tais como: lojas; mercearias; padarias; farmácias; academias; banco; dentre outros serviços públicos e privados.

Observou-se também que outro problema vivenciado pelas famílias é a questão da ausência de opções para trabalho e estudo na cidade onde residem. Entre os filhos jovens que concluem o ensino médio, por exemplo, há tendência de migração para outras cidades, onde possuem faculdades ou universidades.

Identifica-se a migração como um fator de instabilidade, pois os jovens possuem poucas condições financeiras para investirem em seus projetos e, por outro lado, os pais que se dedicam à lavoura já não podem contar com a ajuda dos filhos nas atividades rurais. Essa questão chama a atenção, pois se supõe que aos filhos com dificuldades no processo de ensino e aprendizagem resta, como opção, dedicar-se ao trabalho rural.

Diante disso, a literatura revela que “o prolongamento da escolarização para além do ensino fundamental é relativamente recente entre os filhos de agricultores”. E ainda há poucos dados sobre os jovens que moram na zona rural que têm acesso ao ensino superior (ZAGO, 2016, p.64).

De acordo com outros estudos, a prioridade para as famílias que migram para a cidade é o foco no trabalho e não para estudar (SILVESTRO et al., 2001).

Em síntese, as famílias participantes desse estudo migraram da área rural ou ainda vivem no campo, entre as fontes de renda prevalecem trabalhos informais, operacionais e na lavoura.

Os pais possuem pouca escolarização, alguns expressaram a expectativa de que os filhos possam estudar, seguindo um caminho diferente. E justamente pela pouca escolaridade ou pela necessidade de que os filhos colaborem trabalhando ou cuidando dos afazeres domésticos, há pais que não conseguem dar suporte aos filhos nas questões relativas ao estudo. Situados os contextos de vivência dessas famílias, passa-se à análise dos aspectos relativos às especificidades das famílias com filhos adolescentes.

3.1.2. As famílias com filhos adolescentes

No grupo das famílias entrevistadas observou-se que as pessoas mantêm uma relação positiva, boa comunicação e envolvimento afetivo. Denota-se que todas as famílias do presente estudo estão vivenciando no seu ciclo de vida a fase da adolescência, porém quatro das famílias também se encontram na fase dos filhos pequenos.

Apenas em uma das famílias (10-F) foi identificada a ocorrência, atualmente, de problemas intrafamiliares, devido ao alcoolismo parental. Além disso, o aluno passou por transição de uma escola rural para o contexto urbano. Nesse processo, houve trocas de professoras, o que comprometeu sua aprendizagem.

Em outra família (11-F), a adolescente passou por situação semelhante em relação ao alcoolismo do pai; mas, atualmente, essa é uma questão superada pela família.

Em dois outros casos de alunas com bom desempenho escolar, os pais queixaram-se que as filhas têm tido alterações nos estudos, após entrarem na fase da adolescência. Um deles relatou que a filha está mais lenta (4-F). O outro relatou que a filha (8-F) apresentou uma nota baixa em uma disciplina, e o pai associou o fato à fase que estão. Ele relatou a distração da adolescente, sendo essa uma dificuldade apontada por alguns pais em relação aos filhos.

Outro problema ocorrido entre quatro alunos é a desmotivação nos estudos. Entretanto, não foi possível confirmar se possivelmente seja em razão da etapa do ciclo de vida na qual estão inseridos, ou se devido à oscilação de humor que alguns vivenciam nessa fase, ou, ainda, se outros fatores relacionados às suas condições de vida foram relevantes para o aparecimento do desinteresse. Nota-se que, sete dos alunos expressa motivação sobre seu desempenho escolar e possui perspectiva de crescimento pessoal.

De fato, conforme já assinalado anteriormente, esses adolescentes enfrentam muitos obstáculos para permanecerem na escola, que podem ser decisivos como fatores que influenciam no desempenho escolar.

Dois dos pais (7-F, 9-F) assinalaram que as filhas estão tendo mais maturidade após a entrada na adolescência, em relação às suas atitudes. Então, não houve reclamação desses pais sobre rebeldia ou impulsividade dos filhos, características da fase em que se encontram.

Autores como Papalia e Feldman, (2013) sugerem que muitas vezes a adolescência é vivenciada como um período de problemas com os membros familiares, ou de desordem afetiva, mas não foram encontradas situações similares entre os adolescentes entrevistados.

Convém ressaltar que o grupo de alunos participante desta pesquisa está na fase inicial da puberdade, período no qual ainda estão muito dependentes dos pais, passando pela transição da infância para a adolescência.

Como aponta Reis (2013), essa etapa gera mudanças nas relações com as pessoas, inclusive como os pais. Há ainda que se destacar que aqueles que vivem na área rural ficam mais limitados à convivência familiar, tendo mais contato com os colegas na própria escola.

No entanto, algumas famílias vivenciaram eventos críticos, verificou-se que além dos problemas intrafamiliares, constatados em duas famílias, as mesmas vivenciaram a fase do nascimento de outros filhos. A literatura aponta que, neste período em que há “filhos pequenos”, ocorrem dificuldades, especialmente, pelo despreparo dos progenitores em relação às obrigações com os filhos, se sentem impossibilitados de estabelecer regras (CARTER; MCGOLDRICK, 2008).

Na família (5-F), a mãe menciona que ocorreu um acidente no parquinho da escola com o filho quando estava na fase pré-escolar, e a partir do ocorrido, ele teve insegurança para frequentar a escola.

Na família (7-F) houve um processo de divórcio. Há autores que corroboram que, muitas vezes, o processo de separação gera problemas no “desenvolvimento infantil”, como temores e ansiedades. Autores como Melo e Miccione (2014) destacam que a criança pode desencadear queixas escolares durante o divórcio dos progenitores.

Além disso, Brown (2001) ressalta que o divórcio causa uma ruptura no sistema familiar, o que resulta numa série de mudanças na estrutura da família e nos relacionamentos. Embora os autores como Petrini, Alcântara e Moreira (s/d) evidenciam que na contemporaneidade é evidente a ocorrência de novos hábitos de vida e de novos arranjos familiares, incluindo-se as separações, é relevante considerar que essas podem ecoar de maneira negativa no desenvolvimento dos filhos.

Sobre os eventos críticos, a violência doméstica apareceu em uma das famílias (10-F) a mãe queixou-se da situação vivenciada no lar e de sua predominância no cotidiano, e considerou as influências no desenvolvimento dos filhos, como no processo da aprendizagem do filho de

12 anos, que apresenta grande defasagem na escola e ainda não era alfabetizado. Como podemos perceber na família (10-F), a mãe sofria com as agressões verbais e físicas por parte do marido como relatou na entrevista. Além disso, o marido não se comprometia na educação dos filhos e nem mantinha diálogo ou demonstrava afeto pelos filhos. Nesse caso específico, um dos filhos era acompanhado pelo serviço do CRAS no município, mas ficou evidente que as sequelas desse processo de sofrimento afetam imensamente o estudante. Não foi possível confirmar se os professores estão cientes das dificuldades enfrentadas por esse jovem em casa.

Silveira (2018), em estudo realizado com famílias atendidas pelo CREAS de outra cidade do interior mineiro, ressalta que os profissionais das escolas e mesmo as equipes dos serviços públicos, quando identificam casos de violência doméstica, ficam indecisos sobre como fazer a denúncia. O autor aponta a necessidade de que a mesma seja feita, até mesmo de forma anônima, no sentido de que medidas de proteção possam ser tomadas.

Autores como Lyra, Constantino e Ferreira (2010) enfatizam que essa situação repercute de forma negativa na saúde e no desenvolvimento escolar dos indivíduos. Complementam Barros e Freitas (2015), as consequências da violência doméstica afetam o estado psicológico, físico, cognitivo e social com grande impacto na vida das vítimas.

Diante da descrição das famílias, identificaram-se como os ambientes familiar e escolar influenciam no desenvolvimento dos alunos. Dessa forma, o diálogo no contexto da família é essencial, como pontuam Santos, Melo e Koller (2014, p.10), “independente de como ocorre a comunicação ela está presente em todos os âmbitos da nossa vida, que é um elemento essencial para as relações humanas e para o desenvolvimento deste”.

Destaca-se também a relevância dos pais e da escola se comprometerem no processo da aprendizagem, principalmente na fase da adolescência.

Concluídas essas caracterizações iniciais, no próximo tópico, apresentam-se as categorias de análise e a interpretação dos dados.

3.2. Levantamento dos tipos de dificuldade apresentados pelos adolescentes no processo de ensino e aprendizagem

Considerando as três fases analíticas propostas por Bardin (2011), fez-se a pré-análise dos conteúdos das entrevistas obtidas durante a coleta de dados, organizando-se para que fossem exploradas. Na exploração, identificaram-se, devido à recorrência de sentidos presentes nos textos transcritos, as seguintes categorias analíticas: tipos de dificuldades apontadas pelos pais, alunos e supervisora; desempenho escolar dos adolescentes: percepção dos pais, dos

alunos e da supervisora; participação dos pais nas atividades escolares; relação entre famílias, alunos e escola; mudanças e ou problemas vivenciados; entrada do filho na adolescência.

Abaixo, essas são descritas com as devidas interpretações e inferências, embasadas pelas contribuições teóricas adotadas neste estudo.

3.2.1. Tipos de dificuldades apontadas pelos pais

Delineou-se, no Quadro 2, os tipos de dificuldades os quais os pais destacaram em relação ao processo da aprendizagem dos filhos, conforme abaixo:

Quadro 2 – Tipos de dificuldades apontadas pelos pais

Entrevistados	Tipos de dificuldades
6	Não possuíam
5	Desinteresse; falta de concentração; dificuldade em matemática e português
1	Tem muitas dificuldades

Fonte: Dados da pesquisa.

Diante das entrevistas realizadas, percebeu-se que, das onze famílias, em seis delas (2-F, 4-F, 6-F, 8-F, 9-F, 11-F) os pais relataram que seus filhos não apresentavam dificuldades de aprendizagem. Em contrapartida, outros cinco progenitores (1-A, 3-A, 5-A, 7-A, 10-A) mencionaram que seus filhos tinham certas limitações no processo da aprendizagem.

No decorrer dos relatos, os pais pontuaram dificuldades nos estudos de seus filhos. Alguns exemplos são citados a seguir:

Tem que ficar insistindo. Eu falo assim, que no caso dele é malandragem para estudar; converso: “*E*” vamos estudar (...) que é preguiçoso (...). (Entrevista 1-F).

Então, ele tem muita dificuldade na matemática, e aí tenho sempre (...) tá orientando, e lá eles ensinam, mas muitos alunos (...) por ser ginásio fica com vergonha, talvez de chamar a professora, de ficar explicando na carteira. E também falta de incentivo, vontade também (...) (Entrevista 3-F).

Eu acho que a questão dele, ele é muito desligado, muito desatento, qualquer coisinha sabe (...). A gente achava que ele tinha o déficit de atenção (...). O médico analisou ele, falou que não é o caso. Nós levamos na fonoaudióloga, ele fez tratamento com ela um tempo, mas não teve muito resultado, então aí acho que é o desinteresse dele mesmo (...). Na matemática, no português sim, porque ele troca letra demais até hoje; nomes de pessoas, né? De cidades, ele coloca tudo minúsculo (Entrevista 5-A).

Observa-se, pelo relato anterior, que os pais chegaram a tomar iniciativa de buscarem ajuda, recorrendo aos profissionais da área de saúde, mas as dificuldades dos filhos parecem ser mesmo pedagógicas ou motivacionais.

Um ponto importante para se refletir, a partir desses exemplos, é sobre quais os motivos que levam esses alunos a terem tanto desinteresse pela escola. Uma das mães (6-F), também reforçou que o desinteresse pelos estudos é um problema, mas não percebeu dificuldades de aprendizagem no filho.

Portanto, na percepção das famílias a questão do desinteresse se sobressai em relação a diversos fatores. Outro tipo de dificuldade, que ocorre de forma recorrente entre os pesquisados neste estudo, é a falta de concentração, sendo que essa se destacou nos relatos sobre três alunos (3-A, 7-A, 5-A).

A mãe da aluna 7-A revelou também falta de atenção e de memória, como exemplificou ao citar a dificuldade que a filha tem na compreensão da tabuada, por não conseguir apreendê-la. Porém, ressalta que ela é muito interessada nos estudos, demonstrando comprometimento, mas a considera muito ansiosa, e disse que iria levá-la ao psicólogo.

A mãe contou, ainda que no período da alfabetização, a filha faltou muito de aula devido a problemas de saúde na infância, talvez isso tenha influenciado na aprendizagem, pois a adolescente apresenta mais atrasos do que os colegas e se sente inferior a eles.

Entre as disciplinas nas quais os alunos apresentam maior dificuldade, conforme apontou a mãe do aluno 5-A, destacam-se a matemática e o português; já a aluna 9-A tem um desempenho bom, mas o pai também disse que ela tem um pouco de queixa em matemática.

No caso da família 10-F, a mãe relatou que o filho tem muitas dificuldades na aprendizagem.

(...). Para ler quanto para escrever, para entender, interpretar alguma coisa (...).
Portanto, semana passada eu fiz uma avaliação na APAE (Entrevista 10- F).

Percebeu-se neste caso, que as queixas são distintas daquelas encontradas nos relatos sobre os colegas dele, devido à defasagem no processo de alfabetização. Denota-se que a mãe percebe e está atenta às dificuldades do filho; toma iniciativa no sentido de consultar os profissionais, mas não tem condições efetivas de ajudá-lo a superá-las.

Diante dos dados das entrevistas dos pais, considera-se que o desinteresse dos alunos é uma queixa frequente em relação ao cotidiano escolar. Mas, a literatura pontua que, nos contextos família e escola, há uma preocupação diante das dificuldades dos adolescentes na aprendizagem. Mesmo não sendo por causas orgânicas, e sim pela falta de interesse e de concentração pelo processo do saber. Enfatiza-se que há consenso entre diferentes autores quando afirmam ser corriqueira essa situação (COSTA; LIMA; PINHEIRO, 2010; DROUET, 2000).

Nos relatos dos familiares, houve consenso quanto ao fato de que os alunos apresentam maior dificuldade nas disciplinas de português e matemática, ou na interpretação e memorização de conteúdo.

Há que sublinhar, essas são disciplinas tidas como destaque pela utilidade para a vida futura dos alunos e também pela complexidade, com maior carga horária, e que demandam maior investimento no estudo. Como já indicado anteriormente por diferentes autores, supõe-se que nessas disciplinas as dificuldades enfrentadas em séries iniciais, se não enfrentadas, comprometerão toda a sequência de estudos dos educandos. É gritante como exemplo dessa questão o caso do aluno que ainda não está alfabetizado, mas mesmo assim chegou ao sétimo ano. No caso dele, em específico, houve troca de escolas e de professores exatamente na fase na qual deveria ser alfabetizado (SMITH; STRICK, 2007; SENA et al., 2014).

Constatou-se que os pais percebem as dificuldades, tomaram a iniciativa de buscar profissionais como médicos, fonoaudióloga, serviços como a APAE, e que ali receberam diagnósticos apontando que os filhos não demandam esse tipo de acompanhamento. Ou seja, esses problemas são de cunho pedagógico, estão atrelados ao processo de ensino e aprendizado, mas não há relatos dos familiares sobre como a escola lida com essas questões.

Evidenciou-se, pelas entrevistas com os pais, que esses possuem pouco conhecimento sobre o que acontece no contexto escolar, e de como poderiam colaborar para enfrentar as dificuldades dos filhos.

3.2.2. Tipos de dificuldades apontadas pelos alunos

Nos relatos das entrevistas com os alunos, a identificação das disciplinas mais difíceis para eles é que chama a atenção.

Assim, segue o Quadro 3, o qual sintetiza as dificuldades nas disciplinas, apontadas pelos alunos.

Quadro 3 – Tipos de dificuldades apontadas pelos alunos

Alunos	Tipos de dificuldades
6 alunos (2-A, 9-A, 5-A, 6-A,10-A,11-A)	Dificuldades em Português
2 alunos (1-A, 2-A)	Dificuldades em História
5 alunos (5-A,6-A,9-A,10-A,11-A)	Dificuldades em Matemática e Português
2 alunos (3-A, 7-A)	Dificuldades em Matemática
3 alunos (3-A, 4-A, 6-A)	Dificuldades em Inglês
Aluna (8-A)	Dificuldades em Geografia

Continuação...

Aluno (6-A)	Dificuldade em Ciências
Aluna (7-A)	Além da dificuldade em Matemática, tinha em memorizar

Fonte: Dados da pesquisa.

Essa ênfase em conteúdo das disciplinas foram encontradas nas falas de alguns alunos durante as entrevistas:

Tipo assim na matemática tenho um pouco dificuldade na área de quadrado, triangulo na área das figuras (...). No português em conjugar o verbo né, porque eu acho um pouco difícil (2-A).

Eu não sou muito boa em conta, tem hora que eu erro, nas contas (7-A).

Eu não consigo aprender foi aquela matéria (...) de matemática não consegui aprender assim totalmente sabe, tinha umas que eu fico um pouco em dúvida (9-A).

Matemática (...) português (10-A).

Verificou-se que as queixas dos alunos de dificuldades na aprendizagem são mais acentuadas em português e matemática. Sendo relevante compreender a realidade dos alunos, ou seja, suas limitações, como aponta Almeida (2006), as dificuldades em matemática podem ser determinadas por questões intelectuais, emocionais e pedagógicas. Por isso, devem ser analisadas se são questões internas ou externas, e como é empregada a metodologia de ensino.

Em consonância com esse autor, o Inep (2018) divulgou que “após 12 anos de escolaridade, cerca de 70% dos estudantes terminam a Educação Básica sem conseguir ler e entender um texto simples e sem conhecimentos mínimos de Matemática”.

Como foi já mencionado, autores afirmam que fatores intrafamiliares podem influenciar nas dificuldades de aprendizagem, tais como Sena et al. (2014, p.86), os quais frisam sobre as discórdias familiares, enquanto influência para o rendimento de uma criança.

Em consonância, Alves (2010) diz que os traumas afetam o processo de ensino, “por isso, a criança e não somente a criança, mas o adolescente também, não deve ser exposto a tais situações, para que não gere problemas maiores que dificultem sua aprendizagem”.

Além disso, os autores Sena et al. (2014) enfatizam que a dificuldade na disciplina de Português deve-se também a causas emocionais e orgânicas. Isso ocorre com as crianças e adolescentes que podem apresentar ainda outros problemas como déficit de atenção, hiperatividade, entre outros.

Observou-se nos resultados desse estudo, que determinadas situações do âmbito familiar podem desencadear problemas na vida dos filhos, como exemplo, a falta de diálogo e agressões. Em contrapartida lares nos quais os membros não vivenciam conflitos graves, o desenvolvimento e a convivência dos filhos parecem ser mais saudáveis.

No entanto, como houve consenso entre todos os estudantes quanto às dificuldades nas mesmas disciplinas, denota-se a necessidade de se averiguar também os aspectos pedagógicos, e como a escola percebe essa questão.

3.2.3 Tipos de dificuldades apontadas pela Supervisora

A fim de sintetizar a perspectiva da escola sobre o rendimento escolar dos alunos, abaixo, apresenta-se o Quadro 4 com a síntese das dificuldades apresentadas pela supervisora pedagógica:

Quadro 4 – Tipos de dificuldades apontadas pela supervisora

Alunos	Tipos de dificuldades
9 alunos	Satisfatório
2 alunos (6-A e 10-A)	Insatisfatório
Alunos (6-A e 10-A)	Dificuldades de aprendizagem, em todas as disciplinas
Alguns alunos possuíram dificuldades, mesmo com bom desempenho	Falta de concentração, alguns com dificuldades em português e matemática

Fonte: Dados da pesquisa.

A supervisora pedagógica, ao se expressar sobre o rendimento escolar de cada aluno, revelou ser satisfatório, conceituando-o como positivo. Na percepção dela, nove dos alunos (8-A, 1-A, 2-A, 3-A, 4-A, 9-A, 5-A, 11-A, 7-A) atingiriam a média que é 50% das disciplinas, e apenas dois alunos não conseguiram (6-A, 10-A), por possuir dificuldades de aprendizagem. Sobre os alunos que apresentam baixo desempenho escolar, ela relatou as seguintes informações:

(...) leitura, interpretação, cálculo simples (...). Ele é muito fraco, nossa. Um aluno que não faz tarefa. E os professores têm reclamado, para você ver até educação física (...) reclamam bastante. É que não quer fazer nada. (...). Uma disciplina que eles gostam tanto é educação física, ensino religioso que é uma disciplina tranquila também (...). É, não tem caderno, não tem matéria copiada (...) copia faltando (...) (Entrevista 6-E).

(...) dificuldade de leitura, de interpretação, de cálculo matemático, todas as disciplinas. Ele é ruim, porque não sabe ler, não sabe escrever (...) (Entrevista 10-E).

O discente 6-A apresenta problemas em algumas disciplinas como: Matemática, Português, Ciências, entre outras. Porém, este aluno tem domínio de escrita e leitura, diferentemente do 10-A. Constatou-se que o aluno 10-A tem dificuldades desde a alfabetização, confirmadas pelos pais e por ele próprio, o que indica um processo antigo, e ainda não enfrentado.

Pela visão da supervisora, considera-se que a dificuldade escolar mais frequente entre os alunos é a falta de concentração, mesmo para aqueles que possuem bom rendimento (2-A, 10-A, 9-A, 5-A, 11-A, 6-A). No caso de 3-A, a dificuldade ressaltada foi em Matemática, porém, o aluno consegue se desenvolver, o que indica que a causa possível seja a imaturidade e/ou as distrações com conversas, como acontece com os outros colegas.

Já os alunos 6-A e 10-A apresentaram dificuldades em todas as disciplinas, como foi relatado anteriormente.

Os alunos 5-A e 7-A possuem dificuldades principalmente em Português e em Matemática, assim como a supervisora relata:

Então, está relacionado mesmo a questão do problema de visão dele, e com isso, às vezes, ele acaba ficando um pouquinho desatento dentro de sala. Isso quando ele apresenta dificuldade, mas ele assim: é muito perceptivo também auditivamente falando, porque capta muita coisa assim falando, (ruídos). (...). Se complica um pouco para copiar matéria, mas(...) copia errado, porque isso a mãe já questionou, já falou comigo (...). Falta pedaço, mas acho que é por causa do problema de visão, e com isso ele fica desatento, aí uma coisa atrapalha a outra (...) desencadeia a outra. Mas, ele, assim o que o professor está explicando, ele pega rápido, entendeu? Isso ajuda. EU: Em quais disciplinas, você percebe? ELA: Isso é mais matemática, português e geografia. Assim, os que professores me passam, estou falando pelos que eles me passam aqui da escola (Entrevista 5-E).

Ela tem dificuldade de interpretação, cálculo matemático, questão da escrita, ela tem bastante dificuldade também (...). EU: Em quais disciplinas? ELA: Mais, português e matemática. EU: E os professores, têm queixado muito das dificuldades dela, com você? ELA: (...). Não assim que eles têm reclamado demais, porque eles reconhecem o esforço dela. Mas, eles falam que é uma aluna fraca, entendeu, desenvolve assim o necessário para conseguir a média (Entrevista 7-E).

Observou-se no caso do aluno (5-A) uma coerência nos depoimentos da supervisora e da mãe dele quanto às dificuldades na escrita. Ainda, a supervisora revelou que ele tem dificuldades em Geografia e problemas de visão. A aluna 7-A possui dificuldades na aprendizagem, mas consegue atingir média devido ao seu esforço diário, pois ela tem iniciativa e muito interesse de estudar mesmo não alcançando domínio dos conteúdos.

Em relação aos alunos que possuem desempenho insatisfatório, a supervisora alegou que no caso 6-A, a escola solicitou a presença dos pais para reduzir a problemática do rendimento e de indisciplina por diversas vezes. Já no caso 10-A, a equipe pedagógica não consegue estabelecer contatos com os pais e o adolescente permanece com dificuldades.

No entanto, percebeu-se a falta de engajamento da escola e também da família diante das dificuldades dos alunos. Em ambos, eles possuem consciência dos problemas dos discentes, mas há falha no contato ou na relação entre família/escola. Diante do ocorrido, a literatura esclarece que, quando as dificuldades na aprendizagem no aluno não são reconhecidas, pode-

se gerar a insatisfação devido ao fracasso no rendimento; e, com isso, há uma tendência de agravar o problema. Além disso, surgem as inseguranças e desesperanças nos estudos. Ressalta-se que as crianças com queixas escolares, normalmente têm dificuldade em mais de uma área (SMITH; STRICK, 2007).

A escola estando ciente da situação das dificuldades desses alunos deveria conhecer melhor o contexto de vida deles, como a realidade dos pais, por exemplo, que forma de engajamento estes têm sobre os estudos dos filhos, por quais razões não há auxílio, e, além disso, verificar também as reais condições dos alunos a partir disso teria melhor compreensão dos problemas para auxiliar.

Também na perspectiva do relato da supervisora, o foco são as dificuldades do aluno, com a explicação de que essas estão relacionadas às questões físicas, cognitivas ou de motivação. A supervisora confirma que os professores se queixam dos alunos que apresentam maior dificuldade, mas não relatou se a escola executa ações no sentido de minimizar os aspectos psicopedagógicos relacionados com essas dificuldades.

3.3. Desempenho escolar dos adolescentes: percepção dos pais, dos alunos e da supervisora

Para avaliar o rendimento dos alunos na escola, identificaram-se as percepções dos pais, dos alunos e da supervisora sobre as dificuldades de aprendizagem que os estudantes possuíam. O quadro 5, a seguir, apresenta uma síntese:

Quadro 5 – Percepção dos pais, dos alunos e da supervisora

Percepção dos pais	Percepção dos alunos	Percepção da supervisora
6 alunos - notas boas, motivados	7 alunos - consideraram bom, motivados	Desempenho bom - 9 alunos
5 alunos - notas baixas, desmotivados	4 alunos – tinham um pouco de dificuldades, motivação moderada	Baixo desempenho - 2 alunos (6-A e 10-A)
	Aluno 10-A - considerou insuficiente	

Fonte: Dados da pesquisa.

Mais de 50% dos entrevistados apresentaram bom desempenho escolar e uma visão positiva sobre seus rendimentos nos estudos, o que se confirma pelos relatos dos pais e da supervisora. As notas baixas são o critério utilizado pelos pais e alunos para avaliarem

negativamente seus desempenhos. Outro aspecto que se destaca é a ênfase de que o fator “motivação” também está atrelado ao alcance de bons resultados nos estudos.

3.3.1. Percepção dos pais

A partir dos relatos dos pais nas entrevistas percebeu-se que os filhos se sentiam motivados a estudarem, e isso foi predominante em quatro alunos (2-A, 4-A, 9-A, 11-A). Revelou-se que eles, em algumas avaliações, tinham notas boas; e os pais de duas alunas (7-A, 8-A) afirmaram que as filhas são esforçadas e dedicadas. Em contrapartida, cinco pais destacaram que seus filhos (3-A, 1-A, 5-A, 6-A, 10-A) apresentaram notas baixas, como nas disciplinas de Matemática e Português; e, além disso, perceberam desmotivação, como apresentado nos relatos a seguir.

Só ele que não liga muito para estudar, não tem muita vontade (...). Se falasse assim que ama estudar, não. Ele fala ah! Eu tenho que ir para escola (Entrevista 3-F).

É malandro, tem que fica de cima, (...) muito malandro. Caso dele é futebol, se deixar ele fica o dia inteiro com a bola (...), e o celular, já falei que vou toma dele vai ficar uma semana sem celular (Entrevista 1-F).

Ele nunca teve muito interesse por escola (...). Mas engraçado que tira notas boas em algumas matérias. Não sei porque estou ali tentando, cobrando tarefa. (...) (Entrevista 5-F).

Às vezes é falta de esforço mesmo, que tenho que ficar brigando assim com ele, não tem aquele compromisso ainda (...). Eu acho que na idade dele já tem que ter (Entrevista 6-F).

A rotina dele acho que é a mesma, como estava falando é acordar de manhã, ir para aula, chega almoça aqui de novo. Aí já vai para o curral, porque ele fica por conta de lavar os bunhões, e depois que lavou acaba o serviço dele também. E quando não resolve me ajudar que o negócio da menina ficar passando mal também, aí eu peço uma ajuda pra torcer um pano e passar na casa para estar ajudando, mas são coisas leves que durante o dia inteiro fica a toa (...) **EU: Mas não estudou?** ELA: Aí já larga ali, mais você já pegou, aí tá fazendo, aí senta lá no quarto, não eu estou fazendo (...) aí fica ali o dia inteiro (...). E eu não posso ficar com ele tempo todo sentada ali olhando (...). Eu acho que ele não se esforça não (...). Ele não tem aquele negócio de pegar, hoje tem exercício pra fazer (...) (Entrevista 10-F).

No caso do aluno 10-A, fica evidente o desinteresse nos estudos; e, ele ainda vivencia, no contexto familiar, uma rotina de trabalho doméstico. Relevante destacar que há necessidade de se compreender que esse tipo de serviço pode ocasionar prejuízos como atraso na escola e, inclusive, a própria evasão; de tal modo que pode influenciar nas relações com as pessoas, entre outros (SANTANA; DIMENSTEIN, 2005).

O ponto central nesta questão não é tanto colaborar ou não nas tarefas domésticas, pois a participação na divisão dos afazeres de casa, o cuidar de suas coisas, do próprio quarto,

aprender a economizar e administrar os próprios recursos são aspectos importantes para o desenvolvimento do senso de responsabilidade e para aprender a lidar com as dificuldades.

Mas essa questão fica séria quando esses jovens assumem tarefas que deveriam ser de competência dos pais, como cuidarem de irmãos menores sem a presença de adultos, dar conta de toda a administração da casa, ou em situações nas quais executam trabalhos em substituição aos adultos, inclusive se responsabilizando por prover recursos financeiros para a manutenção de seus familiares. E, nesses casos, o problema é maior quando ficam impossibilitados de frequentar a escola ou de ter tempo para se dedicarem aos estudos.

Nas entrevistas alguns dos pais ressaltam muito o desinteresse dos filhos na aprendizagem, mas cabe distinguir quais são os fatores que geram tamanha desmotivação, se são fatores pedagógicos atrelados ao processo de ensino ou de dificuldades destes para aprender. Mais uma vez, denota-se a necessidade de averiguar se há situações que os impedem de investir adequadamente nos estudos, como todos os obstáculos que precisam lidar em casa, ou os transtornos enfrentados para chegar à escola, para ali permanecerem, ou para se adaptarem ao contexto escolar e às metodologias ali adotadas. Dittberner (2016) enfatiza como a motivação é essencial no processo de aprendizagem, o que justifica a preocupação desses pais, que também percebem essa questão.

Outro ponto destacado nos relatos de alguns pais (1-F e 2-F) foi o fato de se referirem a seus filhos como malandros ou preguiçosos com os estudos, conforme os relatos a seguir:

Negócio dele é uma preguiça lá. Sempre “pego” no pé dele, tem dificuldade não, é inteligente (Entrevista 2-F).

Ele é bem preguiçoso (...). Pega as coisas fácil, se explicar, quando ele estudava com a “M” ela falava, precisa de ver; explicou rápido ele aprende (Entrevista 1-F).

Com relação aos dados, alguns dos pais utilizam termos indelicados para se referirem aos seus filhos, que desqualificam, mas não negligenciam suas dificuldades. A literatura revela que a preguiça dos jovens, muitas vezes, é pretexto de problemas com os progenitores (VALENTIM, 2006). Percebe-se que muitos dos conflitos surgem em razão da desobediência dos filhos, e pelo desinteresse nos estudos.

Assim, observa-se o quanto é relevante, no processo da aprendizagem, a motivação para os estudos; pois quando o aluno está interessado consegue se desenvolver com qualidade. Às vezes, os alunos sentem preguiça, como foi apontado nos depoimentos, para realizar as atividades escolares. E, ao mesmo tempo, não têm autonomia para desenvolvê-las, pois dependem das mães para os auxiliarem todos os dias.

Além disso, foi notório, na visão dos pais, que alguns dos filhos não reconhecem a necessidade de estudar, talvez como consequência de imaturidade. Porém, uma análise mais crítica pode sinalizar para a discrepância quanto aos conteúdos que aprendem na escola e aqueles que são necessários para os trabalhos que desenvolvem em seus cotidianos ou mesmo a distância em relação aos valores que aprendem e vivenciam em seus contextos de origem. Lopes (2018, p. 55-56) analisou essa questão após realizar entrevistas com jovens do contexto rural, e aponta que:

É interessante também destacar o papel da escola no que diz respeito às questões da desvalorização do campo. Segundo os participantes, a escola não faz distinção das diversas realidades e modos de vida. [...]. A escola inclui o aluno vindo da zona rural sem necessariamente oferecer condições de valorização da realidade deste sujeito, o que indica ela não está pautada em um modelo educativo que aborda a temática das pluralidades culturais, como exigido pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2015). Esse documento, ao indicar as competências gerais para uma base nacional comum curricular, preconiza, por exemplo, a necessidade de se valorizar os diversos saberes contextualizando-os de acordo com a necessidade dos alunos dentro da instituição escolar.

O autor sugere ainda que o modelo de inclusão adotado pelas escolas provoca mais segregação, e ao não problematizar as diferentes realidades locais, a escola acaba por incluir/excluir perversamente os jovens do campo (LOPES, 2018).

Diante de tais dados relatados anteriormente, das onze famílias estudadas, todas afirmaram nos depoimentos que estimulam os filhos aos estudos, tendo perspectivas de futuro para eles. Contudo, no processo de ensino, três dos pais (1-F, 2-F, 3-F) relataram que pagam aula particular para os filhos, devido às dificuldades de não conseguir ensiná-los.

(...) eu falo, não sei muita coisa hoje, mais quando precisa eu pago aula particular (...). (Entrevista 1-F).

Até a 5ª série eu ajudei, mas agora não consigo mais, só estudei até a 4ª série, aí não tem como eu orientar. A única coisa que posso fazer pra ele assim igual eu já falei, qualquer coisa se não consegui, entende é pagar um professor particular pra ele. Mas não estou conseguindo, a matéria é difícil (Entrevista 2-F).

Ele fica inseguro que acha que vai demorar, porque não tem outra pessoa para dar opinião pra ele, então sempre tem que ficar com ele, já paguei muita gente (...) uma menina muito tempo, para dar aula de matemática para ele principalmente (Entrevista 3-F).

E os outros seis pais (4-F,5-F,6-F,7-F,9-F,11-F) apontaram que solicitam auxílio de outras pessoas, como um (a) irmão ou vizinho para intervir no processo da aprendizagem dos filhos. Já o pai (8-F) disse que tenta auxiliar, e não mencionou ajuda de terceiros. No caso do aluno (10-F), a mãe não relatou auxílio de ninguém.

Outra questão relevante que se destacou foi quanto à rotina de estudo, pois, sete pais relataram que seus filhos (3-A, 2-A, 4-A, 7-A, 8-A, 9-A, 11-A) se comprometem com as atividades escolares diariamente, incluindo-se aqueles que dependem de auxílio dos pais.

Considerando as entrevistas à luz da teoria de Picanço (2012), percebe-se como é essencial os progenitores conduzirem seus filhos, diariamente, no processo da aprendizagem, a fim de facilitar o rendimento escolar e transmitir maior segurança para eles. A autora destaca ainda que manter um vínculo entre pais e escola e incentivar os filhos nas atividades escolares, faz com que eles se sintam mais interessados para se dedicarem aos estudos (PICANÇO, 2012).

Identificou-se também que seis dos pais alegaram que os filhos já passaram por algum tipo de tratamento devido ao processo da aprendizagem, como psicopedagoga, psicólogo, fonoaudióloga e psiquiatra. Assim, um dos alunos, caso 3-A, precisou ir ao psicólogo antes de entrar para o 6º ano e, além disso, foi também à psicopedagoga, com a queixa de déficit de atenção.

Então, porque ele precisou de ir, não queria ir na escola, (...) tomou um trauma, (...) eu tinha que ir ficar com ele, (...) ia sempre todo dia (...) na escola, ficava com ele tempo todo (...) (Entrevista 3-F).

Durante a entrevista, a mãe 3-F, não especificou o trauma que o filho teve.

Houve relatos em relação aos filhos 9-A, 6-A, 10-A, que realizaram acompanhamento com psicólogo, sendo a primeira por déficit de atenção e os outros por motivos de dificuldades de aprendizagem e comportamento. A aluna 4-A também necessitou de tratamento psicológico e psiquiátrico devido à ansiedade, tendo diagnóstico de Transtorno Obsessivo Compulsivo - TOC.

As alunas 4-A e 9-A, mesmo necessitando de terapia, são consideradas empenhadas no processo da aprendizagem, uma vez que realizam as atividades escolares com dedicação e, como mencionado anteriormente, não apresentam dificuldades de aprendizagem. Já o aluno 5-A, a mãe relata que fez acompanhamento com fonoaudióloga e não foi constatado nada, porém o considera desinteressado.

Segundo as mães de 3-F e 4-F, os filhos são bastante ansiosos no cotidiano, mas isso não tem influenciado no processo da aprendizagem. Além disso, é relevante destacar que os filhos que apresentaram essa queixa já fizeram acompanhamento psicológico quando eram crianças. Mas, no momento, apresentavam-se estáveis. Suas mães são muito participativas na vida escolar dos filhos, mesmo que não conseguindo compreender todos os conteúdos, pela falta de conhecimento.

Diante de tais dados, observa-se que a criança e o adolescente estão suscetíveis a ter problemas emocionais como foi discutido anteriormente, tais como a ansiedade e o déficit de atenção. Por essa razão, apontam as autoras Leonardo e Suzuki (2016), que há uma tendência do consumo de remédios por fatores emocionais e comportamentais. E, muitas vezes, sem razão, pois não consideram os aspectos sociais que podem ser significativos.

Neste sentido, corroborando a ideia dos autores Batista e Oliveira (2005) a ansiedade compromete o bem-estar dos jovens, em diferentes situações, a nível intelectual, social e afetivo. Outro problema visto é a desatenção, que nem sempre denota o Transtorno de Déficit de Atenção (TDA). Alguns educadores consideram que os alunos que passam por essa dificuldade não têm envolvimento ou participação escolar (MICARONI; CRENITTE; CIASCA, 2010).

Surpreende nos relatos dos pais a constatação de que seis dos alunos já foram encaminhados para profissionais de saúde e liberados, evidenciando que suas dificuldades estão relacionadas a questões pedagógicas. De fato, essa iniciativa por parte das famílias é muito positiva, pois sugere que estão realmente imbuídos de responsabilidade no cuidado com seus filhos. A existência de profissionais de psicologia, fonoaudiologia na cidade e nos serviços públicos disponíveis para o atendimento de alunos da rede pública, e que estes podem realizar essas avaliações também é um dado positivo, pois mostra que o município está bem estruturado quanto à organização das políticas públicas.

Constata-se, assim, que em caso de necessidade, a escola e a família podem recorrer ao apoio de profissionais externos para o encaminhamento de demandas relativas a fatores emocionais ou comportamentais.

Quanto às dificuldades relacionadas às questões pedagógicas, evidencia-se a importância dos pais e também da equipe pedagógica, como educadores, supervisores e diretores, estarem próximos dos alunos, para identificar melhor suas dificuldades e queixas, com o intuito de buscar meios adequados para ajudá-los.

Nas entrevistas, os familiares narraram que recorrem às seguintes alternativas: buscar o apoio de professores particulares; contar com a ajuda de irmãos ou vizinhos; se empenharem em incentivar os filhos a estudar como meio de ter melhores perspectivas de futuro; e, principalmente as mães, ficarem atentas para que executem as tarefas escolares diariamente.

As famílias percebem que os filhos apresentam maior grau de dificuldade em matemática e português, e utilizam o critério da nota para avaliar como está o rendimento deles nestas disciplinas. Todos os pais expressaram preocupação com o fator motivação, que medem pelo empenho e dedicação dos filhos. Indicam como sinais de desmotivação a preguiça, a falta

de vontade e o desinteresse pelos estudos. Mas através dos relatos identificou-se que nem todos os familiares possuem condições de dar suporte para os filhos na questão do estudo, até por seus limites de escolarização e pela falta de conhecimento dos conteúdos ensinados na escola. Reitera-se nesse caso, há necessidade de enfrentamento das questões pedagógicas, tarefa essa que exige maior envolvimento com a equipe da escola.

3.3.2. Percepção dos alunos

Em relação à visão dos alunos sobre o seu desempenho escolar, sete deles (1-A, 2-A, 4-A, 5-A, 6-A, 8-A, 11-A) consideram bom. Quatro dos alunos (1-A, 3-A, 7-A, 9-A) pontuam que têm um pouco de dificuldade. Porém, o aluno 1-A, apresenta essas duas visões sobre seu rendimento.

Somente um aluno (10-A) se autoconsidera insuficiente, possui uma percepção negativa de seu desempenho e não tem muitas expectativas sobre os estudos, como apresentado em sua fala “Ruim (...) *O pior aluno da sala*” (Entrevista 10-A).

Talvez, a gravidade desse caso decorra dos diferentes eventos críticos que marcam a trajetória de vida desse aluno, como os conflitos familiares, as mudanças de escola e de professores que o acompanhavam, o contexto de vida do mesmo, e que se interligam gerando um agravamento de sua situação. Observou-se que mesmo com todos esses contratemplos, o jovem ainda tem motivação para estudar, mas sente-se incapaz de superar os obstáculos que enfrenta.

Nota-se que ele demonstra se sentir inferior aos colegas de classe. Justificando que não consegue acompanhar o ritmo da turma. No momento da entrevista, ele sinalizou nos seus relatos um sofrimento psíquico, permanecendo de cabeça baixa e demonstrando tristeza; inclusive, chorou. Surpreende a capacidade que ele apresenta de dar-se conta de si, indicando um sinal de maturidade, ao afirmar que possui dificuldades e se sente fragilizado diante da sua situação.

De acordo com Smith e Strick (2007), as crianças que apresentam problemas no processo da aprendizagem estão mais vulneráveis a desencadear questões emocionais. No caso citado, é evidente que não se trata apenas de questões cognitivas, mas problemas que extrapolam a capacidade dele de superá-las sozinho, demandando um apoio e uma maior atenção por parte de todos os profissionais que atuam com ele e com sua família, inclusive a equipe pedagógica.

Em relação à vontade de estudar, sete alunos (2-A, 4-A, 6-A,7-A,8-A,9-A,11-A) afirmam ter motivação nos estudos, porém os outros alunos (1-A, 3-A,5-A, 10-A) consideram ter uma motivação moderada. Eles relatam:

Mais ou menos (Entrevista 1-A).

Não muito (Entrevista 3-A).

Interesse, não tenho muito (Entrevista 5-A).

Observou-se, nas entrevistas, algumas queixas presentes nas falas dos alunos. Os alunos 1-A e 6-A reclamaram sobre o barulho em sala de aula e falta de concentração. O aluno 1-A narrou que se sente apavorado no momento de fazer atividades. Diante das queixas, o aluno 1-A disse que não tem muito interesse para estudar, talvez por esse motivo tenha mais dificuldade de atenção. Já o aluno 6-A, tem a mesma queixa, porém essa repercute na aprendizagem.

A aluna 9-A tem vergonha em apresentar trabalho em sala de aula, mas isso não influencia no seu processo da aprendizagem. O aluno 2-A, queixou-se da falta de livros e de professores, mas mesmo com essas dificuldades, ele consegue superar e desenvolve bem.

Ressalta-se que determinadas queixas dos alunos, em sala de aula, podem trazer obstáculos para o processo de ensino. De acordo com Sena et al. (2014), há aspectos que facilitam o desempenho escolar, como a questão do bom comportamento do aluno. Além disso, o tipo de método empregado e o vínculo positivo com o educador são apontados como promissores no desenvolvimento dos alunos.

Percebeu-se que os alunos 3-A e 5-A têm o hábito diário de fazer as tarefas da escola apenas por intermédio da mãe, ou seja, apresentam uma dependência para realizar as atividades escolares.

Outro dado constatado nas entrevistas foi em relação à falta de hábito ou de costume de estudar de alguns alunos: 1-A, 6-A e 10-A. Além disso, os pais afirmam que precisam estar próximos deles, diariamente, e forçá-los a estudar.

As informações expressas pelos alunos confirmaram o ponto de vista dos pais. Há alunos bem motivados, que se empenham nos estudos, mas dependem do apoio de seus familiares para a execução das tarefas escolares. E quatro deles reforçaram que a falta de motivação e de atenção são fatores preponderantes para o baixo rendimento, agravado por fatores externos como barulho, falta de materiais e de professores. Mas na percepção dos estudantes, outro fator que explica o desinteresse deles é a dificuldade com as disciplinas.

Destacam-se nos relatos de dois estudantes as questões emocionais, como sentir-se apavorado ao ter que realizar tarefas e o medo de apresentar trabalho, aspectos que

demandariam maior atenção da equipe pedagógica, e poderiam ser enfrentados com a ajuda dos professores, pois apontam para problemas vivenciados no contexto da sala de aula.

3.3.3. Percepção da Supervisora

Na percepção da supervisora, ela considera o desempenho escolar como bom para a maioria dos alunos, porém, menciona o rendimento da aluna 7-A como fraco, e não o trata como insatisfatório, porque a estudante consegue atingir a média e é dedicada nos estudos.

Olha ela é uma aluna que é fraca (...) tem bastante dificuldade, só que assim ela é esforçada, dedicada, entendeu mais tem muita dificuldade, mas como ela se dedica ainda consegue (...) tirar a média que precisa (...). É porque, é dificuldade de aprendizagem mesmo, só que ela se interessa, procura está fazendo todas as atividades direitinho dentro de sala, ela sabe que isso é importante (...), porque tem muito disso né tem criança que tem dificuldade elas reconhecem a importância de se estudar, e aí se dedicam entendeu, apesar de ter dificuldade, igual eu conversei com uma professora, a professora falou que ela reclama muito que não está entendendo, que não consegue entender sabe (Entrevista 7-E)

A ênfase nesse discurso recai sobre a nota e a responsabilidade do próprio aluno em buscar formas de superar suas dificuldades. A ação da aluna de reclamar e pedir explicações é aprovada, porém, como ficam os alunos que se sentem inibidos de tomar esta iniciativa?

Em relação a outros alunos, que possuem muita dificuldade e baixo rendimento, a supervisora relatou:

Ele é um aluno fraco, (...) é muito disperso, conversa demais, tem muitas dificuldades, português, matemática, todas disciplinas português, matemática, história, geografia, ciência. É nossa ele é um aluno problemático, não tem comprometimento em fazer as tarefas dele, a mãe também trabalha fora, não estou questionando, né? A questão dos pais não ajudar, mas trabalham fora, moram em zona rural. Acredito que isso também comprometa um pouco dessa questão de estar ajudando o aluno em casa, nas tarefas né? E ele é bem assim: bem largadinho, (...).

EU: Como assim? ELA: Ah, ele parece que ele manda nos pais (...), tivemos problemas sérios de comportamento com ele aqui de ter que conversar, chamar a mãe aqui não foi nem uma, nem duas vezes. A mãe parece que acoberta muito ou fala que não dá conta dele (Entrevista 6-E).

Ele não é alfabetizado, não consegue escrever o próprio nome, não realiza cálculo matemático nem simples, nem de jeito nenhum. Ele não lê, não interpreta. É tem dificuldade demais (...), e, além de tudo, ainda é agressivo; um menino que responde professor, sabe (Entrevista 10-E).

Em ambos os casos, a supervisora considera que o desempenho ruim dos alunos também pode estar vinculado à ausência de apoio adequado dos pais. Em seu relato a mesma aponta que o aluno 10-A não possui um desempenho satisfatório, pois não é alfabetizado. Consequentemente, possui muitas dificuldades em todos os conteúdos. Além disso, não

socializa bem, tem atitudes como agressividade, é inquieto, distraído e tem falta de concentração. Assim relata:

(...) não faz nada, a única coisa que ele faz (...) é copiar a matéria. (...). Além disso, a família não participa de reuniões na escola, e a equipe pedagógica tenta entrar em contato para tratar da situação do aluno, porém sem êxito (...). Estamos tentando insistentemente, mas não estamos conseguindo (...) (Entrevista 10-E).

Após a entrevista com a supervisora, confirmou-se que existe uma falta de aproximação entre a escola e o aluno e, também, com os pais. O vínculo é distante entre ambas, a família do aluno em questão nunca esteve com a equipe pedagógica, mas a escola já entrou em contato. Entretanto, a mãe alega não ter disponibilidade de ir.

Observou-se que este aluno (10-E) não tem domínio da leitura e escrita. A partir desse caso, identifica-se uma realidade problemática e grave que tem ocorrido no cotidiano escolar, pois, muitas vezes os alunos avançam as séries sem ter tido compreensão dos conteúdos, uma vez que não há reprovação ou avaliação justa, devido às políticas públicas atuais, as quais sugerem progressões parciais, estudos independentes, etc.

Neste contexto escolar, Glória (2002, p.12) revela que nos anos de 1990,

Com a assunção ao poder de grupos partidários progressistas em alguns estados e municípios, e após uma crítica maciça e contundente ao sistema de reprovação escolar em nível nacional, a escola pública brasileira tem sido palco de uma mudança lenta, mas extraordinária, cuja proposição central é o fim da reprovação escolar. Ao considerar que o sistema de reprovação escolar implica perdas significativas, tanto em nível de recursos humanos como materiais e financeiros, nos anos 90, algumas administrações públicas, especialmente no âmbito municipal, passaram a adotar projetos pedagógicos inovadores, que introduzem o princípio da progressão continuada com a não-retenção escolar. Tal princípio é proposto como um avanço educacional expressivo, por ser uma tentativa de reversão da atual conjuntura de fracasso pela construção de uma cultura do sucesso escolar.

Essa ação, segundo a autora, facilita a continuação dos alunos na escola, mas por outro lado essa não-retenção escolar caracteriza aprovação dos alunos sem ter a plena propriedade dos conteúdos escolares (GLÓRIA, 2002).

Ainda no sistema educacional, tem-se outro fator que é a equidade “Equidade e Igualdade, assim, são valores essenciais para balizar a formulação de políticas públicas que deverão promover a justiça social e a solidariedade” (BAQUEIRO, 2015 p.41). Ainda a autora reflete para restringir as diferenças.

Nota-se, diante da percepção da supervisora, que há uma insuficiência de dados de alguns alunos em relação ao contexto familiar deles, inclusive no caso supramencionado (10-

E). Apesar de a supervisora ter relatado possuir conhecimento da vida de algumas mães, como o tipo de trabalho dos pais, a escolaridade deles, se estes comprometem ou não nas atividades escolares dos alunos.

Deste modo, a escola deve rever a prática pedagógica, pois, muitas vezes, ela pode influenciar no baixo rendimento escolar dos alunos. E, além disso, é necessário que se observe a realidade de vida dos alunos. Assim, a literatura pontua que o estudante é considerado culpado pelo seu fracasso, sendo que não é o único responsável pelo seu baixo desempenho (BROM; AGUIAR, 2010).

Percebe-se outro aspecto relevante, é sobre o estímulo sendo fundamental no processo de ensino e aprendizagem, visto que a maioria dos filhos que são motivados e auxiliados pelos pais se sentem mais interessados e engajados.

Contudo, pesquisas ainda revelam quando o âmbito familiar é motivador, seus membros, enquanto educandos estão predispostos a se desenvolverem melhor no processo da aprendizagem, mesmo que tenham algum problema de saúde que possa interferir em seu intelecto (SMITH; STRICK, 2007).

Ao relatar sua percepção sobre o desempenho escolar dos alunos, a supervisora destaca uma visão positiva desse grupo de estudantes, ao considerar que possuem bom rendimento. Identifica alguns alunos como “fracos”, mas reitera que estes se esforçam para superar suas dificuldades. A mesma cita como critérios de avaliação para o baixo rendimento a nota, o mau comportamento de alguns alunos na escola e em casa, e a ausência de apoio de alguns dos pais em função do trabalho e da falta de tempo para se dedicarem aos cuidados com os filhos.

Na análise dos dados sobre a categoria “desempenho escolar” observou-se a coerência na percepção dos pais, dos alunos e da supervisora prevalecendo uma visão positiva em relação a nove estudantes, com divergências apenas quanto aos fatores de motivação e atenção.

Houve consenso na maioria das informações dadas pelos diferentes participantes quanto às dificuldades na aprendizagem e aos fatores que colaboram para o baixo desempenho escolar, destacando-se a defasagem no processo de assimilação dos conteúdos, principalmente nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa; a falta de motivação dos alunos; e as limitações dos pais que os impedem de orientar adequadamente os filhos nos estudos, como o não conhecimento dos conteúdos ou a ausência de tempo para se dedicarem aos mesmos em função da necessidade de realizarem atividades de trabalho, domésticos ou não, como no caso das mães.

3.4 Análise do vínculo da escola com os familiares e adolescentes

Para analisar qual o vínculo que os pais dos adolescentes possuíam com a Escola que seus filhos estavam matriculados, buscou-se questioná-los se participavam ou não de reuniões, se auxiliavam nos estudos e se a escola os convidava para conversar sobre as dificuldades ou problemas.

3.4.1. Relação entre família e escola

Nas informações coletadas sobre o vínculo dos pais com a escola, nove deles (1-F, 2-F, 3-F, 4-F, 5-F, 6-F, 8-F, 9-F, 11-F) afirmaram que têm contato com a escola apenas através de reuniões, que não frequentam a escola por outro motivo a não ser quando são convocados por algum problema do filho, mas é raro isso acontecer. Duas mães (4-F e 5-F) relataram ter um vínculo forte com a supervisora, por serem conhecidas.

Já as famílias 7-F e 10-F relataram nas entrevistas que não têm contato com a escola, que não participam de reuniões e nem mesmo de convocações. A mãe 7-F expôs que considera os vínculos com a escola frágeis, por nunca ter ido a nenhuma reunião, devido ao fato de morar na zona rural, aproximadamente a 18 km - de estrada de terra - distante da escola. Foi na escola no ano passado para fazer a matrícula da filha e retornou este ano pelo mesmo motivo. O pai compareceu uma única vez em uma reunião pedagógica para recebimento de boletins.

Já a mãe 10-F revelou que foi convocada várias vezes para tratar da situação do filho que apresenta dificuldades de aprendizagem, mas nunca compareceu, devido à falta de disponibilidade de tempo para cuidar da filha mais nova e deficiente. Ela relatou:

Eu, já fui chamada duas vezes, às vezes até mais que eu não me lembro agora (risos). E outras vezes, que eu não pude ir mesmo independente da M V (filha mais nova), eu não largo ela para estar olhando os outros que são tratamentos caros, raríssimo e fora daqui, se eu perder um tratamento eu não consigo mais, e eu não tenho condição de pagar, (...) tem que largar um ou acompanhar o outro. Não tem muita escolha (Entrevista - 10-F).

Nesse caso observou-se que há uma dificuldade da mãe de auxiliar os outros filhos, e o pai não se compromete em ajudar. A situação dessa senhora é um exemplo do que a literatura aponta sobre o papel das mulheres na família e na sociedade, quando exercem várias funções (mãe; esposa; dona de casa; profissional; dentre outros), e precisam lidar com diferentes obrigações ao mesmo tempo (FÉRES-CARNEIRO, 1998; LOPES; DELLAZZANA-ZANON; BOECKEL, 2014; PETRINI; ALCÂNTARA; MOREIRA, s/d). E ainda há situações de muitas

mulheres separadas que são mães e passam por uma jornada de trabalho de 8 a 10 horas por dia, e há aquelas que exercem apenas a atividade de donas de casa.

Fiorin, Patias e Dias (2011) apontam inclusive que muitas mulheres adoecem psiquicamente por não conseguirem lidar adequadamente e solitariamente com as demandas profissionais, cuidados com a casa e com os filhos, como é o caso daquelas cujos companheiros não as ajudam, ou das que são separadas ou chefes de família.

Outro ponto que merece destaque em relação aos dados coletados é quanto à percepção dos pais sobre o contexto escolar. Eles se queixaram da necessidade de terem mais diálogo com a equipe da escola; da falta de livros, como aponta o pai 2-F; e, de que quando ocorre ausência de professor não há substituto; outro progenitor 3-F pontua que deveria ter mais reuniões durante o ano para tratar da situação dos alunos. Assim, os pais afirmam:

O que modificou quando passou para o ginásio, eu acho que o ensino ficou mais relaxado, (...). No grupo até o 5º ano, pegava mais no “pé” dele lá né, o interesse maior do professor (...) uma coisa de momento assim que está acontecendo esse ano, por exemplo, está faltando livro lá, acho absurdo, (pausa), professor falta fica sem a matéria não tem substituto, (pausa), acho pior é isso aí (Entrevista 2-F).

Mas é poucas reuniões que tem (...). Ah, eu acho que podia ter mais, quando tem, é tudo de uma vez com a sala inteira todas as salas, então é muitos pais, ninguém entende ninguém, ninguém escuta direito (Entrevista 3-F).

Observou-se a insatisfação diante dos depoimentos desses pais com a falta de comunicação entre eles e a escola. Com relação a outros pais (5-F, 6-F, 9-F, 11-F), quatro deles apontaram que consideram frágeis os vínculos com os professores, tendo necessidade de mais contato, mas não se queixaram de problemas no âmbito escolar.

Identificou-se que, nove dos pais, têm uma relação próxima com a escola, mas somente ocorrem em reuniões pedagógicas, porém muitos deles demonstraram autonomia de conversar com a supervisora ou com o diretor.

Um dos pais queixou-se da dificuldade de contato com os professores, por ser diferente da escola que o filho estudou anteriormente, onde possuía uma única pedagoga e, agora, a média são cinco educadores para cada disciplina e ele não tem disponibilidade de horário.

Observou-se que há uma maior necessidade de melhorar o vínculo dos pais com a escola, e, além disso, a gestão escolar propiciar metas, estratégias para o fortalecimento, como buscar encontros com as famílias, se não for possível entrar em contato pelo telefone ou enviar relatórios/ cartas aos pais sobre a situação do filho.

3.4.2. Relação dos alunos com a escola

Com relação ao apoio que os alunos recebem no processo de aprendizagem, em todos os relatos, destacou-se, primeiramente, a ajuda da família para enfrentar as dificuldades, além disso, nove consideram ter o auxílio dos colegas e sete apontaram os professores também. Segue alguns relatos:

Os meus colegas, ajudam muito só que com questão dos professores, eu não tenho relação muita com eles. Na escola, os colegas ajudam também e fora da escola quem ajuda mais é a família (Entrevista 5-A).

Na família. Ah, porque tá sempre comigo e sempre que eu preciso (pausa). Na escola os professores estão sempre à disposição, e os colegas estão sempre ajudando (Entrevista 8-A).

Da família e dos colegas (...). Quando tem trabalho sim, vou na casa dele pra fazer o trabalho, estudar para prova (Entrevista 3-A).

Os estudantes entrevistados não fizeram referência ao contexto escolar como um todo, mas ressaltaram que gostam da escola e dos professores. Evidenciou-se, nos relatos, que o agente principal de contribuição com o processo de ensino e aprendizagem dos adolescentes é a família, no sentido de auxiliar nas atividades escolares.

3.4.3. Relação entre escola e família

No que se refere à relação entre a escola e a família, a supervisora pedagógica apontou que tem contato com dez famílias dos alunos através de reuniões pedagógicas que a escola oferece, mas há uma contradição entre as informações fornecidas pela supervisora. A família 7-F nunca esteve presente em reuniões na escola, a mãe, na entrevista, justificou-se apontando dificuldades de acesso, devido à distância entre a residência e a escola, mas a supervisora alegou que ela frequenta.

A família 10-F é totalmente ausente da escola, não a frequenta; percebe-se que há um distanciamento da instituição. A família do aluno nunca esteve com a equipe pedagógica, a mãe alega que não tem disponibilidade de ir. A supervisora disse que o modo de comunicação é através do telefone, e que pelo número fornecido não conseguem contato, impedindo-os de estabelecer diálogo com a família do aluno. A supervisora relata:

(...). Além disso, a família não participa de reuniões na escola, e a equipe pedagógica tenta entrar em contato para tratar da situação do aluno, porém sem êxito. (...). Estamos tentando insistentemente, mais não estamos conseguindo (...) (Entrevista 10-E).

Percebeu-se que a escola, diante do aluno, deveria rever as práticas pedagógicas nessa situação ou buscar outros meios como o Programa Saúde da Família - PSF para conseguir contato com a família. Além disso, observou-se na visão desse membro da equipe da escola, falta de conhecimento sobre o aluno e um distanciamento. A escola não consegue contato com os pais, pois eles residem em área rural.

Com relação à comunicação por parte da equipe pedagógica com os outros pais sobre algum problema aparente dos alunos, detectou-se que a escola entra em contato somente em circunstâncias especiais. Deste modo, seis dos pais não tinham ainda sido contatados pela escola, já quatro deles foram chamados por alguma indisciplina dos filhos, mas sem problemas de dificuldades de aprendizagem, exceto um deles (6-A). Apenas em relação a um único caso (10-A), que não houve comunicação, porém, a supervisora alega tentar o contato.

A supervisora relatou ainda que das onze famílias, em nove delas (1-F, 2-F,3-F,4-F-5-F,7-F,8-F,9-F,11-F) incentivam mais os filhos a estudar, mesmo não havendo auxílio diretamente no processo de ensino, pois reconhece as dificuldades dos pais, devido à falta de escolaridade. No caso da família 6-F percebeu-se muito pouco incentivo, e a 10-F não sabe dizer devido à falta de comunicação e à sua grande defasagem escolar.

Evidenciou-se, através desses dados, uma fragilidade na questão do vínculo entre escola e família. Segundo Cavalcante (1998), nesse tipo de situação, destaca-se que a escola espera dos pais o contato, sendo dever dela influenciar positivamente e colaborar.

Entende-se a relevância de aproximar a escola e a família, para detectar melhor os problemas dos alunos e, além disso, trabalhar as queixas, observando o ambiente em que vivem. Talvez, a partir do conhecimento dessa realidade, os educadores e supervisores pedagógicos poderão ter um olhar diferenciado para os alunos mais fragilizados e vulneráveis.

Santos e Toniosso (2014) abordam que a escola e os pais desempenham funções distintas, mas compete a cada uma delas auxiliar o aluno. Reali e Tancredi (2005) trazem que há políticas públicas que investem no engajamento da família com a escola, mas isso não quer dizer uma substituição de funções. Além disso, a autora revela que é essencial que a escola nomeie um novo padrão de interação com os pais, busque maiores informações sobre o contexto de vida dos alunos e de suas famílias.

A família deverá também se comprometer nas ações da escola, como participar de reuniões pedagógicas, conversar com os professores e auxiliar nas dificuldades do filho em casa. Visto que o aluno, muitas vezes, é culpado pelas queixas de aprendizagem e rotulado, além de sofrer preconceitos. Mais grave ainda é a tendência do uso de medicações para resolver

queixas escolares, em certas situações sem necessidade, pelo fato de não rever as causas das dificuldades de aprendizagem.

Nesse contexto, outro ponto relevante é a integração entre escola, família e profissionais fora do âmbito escolar. Ferreira (2010, p.203-204) recorre às contribuições de Lorencini, Ferrari e Garcia (2002, p.298) para esclarecer essa importância da rede como construção de “um espaço de formação de parcerias, cooperações e articulações dos sujeitos institucionais”.

A articulação através de projetos e programas favorece o enfrentamento dos problemas, e contribui para distinguir bem os papéis que competem a cada membro da rede, fortalecendo todos os envolvidos no processo. No caso do presente estudo, destacou-se a relevância da escola reestruturar as ações pedagógicas, mas também de vincular-se à rede, em função das dificuldades encontradas dos alunos estarem relacionadas a problemas externos ao espaço escolar.

No município existem equipes de saúde da família compostas por médicos, enfermeiros, agentes comunitários de saúde, dentre outros. Além disso, no Centro de Saúde são oferecidos atendimentos de psicólogos que poderiam auxiliar a escola para intervir melhor com as famílias desses alunos que passam por problemas. O apoio do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e do Conselho Tutelar poderiam, também, ser úteis para a escola através de visitas domiciliares às famílias.

3.4.4. Participação dos pais nas atividades escolares

De acordo com a percepção de todos os pais entrevistados eles auxiliam no processo de ensino e aprendizagem dos filhos, mas de modo insuficiente, alegando não ter conhecimento adequado sobre os conteúdos que os filhos estudam.

Denota-se, mediante os relatos das entrevistas dos pais, que limitações no processo de acompanhamento das atividades de ensino e aprendizagem dos filhos se destacaram nas onze famílias, entre essas: não ter escolaridade ou conhecimento suficiente para auxiliar nos estudos dos filhos, e não ter disponibilidade de tempo em sete famílias (1-F, 3-F, 5-F, 8-F,9-F,11-F,10-F). Outra dificuldade, que três pais (3-F,7-F,10-F) relataram, é em relação ao acesso à escola, devido à distância de onde residem, que os impede de ter mais contato com a equipe pedagógica.

Abaixo, destacam-se alguns depoimentos dos pais sobre as dificuldades que apresentaram na orientação dos filhos quanto à escola:

(...) não tenho paciência, vou negar não e igual precisa para prova tomar dele eu estudo com ele. Agora, (...) as matérias (...) explicar eu não sei (...). É eu não sei, quantos anos eu parei de estudar (...). Tirei a oitava. (...). Eu não sei muita coisa não, mas aí quando precisa a gente paga aula particular (...) (Entrevista 1-F).

A gente tem dificuldade é na parte do ensinamento (Entrevista 4-F).

Eu já parei de estudar há muito tempo e muitas matérias já não me lembro, às vezes (Entrevista 5-F).

Por eu não saber, não ter estudo, aí não sei muitas coisas ela me pergunta alguma coisa e eu não sei responder (Entrevista 7-F).

Ah, dificuldade pode ser às vezes, por uma falta de internet que na roça tudo não tem isso é dificuldade né (...) falta de instrução (Entrevista 8-F).

Tento ajudar, só o certo ponto que eu sei, além do que eu sei não tem como (...) eu peço ajuda a uma pessoa que saiba que acima da minha 6ª série, ela está fazendo 7º ano então dali pra cima começa apertar (Entrevista 9-F).

Não tenho muito não, mais procuro está entendendo, (...) para ajudar (Entrevista 10-F).

Eu tenho mais dificuldades em problema de matemática (...), tenho dificuldade em inglês. E hoje em dia modificou muito as coisas está bem avançado (Entrevista 11-F).

Os dados mostraram que oito dos pais têm grau de instrução baixa, mas, mesmo assim, todos demonstram ter expectativas de um futuro melhor para os filhos. Na visão de Cavalcante (1998) existem pessoas que consideram que pais que não têm escolaridade ou que possuem baixo poder aquisitivo, são incapazes de auxiliar os filhos e motivá-los.

Outra dificuldade apontada por alguns pais (1-F, 3-F, 6-F) é em relação a forçar os filhos a estudar, de acordo com os depoimentos.

Precisa de alguém pra ficar junto a ele, ele estuda direito (Entrevista 1-F).

Matemática, e tem que ficar “em cima” dele para estudar (Entrevista 3-F).

Às vezes é falta de esforço mesmo, que tenho que ficar brigando assim com ele não tem aquele compromisso (...) (Entrevista 6-F).

Nestes depoimentos, reforça-se a ideia da relevância da contribuição dos progenitores na educação dos filhos (CHECHIA; ANDRADE, 2005). Além disso, os pais têm obrigação de conduzir os filhos para despertar o costume de estudar, seu compromisso facilita para o rendimento escolar (CASARIN; RAMOS, 2007).

Foi notório, mesmo os alunos que recebem acompanhamento das mães atentas nos cuidados com as tarefas de estudo, se sentiam desmotivados nos estudos, incluindo-se aqueles que possuem estabilidade financeira, não têm conflitos familiares, tais como as famílias 1-F e 3-F. Os dados mencionados acima contradizem o que a literatura aponta, pois Bayma-Freire, Roazzi, Roazzi (2015) afirmam que fatores como a instabilidade das famílias, e a escolaridade

dos progenitores das famílias menos favorecidas são causas da falta de interesse dos filhos para os estudos.

Contudo, mesmo nas famílias que não possuem escolaridade e estabilidade financeira, percebe-se a relevância do comprometimento no processo da aprendizagem dos filhos. Esse dado sinaliza para a necessidade de desculpabilizar os pais que não conseguem ajudar os filhos devido ao fato de não possuírem meios para isso, pois há fatores que extrapolam a condição destes de os reverterem. Pelo menos, o fato de que estes incentivam os filhos já é um sinal positivo. Reforça-se então, que nas questões relativas ao processo de alfabetização, cabe à escola buscar alternativas para dar suporte a esse grupo de alunos que sofre com defasagens em seu processo de educação.

3.5. Mudanças e/ou problemas vivenciados pelas famílias e as dificuldades de aprendizagem dos adolescentes

Toda família lida com algumas mudanças que podem ocorrer ao longo da sua trajetória, como foi percebido até aqui, as famílias passaram por situações, mudanças ou problemas em suas vidas que interferiram no processo de ensino e de aprendizagem do filho.

Entre as famílias acompanhadas, neste estudo, percebeu-se que cinco delas (3-F, 6-F,7-F,10-F,11-F) vivenciaram momentos de conflitos na relação intrafamiliar, e a família 5-F passou por um acidente com o filho na escola, o que gerou inadaptação escolar.

Na família 3-F, a mãe relatou que vivenciou problemas com o filho de 20 anos, devido à mudança dele para a casa da avó, por motivos de emprego, pois a mãe estava insatisfeita com o fato de ele trabalhar na lavoura, pois acreditava que ele estava sem perspectiva, e não concordava com o fato dele não buscar melhorias; então, conseqüentemente, ele se mudou de casa. Atualmente, este filho reside em outra cidade, vai se casar, tem um bom emprego e, o período conturbado que a família vivenciou, a mãe alegou que pode ter influenciado no processo da aprendizagem do filho mais novo.

(...) meu outro filho, teve uma vez que ele morava comigo (...) ele não estava querendo arrumar outro serviço, aí a gente ficou “afrita” com ele, porque ele estava com mais de 16 anos, tinha que arruma serviço, trabalhando né na horta, foi uma época que discuti com ele, mudou para casa da minha mãe, (...) época de conflito com ele, ficava triste (...) ficou 2 a 3 anos (...) Ah, pode ter né ficou aborrecido também, fica triste (...) (Entrevista 3-F).

Além disso, a mãe ainda alegou que passou por problemas emocionais neste período, e que isso pode ter interferido na relação entre os membros familiares.

Na família (5-F), a mãe relata um problema que ocorreu na escola com o filho na fase pré-escolar que, segundo ela, pode ter influenciado no processo de aprendizagem:

Talvez, pode ter influenciado no estudo dele, foi no prezinho que ele estudava, (...) se machucou no parquinho, teve que dar ponto, ele brincando no parquinho na gangorra com uma coleguinha, ela estava com ursinho de pelúcia deixou cair, aí ele levantou saiu da gangorra para pegar o bichinho, ela puxou a cadeira para trás e soltou(...).Tive que levar ele no posto, teve que dar ponto a força nele, era pequenininho (...), depois disso, ele não queria ir na aula mais, falava que tava com dor de barriga, inventava (...) desculpa para não ir na aula (Entrevista 5-F).

Depois desse fato, ele ficou muito inseguro, chorava para não ir à escola tendo bloqueio, a mãe tinha que acompanhá-lo e permanecia, pois não conseguia ficar sozinho. Ela considerou que esta situação possa ter repercutido no processo de aprendizagem dele.

Já a família 6-F, a mãe relatou na entrevista, que o nascimento das filhas gêmeas prematuras desencadeou muitos problemas na família, inclusive com o filho mais velho e com o casal. Ela se queixou de questões financeiras limitadas e de se sentir sobrecarregada de trabalho para cuidar de três crianças neste período. Além disso, relatou que quando a professora do primário, nesse período conturbado, havia indicado o baixo rendimento do filho, ela (a mãe) alegou que se ausentou um mês de casa, devido à sua permanência no hospital com as filhas, e o outro filho não tinha costume de ficar sem ela. Outro evento ocorrido foi o falecimento da avó materna e do vizinho, fatos que influenciaram na aprendizagem do filho, segundo a mãe:

O que mexeu muito na nossa família lá em casa foi o nascimento das meninas (...) demais não só com o menino com o meu marido e principalmente comigo. Porque é, a gente é pobre (...). Quando a minha mãe faleceu mexeu muito com ele (...). Ele não queria nem ir para escola, mas hoje não. Já tem 6 anos que ela faleceu (...), ele estava no primeiro ano. (...). Ano passado também morreu vizinho nosso (...). Nossa, parece, descontrolou completamente (Entrevista 6-F).

Pode-se observar, diante deste relato, como os problemas e mudanças vivenciados por essa família 6-F pode ter influenciado na convivência entre os pais e os filhos, e consequentemente na vida escolar dos filhos.

A família 7-F passou pelo processo de divórcio dos pais, e a mãe relata que talvez isso afetou na aprendizagem da filha, isso ocorreu quando ela tinha 8 anos, a partir disso, ela se tornou mais dependente da mãe, não dorme e nem sai sozinha, até mesmo para tomar banho, se a mãe não estiver em casa ela não consegue. Deste modo, relata “(...) eu acho que a separação, (...), ela já não tinha a cabeça muito boa pra aprender e com isso eu acho que atrapalhou ela sim” (Entrevista 7-F).

Diante disso, a mãe relatou também a falta de contato da filha com o pai, pois ela gosta de sair, mas muitas vezes ele não a convida. Outro fato ocorrido com a filha foi quando ela passou por um período de internação por ter tido um problema no pulmão quando era mais nova, e conseqüentemente perdeu muitas aulas.

Deste modo, Reis (2008) aponta que talvez os filhos que passam pelo processo de instabilidade conjugal dos pais estejam mais propensos a desencadear problemas, pois quando os pais têm relação estável, os filhos têm mais possibilidades de êxito do que as de famílias monoparentais. Por conseguinte, isso pode influenciar no processo de aprendizagem.

Na família 10-F, a mãe mencionou que o alcoolismo do marido e a violência doméstica, às vezes, interfere no processo de ensino e aprendizagem do filho de 12 anos e, também, dos outros. Relata:

(...). Olha eu acredito a questão do pai ficar bebendo muito, fazendo muita discórdia eu acredito que às vezes, atrapalha um pouco (...). É, também porque pensa: estou saindo de casa, minha mãe está ficando com meu pai, será que (...) vai judiar da minha mãe? Aí, às vezes não presta atenção no que está lá, (...). As bebidas continuam se deixar quebra tudo dentro de casa, (...), só não bate porque não deixo, eu enfrento porque se for preciso pelos meus filhos, eu morro. Mas se deixa as agressões acontecerem (...), eu acho que atrapalha um pouco sim (...), a pessoa fica magoada vendo aquela situação quase todo final de semana, que durante a semana também, já não bebe mais não, porque não está aguentando, (...) (Entrevista 10- F).

Observou-se que os conflitos vivenciados por essa família em decorrência da agressão verbal, física e a falta do diálogo entre os membros afetam a vida dos filhos, desencadeando problemas nas relações sociais, como no aspecto afetivo e na escola, visto que o baixo desempenho de um deles possivelmente seja consequência desse fato.

Isso também devido à falta de tempo da mãe para auxiliar o filho, por causa dos cuidados com a filha deficiente, e a falha do pai em ajudar. Além disso, a mãe considera o rendimento escolar do filho muito inferior e relatou que o encaminhou para avaliação na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Essa foi feita através de uma iniciativa externa, pelo psicólogo do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e da Agente Comunitária de Saúde, que solicitaram um relatório escolar para uma avaliação multidisciplinar na instituição APAE.

No que se refere à visão do aluno 10-A sobre seu desempenho na escola, observou-se baixa autoestima, sentimentos de inferioridade, tristeza sobre seu rendimento escolar, relatando que não sabe ler. Na entrevista o aluno demonstrou um pouco de motivação para os estudos, teve reações de choro constantes durante seu relato, parece que se sente constrangido diante de colegas e professoras. Reconhece suas dificuldades, mas não sabe como lidar com elas.

Já o caso da família 11-F, essa vivenciou a mesma situação de alcoolismo do pai e a mãe se lembra do período turbulento de conflitos intrafamiliares, quando ele foi internado numa clínica de recuperação. Relata que, às vezes, isso afetou no processo de aprendizagem da filha, naquela época; mas, atualmente, a filha não apresenta dificuldades de aprendizagem.

(...). Meu marido era alcoólatra, passou por internação prolongada, ele teve vários conflitos quando ele bebia demais, (...) hoje em dia graças a Deus (...). Na época prejudicou (...) tava no grupo ainda (Entrevista 11-F).

Detectou-se nesses casos, que o alcoolismo prejudica o bem-estar da criança e suas relações familiares, confirmando-se o que aponta a literatura: “com mais frequência nos filhos de alcoólicos atrasos do crescimento ou psicomotores, dificuldades escolares, alterações da personalidade e imaturidade afetiva” (ALVES, 2003, p.29).

Nessas famílias, as mães, em ambos os casos, relataram que os filhos sofreram com essa problemática, mas no caso 11-F a mãe não alegou dificuldades na aprendizagem da filha no momento, e sim na época dos conflitos em que o marido foi internado devido ao alcoolismo.

No caso específico 10-F, as dificuldades de aprendizagem do aluno parecem estar atreladas a diferentes fatores que poderiam ser pontuados como orgânicos ou psicológicos quando se considera a parte do aluno, mas essa seria uma solução simplista, pois desconsidera os conflitos e obstáculos vivenciados por ele em seu ambiente familiar e escolar.

Ficou evidente que as dificuldades apresentadas pelo aluno 10-A estão vinculadas aos conflitos intrafamiliares; aos fatores sociais econômicos e culturais de seu contexto; agravados pelas mudanças que ele vivenciou na transição de uma escola rural para o contexto urbano, no período de sua alfabetização; pelas trocas de professoras, quando sai aquela com quem o aluno se identificava e entram outras que não conhecem sua realidade; e ainda pelo distanciamento entre a escola e a família, pois ainda não conseguiram estabelecer um vínculo.

Já no caso 11-F, atualmente não ocorrem problemas familiares, o pai melhorou, após a internação para tratar sua condição do alcoolismo, e a adolescente não apresenta dificuldades de aprendizagem.

Diante dos relatos das entrevistas, identificou-se como eventuais problemas vivenciados pelas famílias geram impactos na vida de todos os membros em seu âmbito, segundo apontam Sena et al. (2014), a criança que passa por desordens devido à relação conflituosa dos progenitores, pode ter seu rendimento na escola comprometido.

Neste sentido, Smith e Strick (2007, p.33) revelam ainda que “o estresse emocional também compromete a capacidade das crianças para aprender”. De acordo com as autoras,

alguns fatores como falta de dinheiro, desarmonia familiar e enfermidades influenciam na vida escolar do aluno.

Contudo, por essas razões abordadas, possivelmente, desencadearam-se problemas ou geraram-se influências negativas no processo de ensino e aprendizagem das crianças e dos adolescentes. Uma vez que, em presença dessas situações estressoras, levou-os a se sentirem desmotivados, visto que quando o aluno não tem prazer, não percebe o sentido para tal.

3.5.1. Entrada do (a) filho (a) na adolescência

De acordo com os relatos dos pais, foi possível perceber que quando os filhos entraram na fase da adolescência, houve alterações no rendimento escolar. Das onze famílias entrevistadas, quatro delas abordaram que os filhos nesta etapa do ciclo de vida, tiveram mudanças no processo da aprendizagem.

Nas famílias 4-F e 8-F houve mudanças quanto à motivação das filhas em relação à escola, apesar de que elas têm bom desempenho. Na 4-F, a mãe relatou que sua filha ficou mais lenta nos estudos após entrar na fase da adolescência, mostrando-se desmotivada em comparação ao ano anterior. Porém, salienta que, apesar disso, ela tem notas boas.

Esse ano, ela está um pouco mais devagar, não está com aquela vontade, igual ano passado, (...), estuda, tira notas boas, mais nós percebemos que tem que cobrar mais dela (Entrevista 4-F).

Já a 8-F, o pai revela que a filha apresentou uma nota baixa em uma disciplina, ele associou à fase em que se encontra, percebeu que fica mais distraída e pontuou as mudanças do corpo como geradoras desses problemas. Segundo ele:

(...). Eu acho que pode ter sido essa nota baixa, (...), porque começa com os 12 anos, (...) fica meio distraído (...). Que nós temos que acompanhar mais, eu sempre falo com a mãe, (...), conversar mais. (...). É, eu já falei com a mãe dela mesmo, que a mudança do próprio corpo que parece que (...), é a hora que ter muita paciência (Entrevista 8-F).

Em contrapartida, na família 7-F a mãe percebeu que a filha tem apresentado maior comprometimento nos estudos, sendo uma prioridade no seu cotidiano, ela deixa de brincar com colegas para estudar.

Olha ela é mais interessada nos cadernos, (...), chega ela quer estudar, quer ter nota boa (...). É, quando ela estava no grupo e se chegasse uma que queria brincar, (...). Eu acostumava mandar brincar com a menina que chegava. Agora, me deixa, fazer minha tarefa primeiro (Entrevista 7-F).

Na família 9-F, o pai considerou que houve uma evolução após a entrada na adolescência, devido ao amadurecimento da filha em suas atitudes, pois antes ela era mais introvertida.

Melhorou assim, (...), era mais presa, eu tenho duas, eu tenho ML (...), é sapeca, e N mais presa (...), está mais solta, novas amizades ali no ginásio é outra vida, professor de 50 em 50 minutos, 45, entendeu, então outro mundo, (...). Então acho que ela melhorou (Entrevista 9-F).

Com base na literatura e nos relatos das entrevistas, torna-se relevante destacar que existe uma oscilação no comportamento dos adolescentes, devido às modificações que vivenciam em si mesmos, como nos pensamentos, na interação do meio em que vivem e com as pessoas. Lembrando que nessa fase, os jovens estão mais vulneráveis a desencadear problemas psicológicos, devido à vivência de episódios estressantes devido às diferentes mudanças físicas, cognitivas, afetivas e sociais com as quais precisam lidar no seu processo de desenvolvimento. Assim, a queixa escolar gerada se dá por fatores intrínsecos e contextuais (BUSNELLO; SCHAEFER; KRISTENSEN, 2009).

Reis (2013) aponta que em famílias nas quais os filhos estão na etapa da adolescência, todos os membros vivenciam transformações, ou seja, seus progenitores, professores, avós devem adotar um “novo posicionamento na forma de se comunicarem com seus filhos ou educandos. Trata-se de uma relação dialógica, todos estão implicados nesse processo, então, todos de alguma forma crescem reciprocamente” (REIS, p.203, 2013).

Smith e Strick (2007, p.15) abordam que as “dificuldades de aprendizagem referem-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico”. Os autores relatam ainda que, dificilmente, são imputadas a uma única origem. Pereira (2008) também contribui com a asserção afirmando que existem inúmeros fatores que desencadeiam uma dificuldade de aprendizagem, tais como: ambiental; orgânico e psicológico.

Porém, os dados coletados não foram contundentes para justificar que as transformações vivenciadas na transição da infância para a adolescência pudessem ser os principais fatores desencadeadores de comprometimento no desempenho escolar dos alunos, pelo menos não em relação ao grupo acompanhado, pois nove deles apresentaram bom desempenho nos estudos. E no caso dos dois que estão com baixo desempenho, identificaram-se outros aspectos, como os conflitos intrafamiliares e questões pedagógicas, que se sobressaem como prerrogativas de causa para suas dificuldades.

3.6 Breve Discussão

Constatou-se, diante da análise das entrevistas, com a família, a escola e os adolescentes que quanto maior a integração entre os membros dos diferentes contextos nos quais os alunos estão inseridos melhor poderá ser o rendimento destes em seu desempenho escolar, pois os problemas ocorridos em qualquer um desses ambientes acaba por afetar o processo de ensino e aprendizagem.

Nos casos acompanhados neste estudo, observou-se que houve relação entre o baixo rendimento escolar e a influência de situações vivenciadas pelas famílias, como mudanças e/ou conflitos na relação intrafamiliar, devido a situações de nascimento de irmãos, violência doméstica, problemas financeiros e o alcoolismo parental.

Em contrapartida, houve famílias, que vivenciaram sérios problemas, mas conseguiram superá-los, conseguindo engajar-se na vida escolar dos filhos. E dez dos pais expressaram ter consciência das dificuldades dos filhos. Mas, um dado significativo, quando os pais não conseguiram auxiliar os filhos, solicitaram ajuda de alguém, e no caso dos entrevistados, estes recorreram a profissionais, parentes ou vizinhos. Não foram feitas referências por parte dos familiares se pediram o apoio à equipe da escola.

As falas dos alunos ficaram centradas nos relatos sobre suas dificuldades pessoais, como falta de atenção e motivação, bloqueio para se expressar e para lidar com tarefas. Quanto ao aprendizado, diante das dificuldades apontadas pelos alunos, prevaleceram as relacionadas às disciplinas de Português e Matemática. Além disso, a maioria deles afirmou ter rotina de estudo, o que favorece em seu desempenho.

Mas para fortalecer esse hábito, os autores Brom e Aguiar (2010) apontam que para aprender deve-se ter uma vida tranquila, assim como outros fatores que contribuem como descanso, boa alimentação, lazer e prazer, o que não necessariamente coincide com a realidade de alguns dos estudantes acompanhados, que muitas vezes precisam colaborar nos afazeres domésticos ou com trabalhos informais para ajudar suas famílias.

Sena et al. (2014) pontuam que o ambiente familiar é também fundamental no desenvolvimento do educando, que os pais devem ser os agentes primários na estimulação da aprendizagem. Smith e Strick, (2007) também revelam que as famílias que propiciam um ambiente calmo, com tempo de estudo, favorecem com que os estudantes se tornem mais interessados em aprender, reduzindo as dificuldades.

O acesso ao contexto escolar ficou limitado à entrevista com a supervisora, percebeu-se que ela tem pouca proximidade com a realidade de alguns alunos. Houve coerência na

percepção dela quanto ao reconhecimento daqueles alunos que possuem maior dificuldade, no entanto, a falta de contato com as famílias desses alunos parece ser o principal obstáculo para a compreensão sobre o que estão vivenciando e para a busca de solução desses problemas. Convém sublinhar, que há situações nas quais a equipe da escola também fica impossibilitada de acessar as famílias, devido à distância, pois há estudantes que são da área rural.

Nota-se diante dos dados, principalmente dos casos 10-A e 6-A, a relevância de saber sobre o ambiente que os alunos estão inseridos para reconhecer as suas dificuldades, sua realidade. Ressalva-se, perante essas informações, estudos que revelam que crianças com problemas na aprendizagem mesmo que se sintam alegres, podem passar por conflitos psicológicos. Neste sentido, “esses estudantes tornam-se tão frustrados tentando fazer coisas que não conseguem que desistem de aprender e começam a desenvolver estratégias para evitar isso” (SMITH; STRICK, 2007, p.16). Talvez essa seja uma explicação para o que está acontecendo com os estudantes que apresentaram maior dificuldade em seu aprendizado.

De tal modo, determinados fatores ambientais e sociais podem influenciar nas queixas escolares, por serem decorrentes no lar ou na escola (BOSSOLAN, 2011 apud SMITH; STRICK, 2001).

Diante dos relatos, conclui-se que grande parte das famílias reconhece e assume as responsabilidades sobre o desempenho escolar dos filhos e, às vezes, a escola tem se posicionado de maneira insuficiente com alguns alunos no enfrentamento do fracasso escolar.

A escola deve ter conhecimento das queixas do aluno, assim como o educador, observando-o em sala de aula, conversando com os progenitores e verificando realmente o problema. Deste modo, é relevante também a equipe pedagógica analisar sua conduta em relação ao estudante (TABILE; JACOMETO, 2017).

No presente estudo, seria precipitado afirmar que houve omissão da equipe pedagógica, principalmente os professores, pois os mesmos não foram entrevistados. A consulta aos mesmos seria útil para esclarecer aspectos sobre a relação dos educandos com os docentes e com seus colegas. A ausência de contato com os professores impediu também que a pesquisadora pudesse colher mais informações sobre metodologias e práticas que estes adotam para lidar com as dificuldades apresentadas por seus alunos.

Reconhece-se que a falta dessas informações comprometeu a análise sobre o desempenho escolar dos alunos, mas não invalida o valor dos dados coletados, pois o acesso às famílias permitiu ampliar a compreensão sobre a condição de vida desses estudantes e evidenciou a relevância de que essas questões sejam pautadas como fatores que influenciam o rendimento escolar.

Porém, é possível afirmar que se constatou um distanciamento entre a escola e as famílias, e que medidas no sentido de criar maior aproximação entre estes seriam indicadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou um estudo que consistiu em analisar o desempenho escolar, considerando-se a percepção das famílias, da escola e dos adolescentes, apoderando-se das contribuições teóricas sobre as dificuldades de aprendizagem e o ciclo de vida familiar.

O aporte teórico sobre o ciclo de vida familiar foi relevante para reforçar a necessidade de compreender a fase que a família estava vivenciando e os eventuais estressores pelos quais estavam passando. Isso, conseqüentemente, estava influenciando a vida de todos os membros, o que nem sempre é considerado na avaliação da escola.

De acordo com os objetivos propostos no início deste estudo identificou-se os tipos de dificuldades apresentadas pelos adolescentes em seu processo de ensino e aprendizagem, destacando-se problemas com mudanças de escola e rotatividade de professores no período em que um dos alunos estavam em processo de alfabetização, e que persiste através de fracasso nas disciplinas de Português e Matemática. Na percepção de pais e alunos, além das dificuldades com conteúdos, fatores relacionados ao interesse e à motivação dos estudantes agravam seus atrasos no aprendizado, sendo esses aspectos percebidos também pela supervisora.

Confirmou-se que há relação entre as mudanças e/ou problemas vivenciados pelas famílias com as dificuldades de aprendizagem dos adolescentes, conforme apontam os estudos sobre família e ciclo vital: quando do nascimento de irmãos; no momento da separação dos pais; ou devido ao alcoolismo dos pais; e, em decorrência disso, a presença de conflitos e violência doméstica. Além disso, a origem das famílias, por serem da área rural e por alguns viverem em condições de vulnerabilidade social, é um fator significativo para explicar os processos enfrentados por elas na transição entre o contexto rural e o urbano, os quais precisam ser problematizados para que se conheça mais a sua realidade.

Constatou-se além dos obstáculos próprios dos estágios do ciclo de vida no qual as famílias se encontram, como cuidar de filhos pequenos ou adolescentes, problemas decorrentes de dificuldades financeiras, residência longe da escola, a falta de escolaridade e tempo dos progenitores, que acarretaram limitações para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem dos seus filhos. Porém, observou-se que a maioria dos pais manifestou preocupação com o desempenho escolar dos filhos e em ajudá-los a superar suas limitações, assim como o

reconhecimento da importância de incentivá-los para que se engajem nos estudos, mesmo que para isso precisem recorrer ao apoio de terceiros, como profissionais, parentes e vizinhos.

Como outro objetivo do estudo, buscou-se descrever como era o vínculo da escola com os familiares e os alunos. Sobre a relação entre a família e a escola há um distanciamento entre ambas, pois o contato dos pais na escola acontece apenas através das reuniões pedagógicas ou quando são solicitados pela escola. Ainda assim, as famílias e alunos demonstraram satisfação com a escola, mesmo com as queixas dos pais sobre a limitação de recursos, como falta de livros didáticos e rotatividade dos professores. Da parte da escola, evidenciou-se pouco conhecimento sobre a realidade de vida de alguns alunos, principalmente os obstáculos vivenciados por aqueles que migraram ou ainda vivem na área rural.

Observou-se, em relação à escola, que dois pontos centrais demandam novos posicionamentos. Primeiro, quanto aos aspectos psicopedagógicos, evidenciou-se a necessidade de adequar as metodologias ao perfil dos alunos, no sentido de atentar para as dificuldades desses alunos ou para trabalhar as questões relacionadas ao desinteresse e falta de motivação destes.

Outro fator de relevância diz respeito à gestão escolar, que deveria empreender ações para fortalecer o contato com as famílias e também com os profissionais que lhes dão suporte. Como as famílias acessaram muito os serviços de saúde da cidade, uma maior aproximação da escola com instituições como o CRAS, PSF, APAE, dentre outros, poderia ser benéfica no sentido de fortalecer a rede de apoio para as famílias, e que por sua vez, também contribuiria para minimizar a carga de trabalho delegada para a equipe pedagógica. Como não houve contato com os professores e demais funcionários da escola, não foi possível confirmar se os mesmos mantêm contato com os profissionais que atuam na cidade.

Assim, o presente estudo contribuiu para que se pense sempre no processo de ensino e aprendizagem dos adolescentes não como algo isolado, mas sim dentro de um contexto em que todos têm sua parcela de contribuição, principalmente a família e a escola.

Desse modo, sugere-se a conscientização das famílias sobre a relevância do seu comprometimento no processo de ensino e aprendizagem dos filhos, independente do seu nível de escolaridade, local de residência e renda. Além disso, o fortalecimento do vínculo entre escola e família é essencial para o desenvolvimento dos alunos.

Nesse estudo, observou-se que a adolescência, a família e a escola têm sido alvo de várias pesquisas. As famílias, nos dias de hoje, ainda exercem um papel importante no desenvolvimento dos seus membros.

Além disso, concluiu-se que as dificuldades de aprendizagem são bastante abrangentes e se manifestam, sobretudo, pelo fracasso escolar. Essa condição tem um leque muito amplo de causas, mas sua forma evolutiva está intimamente relacionada ao sistema familiar, educacional e social no qual a criança e o adolescente estão inseridos.

Entendemos ainda, que o estudo evidenciou a relevância de maior integração entre os diferentes atores envolvidos na criação das políticas públicas educacionais e de saúde, que juntos poderão se articular para a promoção da integração entre a família, a escola e os profissionais que atuam com esse público.

Evidenciam-se algumas limitações no processo da pesquisa de campo, em relação às entrevistas com os professores na escola, que não se disponibilizaram a participar devido à falta de tempo e à carga horária extensa de trabalho. Outra dificuldade encontrada foi em relação à adesão por parte dos familiares em participar da pesquisa, pois somente onze pais da turma de 43 alunos autorizaram que seus filhos participassem.

Nesse sentido, enfatiza-se que não foi possível esgotar as questões relativas ao tema do desempenho escolar, mas os resultados deste estudo foram sugestivos para indicar a necessidade de outras pesquisas sobre a relação entre família, escola e processos de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Tradução Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre, 10 ed. Artes Médicas, 1992.

ALVES, N. **Decifrando o pergaminho** - o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2010.

ALVES, A. P. T. **Alcoolismo paterno e comportamento/ rendimento escolar dos filhos** - contribuição para o seu estudo. Dissertação de Mestrado em Psiquiatria e Saúde Mental da Universidade do Porto Faculdade de Medicina. 2003. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9841/3/4295_TM_01_P.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2018.

ALBUQUERQUE, J. D. **O papel da mediação na resolução de conflitos familiares decorrentes do divórcio e dissolução de união estável**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, 2016. Disponível em:<<http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/9962/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 set. 2018.

ALMEIDA, C. S. **Dificuldades de aprendizagem em matemática e a percepção dos professores em relação a fatores associados ao insucesso nesta área**. Universidade Católica de Brasília – UCB, 2006. Disponível em<<http://www.ucb.br/sites/100/103/tcc/12006/cinthiasoaresdealmeida.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

ALVES, M. Z.; DAYRELL, J. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educ. Pesqui.** v. 41, n. 2, p. 375-390, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022015000200375&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2018.

ANTUNES, M. E. S.; FALCKE, D. Contexto familiar e escolar de adolescentes com dificuldades de aprendizagem. **Cad. psicopedag.**, v. 8, n. 14, 2010. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S167610492010000100005&script=sci_abstract>. Acesso em: 10 de jun. 2017.

ANDRADA, E. G. C. Família, escola e a dificuldade de aprendizagem: intervindo sistemicamente. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.7, 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pee/v7n2/n2a07.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ASPESI, C.C.; DESSEN, M. A.; CHAGAS, J. F. A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In: DESSEN, M. A; JÚNIOR. A. L. C. **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 19-36.

AURIGLIETTI, R. C. R. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. **Evasão e abandono escolar: causas, consequências e alternativas** – o combate a evasão escolar sob a perspectiva dos alunos. v.1, 2014. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_ped_artigo_rosangela_cristina_rocha.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BAQUEIRO, D. F. A. **Equidade e eficácia na educação: contribuições da política de assistência estudantil na permanência e desempenho discente**. Dissertação. Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19896/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20EQUIDADE%20E%20EFIC%C3%81CIA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROSO, D. B. **Estratégias para estimular o desenvolvimento cognitivo de alunos com dificuldades em aprendizagem**: material de apoio para professores do ensino fundamental. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. 2011.

BARROS, A. S.; FREITAS, M. F. Q. **Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes: Consequências e Estratégias de Prevenção com Pais Agressores**. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n2/v19n2a09.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

BATISTA, M. A.; OLIVEIRA, S. M. S. S. Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. **PSIC - Revista de Psicologia** da Vetor Editora, v. 6, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v6n2/v6n2a06.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

BAYMA-FREIRE, H.; ROAZZI, A.; ROAZZI, M. M. O nível de escolaridade dos pais interfere na permanência dos filhos na escola?. **Revista de estudios e investigación em psicologia Y educación de Estudios**. v.2, n.1. 2015. Disponível em: <http://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/viewFile/reipe.2015.2.1.721/pdf_4>. Acesso em: 12 ago. 2018.

BENTES. C. R. A.; COLARES. M. L. I. S.; SOARES. A. V. **Família e escola: uma proposta para a gestão compartilhada**. s/d. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/seminario/ANPAE2012/1comunicacao/Eixo03_38/Clenya%20Ruth%20Alves%20Bentes_int_GT3.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. esc. educ.** v.11, n.1, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pee/v11n1/v11n1a07.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

BOSSOLAN, M. **Dificuldades de aprendizagem: levantamento bibliográfico e análise de estudos**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 2011.

BRAGA. S.G; MORAIS. M. L. S. Queixa escolar: atuação do psicólogo e interfaces com a educação. **Psicol. USP**, v.18, n.4, São Paulo, dez. 2007.

BRASIL, Leis de diretrizes e bases da educação nacional, lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Edição atualizada. Senado

Federal, 2017. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

_____.Estatuto da criança e do adolescente, lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Versão atualizada. 2017. Disponível em: <https://www.chegadetrabalhoinfantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

_____.Ministério da Educação. **Português tem apenas 1,6% de aprendizagem adequada no Saeb**. Resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb 2017). 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/389-noticias/ensino-medio-2092297298/68271- apenas-1-6-dos-estudantes-do-ensino-medio-tem-niveis-de-aprendizagem-adequados-em-portugues>>. Acesso em: 16 set. 2018.

_____.Ministério da Educação. **Sistema de avaliação da educação básica SAEB**. Evidências da Edição 2017. INEP, 2017. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=94181-saeb-2017-versao-ministro-revfinal-1&category_slug=agosto-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 16 set. 2018.

_____.Ministério da Educação. **Índice de desenvolvimento da educação básica- IDEB**. INEP, 2018. Disponível em:<<http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/31181188>>. Acesso em: 15 set. 2018.

_____.Ministério do desenvolvimento Social. **Benefício assistencial ao idoso e à pessoa com deficiência (BPC)**. 2017. Disponível em:< <https://www.inss.gov.br/beneficios/beneficio-assistencial-ao-idoso-e-a-pessoa-com-deficiencia-bpc/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

_____.Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 28 nov. 2017.

_____.**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas** / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Ministério da Educação. – 6. ed., atual. – Brasília: Ministério da Justiça, 2014. Disponível em:< http://abramd.org/wp-content/uploads/2014/05/Livro_texto_Curso_Prevencao2014.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2018.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Cuidado e negligência na educação da criança na família. In: MOREIRA, L.V.C., CARVALHO, A. M. A. **Família e Educação – olhares da psicologia**. Paulinas: São Paulo, 2008.

BREMBERGER, M. E. F. Queixas escolares: que educação é essa que adocece? . **Revista de Educação**. v. 13, n 15, 2010. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/view/1870/1775>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

BROM, L. G; AGUIAR. T. **Educação, mito e ficção**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BROWN, F. H. A família pós-divórcio. IN: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (ORGS). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese, 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001,321-343.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BUSNELLO, F. B.; SCHAEFER, L. S.; KRISTENSEN, C. H. Eventos estressores e estratégias de coping em adolescentes: implicações na aprendizagem. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 13, n. 2, 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a14>. Acesso em: 07 set. 2018.

CABRAL, R. **Distúrbio da aprendizagem**. Instituto de Gestão Educacional Signorelli Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Centro de Educação à Distância. Rio de Janeiro, 2008.

CARVALHO, J.; NASCIMENTO, M. I. M. **Possibilidades de participação da família na escola e suas contribuições**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. PDE Artigos versão on-line cadernos PDE. Governo do Estado Paraná, Secretaria de Educação, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_ped_artigo_jane_carvalho.pdf>. Acesso em: 01 set. 2018.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Em: CARTER. B.; MCGOLDRICK. M.(Orgs.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese, 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.7- 29.

CASARIN, N. E. F. **Família e aprendizagem escolar**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/24/TDE-2007-04-12T143957Z-499/Publico/389091.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

CASARIN, N. E. F.; RAMOS, M. B. J. Família e aprendizagem escolar. **Rev. Psicopedagogia**, 2007. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v24n74/v24n74a09.pdf>>. Acesso em: 20 de ago. 2018.

CAVALCANTE, R. S. C. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. **Psicol. Esc. Educ.** vol.2, n.2 1998. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/pee/v2n2/v2n2a09>>. Acesso em: 06 set. 2018.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. Ciclo vital da família brasileira. Em: OSORIO, L. C. et al. **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.25-37.Disponível em:<http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01zsz.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CERVENY, C. M. O; MOREIRA, M. A. A. Família e adolescência. O universo da parentalidade na adolescência. In: MOREIRA, L. V. C; RABINOVICH. E. P.; ZUCOLATO.

P. C. S. V. (Orgs). **Paternidade na sociedade contemporânea: O envolvimento paterno e as mudanças na família**, Curitiba: Juruá, 2016, p.123-138.

CHECHIA, V. A.; ANDRADE, A. S. **O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar**. Estudos de Psicologia. Universidade de São Paulo. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n3/a12v10n3.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

CORRÊA, A. R. M. Infância e patologização: crianças sob controle. **Revista brasileira de psicodrama**. v.18, n. 2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932010000200006>. Acesso em: 02 jul. 2017.

COSTA, R. P. B.; LIMA, M. C. P.; PINHEIRO, C. V. Q. **Os impasses da educação na adolescência contemporânea**. UNIFOR – Univ. de Fortaleza. Boletim de psicologia, v. 132, n.60, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v60n132/v60n132a09.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

DAZZANI, M. V. M.; CUNHA, E. O.; LUTTIGARDS, P. M.; ZUCOLOTO, P. C. S. V; SANTOS, G. L. Queixa escolar: uma revisão crítica da produção científica nacional. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 3, set./dez., p.421-428, 2014.

DAZZANI, M.V; FARIA. M. Família, escola e desempenho acadêmico. In: LORDÉLO, JAC., DAZZANI, M. V., (Orgs.). **Avaliação educacional: desatando e reatando nós**. Salvador: Edufba, 2009, p.249-264. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/wd/pdf/lordelo-9788523209315-12.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A; JÚNIOR. A. L. C. **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.113-131.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Universidade de Brasília – UnB, Set-Dez 2000, Vol. 16 n. 3, pp. 221-231. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4809.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

DESSEN, M. A; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v.17, n. 36, p.21-32, 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

DIAS, M. O. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica o processo de comunicação no sistema familiar. **Revista Gestão e Desenvolvimento**. 2011. Disponível em: <http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/gestaodesenv/gd19/gestaodesenvolvimento19_139.pdf>. Acesso em: 01 set. 2018.

DROUET, R. C. R. **Distúrbios da Aprendizagem**, 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

DITTBERNER, M. A. I. N. M. **(Des) motivação dos estudantes adolescentes em relação ao ensino formal**: estudo de caso de uma turma de 8º ano da rede pública municipal de Monte

mor – SP. Centro Universitário Salesiano de São Paulo Unisal. Dissertação de Mestrado, 2016. Disponível em: <<https://unisal.br/wp-content/uploads/2017/04/Disserta%C3%A7%C3%A3oIn%C3%AAs-Nunes-de-Mello-Dittberner.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

ESTEVIÃO, E. A. S. **A importância da participação familiar no rendimento escolar da criança.** 2012. Disponível em: <<http://www.redentor.inf.br/arquivos/pos/publicacoes/04122012Edna%20Aparecida%20Estevao%20-%20TCC.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

FALCETO, O. G.; WALDEMAR, J. O. C. O ciclo vital da família. Em: EIZIRIK. C.L.;KAPCZINSKI, F.; BASSOLS. A. M. S. (ORGS). **O Ciclo da vida humana uma perspectiva psicodinâmica.** Artmed, 2007, p.59- 72.

FANTINATO, F. G. **A relação família- escola: existe um culpado na queixa escolar?.** Mestrado em Psicologia Clínica – PUC São Paulo. 2012. Disponível em:<<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15170/1/Fernanda%20Golghetto%20Fantinato.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.

FARIA FILHO, L. M. Para entender a relação escola-família uma contribuição da história da educação. **Perspec.**, v.14, n.2, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9787.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

FERREIRA, A. L. **A escola e a rede de proteção de crianças e adolescentes.** Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em:<<http://books.scielo.org/id/szv5t/pdf/assis-9788575413302-10.pdf>>. Acesso dia: 01 set. 2018.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. **Psicol. Reflex. Crit.** v. 11, n.2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 02 set. 2018.

FIORIN, P. C.; PATIAS, N. D.; DIAS, A. C. G. Reflexões sobre a mulher contemporânea e a educação dos filhos. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 24, n. 02, jul/dez 2011, p. 121-132.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas. 2008.

GLÓRIA, D. M. A. **A escola dos que passam sem saber: a prática da não-retenção escolar na narrativa de professores, alunos e familiares.** Dissertação de mestrado. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2002. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_GloriaDM_1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2018.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO. M. C. S.; DESLANDES. S. F.; GOMES. R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.79-108.

GOMES, L.B; BOLZE, S. D. A; BUENO, R. K; CREPALDI, M. A. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. Universidade Federal de Santa Catarina.

Pensando fam. v., n.2, Porto Alegre. 2014. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002>.

Acesso em: 10 out. 2018.

GOLDEMBERG, J. O repensar da educação no Brasil. **Estud. av.** v.7, n..18, 1993.

Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v7n18/v7n18a04.pdf>>. Acesso em: 20 dez.

2018.

GRIFFA, M. C.; MORENO, J. E. Adolescência. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento, tomo 2:** adolescência, vida adulta, velhice. Tradução: Vera Vaccari São Paulo: Paulinas, 2001, p.9 -71.

IBGE cidades@. **Guiricema-MG.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=312900&search=minas-gerais|guiricema>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

IBGE cidades@. **Guiricema-MG.** Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/guiricema/panorama>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

ITABORAHY, C. **A Ritalina no Brasil:** Uma década de produção, divulgação e consumo. Dissertação de mestrado ao Programa de Pós graduação em Saúde Coletiva, do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2009.

KAUARK, F. S.; SILVA, V. A. S. Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental e ações psico & pedagógicas. **Rev. Psicopedagogia**, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v25n78/v25n78a09.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

LEITE, E.G.; GOMES H. M. G. **Papel da família e da escola na aprendizagem escolar:** Uma análise na Escola Municipal José Teobaldo de Azevedo no Município de Limoeiro-PE. S/d. Disponível em: <http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/II/anais/comunicacao/013_2008_oral.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2017.

LEONARDO, N. S. T.; SUZUKI, M. A. Medicalização dos problemas de comportamento na escola: perspectivas de professores. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, 2016. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0046.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2018.

LEMOS, V. Políticas públicas de educação equidade e sucesso escolar. **Sociologia, problemas e práticas.** n. 73, 2013. Disponível em:< <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n73/n73a08.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

LEVY, M. L. Adolescência- uma fase do ciclo de vida. Departamento de Educação Médica - Faculdade de Medicina de Lisboa. **Acta Pediatr. Port.**, n. 3, v. 28, p. 207-9, 1997.

LOPES, L. B. **Subjetividade Juvenil e Ruralidade:** concepções de jovens acerca de si mesmos. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa, 2018.

LOPES, M. N.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; BOECKEL, M. G. A Multiplicidade de Papéis da Mulher Contemporânea e a Maternidade Tardia. **Temas em Psicologia**, v. 22, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n4/v22n04a18.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2018.

LUIZI, L. V. V.; CANGELLI FILHO, R. A família em fase adolescente. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs.). **Família e ciclo vital nossa realidade em pesquisa**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2010, p.75-97.

LYRA, G. J. H. Importância da Integração família escola suas dificuldades e seus encontros, diálogo necessário para a construção do sujeito e o futuro do contexto escolar. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, v. 1, n. 57, 2014.

LYRA, G. F. D; CONSTANTINO, P.; FERREIRA, A. L. **Quando a violência familiar chega até a escola**. Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/szv5t/pdf/assis-9788575413302-08.pdf>>. Acesso dia: 02 out. 2018.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Org.). **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Consideracoes_sobre_a_elaboracao_do_roteiro.pdf>. Acesso em: 19 set. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, A. I. R. **Impacto do divórcio parental no comportamento dos filhos**. Factores que contribuem para uma melhor adaptação. Implicações médico-legais. Dissertação de mestrado em Medicina Legal. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto. 2010. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26364/2/Tese%20de%20Mestrado%20Ana%20Martins.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

MELO, T. C. V. **O Psicopedagogo e os distúrbios de aprendizagem**. Pós-Graduação em Psicopedagogia (Monografia), Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Centro de Educação à Distância. 2010.

MELO, N. S. A; MICCIONE, M. M. Consequências do divórcio dos pais sobre o desenvolvimento infantil: contribuição da abordagem cognitivo-comportamental. **Estação Científica** - Juiz de Fora, n. 12, jul./dez., 2014. Disponível em: <http://portal.estacio.br/docs%5Crevista_estacao_cientifica/03.pdf>. Acesso em: 04 set. 2018.

MICARONI, N. I. R.; CRENITTE, P. A. P.; CIASCA, S. M. B. A prática docente frente à desatenção dos alunos no ensino fundamental. **Rev. CEFAC**. v.12, n.5,. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v12n5/137-08.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2018.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.61- 77.

MORAIS, N. A.; LIMA, R, FERNANDES, J. Adolescência e contexto familiar. Em: HABIGZANG, L.F; DINIZ, E.; KOLLER. S. H.(Orgs.). **Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2014, p.101-117.

NEVES, M. M. B. J; ARAUJO, C. M. M. A questão das dificuldades de aprendizagem e o atendimento psicológico às queixas escolares. **Aletheia**. n.24, Canoas. Universidade de Brasília - Instituto de Psicologia. Dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300015>. Acesso em: 20 jun. 2018.

OLIVA, A. Desenvolvimento social durante a adolescência. In: COLL, C; MARCHESI, Á; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia evolutiva**. 2 ed., v. 3. Porto Alegre: Artmed, 2004, p.350-370.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**, 4 ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Tradução: Daniel Bueno. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed. 2013.

PECK, J. S.; MANOCHERIAN. J. R. O Divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. Em: CARTER. B.; MCGOLDRICK. M. (ORGS). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese, 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001, 291- 320.

PEREIRA, H. (Org.). **Distúrbio da aprendizagem**. Guia de Estudos. Rio de Janeiro: Instituto de Gestão Educacional Signorelli. 2008.

PETRINI, J. C.; ALCÂNTARA, M. A. R.; MOREIRA, L. V. C. **Família na contemporaneidade: uma análise conceitual**. S/d. Disponível em:<http://www.tjpe.jus.br/documents/72348/118733/PETRINI+ET+AL_Fam%C3%ADlia+na+contemporaneidade+uma+an%C3%A1lise+conceitual.pdf/e292f604-5bbe-4060-a02b-f6177a48bde4?version=1.0>. Acesso em: 30 out. 2018.

PICANÇO, A. L. B. **A relação entre escola e família as suas implicações no processo de ensino aprendizagem**. Escola Superior de Educação João de Deus, mestrado em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica. Lisboa, 2012. Disponível em:<<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

PINTO, V. G. **Família e escola nos processos de escolarização de adolescentes**. Programa de Mestrado em Psicologia (Dissertação), Universidade Católica de Goiás, 2008. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1995/1/Vania%20Garcia%20Pinto.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia escolar e educacional**. v. 9, n. 2, p.303-312, 2005. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200012>.
Acesso em: 06 jun. 2017.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e Adolescência: A Influência do Contexto Familiar no Desenvolvimento Psicológico de seus Membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p.247-256, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>> Acesso em: 20 mai. 2017.

PRATTA, E. M. M; SANTOS, M. A. **Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro**. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/paideia/v17n36/v17n36a10.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2017.

PRETO, N. G. Transformação do sistema familiar na adolescência. Em: CARTER. B.; MCGOLDRICK. M.(Orgs.). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese, 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.223-247.

REALI, A. M. M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. Universidade Federal de São Carlos. **Paidéia**, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n31/11.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

REIS, M. P. I. F. C. P. **A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso**. 2008.329f. Tese de Doutorado (Educação Infantil e Familiar investigação e intervenção psicopedagógica) Universidade de Málaga e. S. E João de Deus, 2008.

REIS, L. P. C. Adolescência: período de crescer. IN: MOREIRA, L. V. C. **Psicologia, família e direito: interfaces e conexões**. Coleção Família e Interdisciplinaridade, Curitiba: Juruá, 2013, p.191- 204.

RESENDE, T. F.; SILVA, G. F. A relação família-escola na legislação educacional brasileira (1988-2014). **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, v.24, n. 90, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v24n90/1809-4465-ensaio-24-90-0030.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

RODRIGUES, S. Círculos de debate e sua contribuição para o ensino de alunos com dificuldades de aprendizagem. **Psic. da Ed.** v. 30, p. 147-159, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752010000100_011>. Acesso em: 08 ago. 2018.

SANTANA, M.; DIMENSTEIN, M.; Trabalho doméstico de adolescentes e reprodução das desiguais relações de gênero. **Psico-USF**, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psuf/v10n1/v10n1a12.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2018.

SANTOS, E. C; MELO NETO, O. C.; KOLLER, S. H. Adolescentes e adolescências. Em: HABIGZANG, L.F; DINIZ, E.; KOLLER. S. H.(Orgs.). **Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2014, p.17-29.

SANTOS, L. R.; TONIOSSO, J. P. A importância da relação escola-família. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP. 2014. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074149.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

SENA, C. V.; FERNANDES, J. A.; PIRES, M. C.; CRUZ, R. G. **Dificuldades de aprendizagem em Língua Portuguesa**. Centro Universitário de Patos de Minas, dez. 2014. Disponível em <<http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/665422/Dificuldades-de-aprendizagem-em-Lingua-Portuguesa.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

SILVA, N. C. B; NUNES; C. C.; BETTI, M. C. M.; RIOS, K. S.A. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas psicol.** v.16, n.2, 2008. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2008000200006>. Acesso em: 09 jun. 2018.

SILVEIRA, B. A. G. O nexó causal entre não aprendizagem e violência sociofamiliar - PESQUISA CREAS. **Anais do VI EMPEE – Encontro Mineiro de Psicologia Escolar e Educacional**. UFSJ, 2018.

SILVESTRO, M. L.; ABRAMOVAY, R.; MELLO, M. A.; DORIGON, C.; BALDISSERA, I. T. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead / Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/md000023.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2018.

SIQUEIRA, C. M.; GURGEL-GIANNETTI, J. Mau desempenho escolar: uma visão atual. **Revista da Associação Médica Brasileira**. v.57, 2011. Disponível em:< https://ac.els-cdn.com/S0104423011702986/1-s2.0-S0104423011702986-main.pdf?_tid=dd5ef393-00e9-4f86-8565-1db664fe6fa2&acdnat=1547124912_771358dd453651b93f6162f6e9d46f5f>. Acesso em: 09 jun. 2018.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOUZA, M. E. P. **Família-escola: a importância dessa relação no desempenho escolar**. Programa de Desenvolvimento Educacional, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Santo Antônio da Platina, Paraná. 2009. Disponível em: <<http://acaosocioeducativa.com.br/wp-content/uploads/2017/09/artigo-escola-familia-importancia.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

SOUZA, M. V. L; LOPES, E. S.; SILVA, L. L. Aprendizagem significativa na relação professor-aluno. **Revista de C. Humanas**. v. 13, n. 2. Viçosa, 2013. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/13178/artigo3evol13-2.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 set. 2018.

SOUZA, C. B. S.; MOREIRA, L. V. C. A vida adulta e seus desafios centrais: A família e o trabalho. IN: MOREIRA, L. V. C. **Psicologia, família e direito: interfaces e conexões**. Coleção Família e Interdisciplinaridade, Curitiba: Juruá, 2013, p.246 - 257.

TABILE, A. F.; JACOMETO, M. C. D. Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. **Rev. Psicopedagogia**. 2017. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n103/08.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2018.

- TEIXEIRA, K. M. D. **Administração de recursos na família: Quem? Como? Por quê? Para quê?**. Viçosa: UFV, 2005. 94p. (Caderno didático).
- TRAD, L. A. B. A família e suas mutações: subsídios ao campo da saúde. In: TRAD, L. A. B. (Org.). **Família contemporânea e saúde: significados, práticas e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.
- VALENTIM, M. G. **Preguiça: um problema da adolescência negligenciado pela pesquisa?**. Tese de doutoramento Pós-Graduação em Pediatria Faculdade de Medicina de Botucatu Universidade Estadual Paulista – UNESP. 2006. Disponível em:<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/104680/valentim_mg_dr_botfm.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 set. 2018.
- VARANI, A.; SILVA, D. C. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. **R. bras. Est. pedag.** v. 91, n. 229, p. 511-527, set./dez., Brasília, 2010.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Tradução: Daniel Grassi, 2ed, Porto Alegre: Bookman, 2001.
- YIN, R. K. **Pesquisa estudo de caso - desenho e métodos**. Porto Alegre: Bookman.2 ed.,1994. Disponível em:<<http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/ fetch/74440967/3-YIN-desenho%20e%20metodoPesquisa%20Estudo%20de%20Caso. pdf>> Acesso em: 02 set. 2017.
- ZAGO, N. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. Universidade Comunitária da Região de Chapecó – SC. **Revista Brasileira de Educação**. v. 21 n. 64, 2016. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n64/1413-2478-rbedu-21-64-0061.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2018.
- ZAMBERLAM, C. O. **Os novos paradigmas da família contemporânea: Uma perspectiva interdisciplinar**. RJ, Renovar, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas pais ou responsáveis

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

PROJETO DE MESTRADO

Nº: _____

Entrevista com os pais ou responsáveis:

Nome: _____

Idade: _____

Profissão: _____

1. Qual a raça?

() Preta () Branca () Parda () Indígena () Amarela

2. Quantas pessoas trabalham na casa? Quem é responsável pelas despesas da família?

Renda?

() Até 1 salário mínimo

() de 2 a 3 salários mínimo

() de 4 a 5 salários mínimo

() acima de 5 salários mínimo

3. Quantas pessoas residem no domicílio?

4. Como é a relação dos pais ou responsáveis com os filhos?

- A. comunicação positiva
- B. comunicação negativa
- C. clima positivo
- D. clima negativo
- E. punição, especificar: _____
- F. há muito envolvimento afetivo
- G. há pouco envolvimento afetivo
- H. têm conflitos, especificar: _____
- I. Outras considerações: _____

5. Os pais ou responsáveis podem ajudar nos estudos, ou orientam os filhos na resolução das tarefas escolares?

- A. há auxílio, mesmo não tendo conhecimento, e não tendo tempo.
- B. há auxílio, tendo conhecimento, e tendo tempo para ajudar.
- C. há auxílio, por alguma outra razão, especificar: _____

- D. não há auxílio, por não terem conhecimento para ajudar.
- E. não há auxílio, por não terem conhecimento para ajudar, e não ter tempo.
- F. não há auxílio, por não gostarem de ajudar.
- G. não há auxílio, por alguma outra razão, especificar: _____

6. Os pais ou responsáveis buscam motivar os filhos (as) quanto aos estudos?
Como? _____

Por quais razões não motivam?

- falta de disponibilidade de tempo
- falta de conhecimento
- Outras razões, especificar: _____

7. Que dificuldades encontram na orientação aos filhos quanto às questões relativas à escola?

8. Toda família lida com algumas mudanças que podem ocorrer ao longo da sua vida, como exemplos nascimento de um filho, o crescimento destes, morte, separação. No caso de sua família, houve alguma situação, mudança ou problema que pode ter interferido no processo de ensino e aprendizagem do (a) seu (ua) filho (a)?

9. Após a entrada do filho (a) na adolescência, observou-se mudanças no rendimento escolar?

10. O (a) filho (a) tem rotina ou hábito de estudos? A família orienta essa prática?

11. Como é a relação família e escola?

() A família têm liberdade de conversar com a equipe pedagógica, explique:

() A escola entra em contato com a família para tratar da situação do aluno (a), explique:

Há comunicação entre a equipe da escola (professores, supervisor (a), diretor) e os pais ou responsáveis?

() sim, como? _____

() não, por quê? _____

() outra razão, especificar? _____

APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas adolescentes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

PROJETO DE MESTRADO

Nº: _____

Entrevista com os adolescentes

Nome: _____

Idade: _____

1. Como é seu desempenho na escola? Você tem facilidades nos conteúdos?

2. Como é seu relacionamento com os professores da escola? E com colegas?

3. Você acredita que tem as mesmas possibilidades de acesso a estudo do que os colegas?
Por quê?

4. Quais são suas dificuldades de aprendizagem? Em quais disciplinas?

5. O que te deixa mais motivado (a) para os estudos? Que possibilidades de crescimento pessoal e profissional você percebe?

6. O apoio de quem você poderia contar para enfrentar essas dificuldades?

Na sua família ()

Na escola ()

Entre seus colegas e amigos ()

Explique:

APÊNDICE C – Roteiro de entrevistas professor ou supervisor

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

Nº: _____

PROJETO DE MESTRADO

Entrevista com professor ou supervisor pedagógico

Nome do professor (a) ou supervisor (a):

Turma: _____

1. Qual o nome do aluno (a)?

2. Qual a sua idade?

3. Como considera o desempenho escolar do (a) aluno (a)? Por quê?

 satisfatório não satisfatório

4. Como são as dificuldades de aprendizagem do (a) aluno (a)? Em quais disciplinas?

5. Como são as atitudes do (a) aluno (a) em sala de aula?

A. agressivo

B. inquieto

C. falta de concentração

D. distraído

E. Outras considerações: _____

6. Os pais ou responsáveis pelo aluno (a) participam de reuniões na escola?

sim não

Conseguem conversar sobre a situação do filho (a), com a equipe pedagógica?

sim não

7. Os pais ou responsáveis pelo aluno (a) auxiliam nos estudos, ou se justificam por não ajudar?

8. A escola convida os pais ou responsáveis desse aluno para conversar sobre essas dificuldades de aprendizagem, ou por outros problemas?

9. Alguma outra consideração a fazer?

APÊNDICE D – Categorias de Análises

Quadro 6 – Categorias de Análise

Objetivos	Categorias de Análise	Coleta de Dados
Realizar levantamento sobre os tipos de dificuldades apresentadas pelos adolescentes em seu processo de ensino e aprendizagem.	Tipos de dificuldades de aprendizagem apontadas pelos pais, alunos e supervisora pedagógica.	Entrevista semiestruturada (Com os pais, alunos e supervisora pedagógica)
Levantar a percepção dos pais, alunos e escola acerca do desempenho escolar.	-Percepção das famílias, da escola e dos adolescentes.	Entrevista semiestruturada (Com pais, alunos e supervisora pedagógica)
Descrever como é o vínculo da escola com os familiares e os alunos.	-Relação entre família e escola; -Relação dos alunos com a escola; -Relação entre escola e família; -Participação dos pais em atividades da escola.	Entrevista semiestruturada (Com os pais, alunos e supervisora pedagógica).
Identificar se há relação entre as mudanças e/ou problemas vivenciados pelas famílias e as dificuldades de aprendizagem dos adolescentes.	-Mudanças ou problemas vivenciados pelas famílias; -Entrada do filho (a) na adolescência.	Entrevista semiestruturada (Com pais)

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE E – TCLE (Pais ou responsáveis)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PAIS OU RESPONSÁVEL)**

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “A percepção da família, da escola e dos adolescentes sobre o desempenho escolar: um estudo de caso”. Nesta pesquisa, pretendemos como objetivos que são estritamente acadêmicos, analisar a relação família, escola e adolescentes, para compreendermos suas percepções sobre o desempenho escolar dos alunos que frequentam a Escola Estadual.

Para obtenção dos dados pertinentes à pesquisa, realizaremos entrevistas com os pais, alunos (as), e professores ou supervisor (a). Solicitamos o seu consentimento, pais ou responsáveis, para a sua participação na pesquisa, e também a autorização para entrevistarmos seu filho (a). O tempo estimado para a entrevista é de aproximadamente 40 minutos. As entrevistas com os pais ou responsável, e com os professores e supervisores tem como objetivo compreender como é a relação da família com a escola e com os estudos do filho, com a intenção de identificarmos alternativas para enfrentar e superar as dificuldades dos alunos. E as entrevistas com o (a) filho (a) têm como objetivo analisar a compreensão do adolescente sobre seu desempenho escolar, sua relação com a escola e com os colegas.

Para preservar sua identidade, seu nome e contato não serão divulgados. Em vez disso, usaremos nomes fictícios. Os riscos de sua participação na pesquisa estão relacionados ao cansaço, desconforto e inibição em prestar as informações solicitadas. Nesse sentido, o pesquisador estará atento a qualquer constrangimento e você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta, e até mesmo desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de comunicado prévio, e sem qualquer prejuízo. Garantimos que todas as informações serão tratadas com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Ao participar da pesquisa, você estará contribuindo para o estudo que justifica-se pela possibilidade de compreendermos os diferentes aspectos que estão presentes no vínculo entre a família, a escola, e suas possíveis influências que geram as dificuldades de aprendizagem dos adolescentes.

Com isso, os benefícios para você serão indiretos. Sua participação nesta pesquisa não implicará em nenhuma despesa bem como em nenhum benefício financeiro, ou seja, a sua participação é voluntária. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização.

Eu, _____, contato _____, fui informado (a) dos objetivos, riscos e benefícios da pesquisa “A percepção da família, da escola e dos adolescentes sobre o desempenho escolar: um estudo de caso” de maneira clara e detalhada. Declaro que concordo em participar da pesquisa e estou ciente de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações aos pesquisadores e desistir do estudo se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas. Também

concordo que os dados possam ser usados em pesquisas futuras, mantendo-me sempre no anonimato. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos ou após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos.

Pesquisadora: Talícia Calais Vaz de Melo

Departamento de Economia Doméstica da UFV, ou pelos telefones (32) 98403-7211, (32) 3553-1178 e pelo correio eletrônico: taliciamelo@yahoo.com.br.

Pesquisadora responsável: Lilian Perdigão Caixêta Reis

Departamento de Educação da UFV, ou pelo telefone (31) 3899-1382 e pelo correio eletrônico: lilian.perdigao@ufv.br.

Em caso de discordância ou irregularidades sob os aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, Universidade Federal de Viçosa, Edifício Arthur Bernardes, subsolo, Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário - Cep: 36570-900 Viçosa/MG, Telefone: (31) 3899-2492, Email: cep@ufv.br www.cep.ufv.br

_____, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Talícia Calais Vaz de Melo
(Pesquisadora)

Lilian Perdigão Caixêta Reis
(Professora orientadora)

APÊNDICE F – TCLE (professor ou supervisor)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PROFESSOR (A) OU SUPERVISOR (A)**

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “A percepção da família, da escola e dos adolescentes sobre o desempenho escolar: um estudo de caso”. Nesta pesquisa, pretendemos como objetivos que são estritamente acadêmicos, analisar a relação família, escola e adolescentes, para compreendermos suas percepções sobre o desempenho escolar dos alunos que frequentam a Escola Estadual.

Para obtenção dos dados pertinentes à pesquisa, será necessário entrevistá-los: pais, aluno (a), e professor (a) ou supervisor (a). O tempo estimado para a entrevista é de aproximadamente 40 minutos. As entrevistas com os pais ou responsável, e com os professores e supervisores tem como objetivo compreender como é a relação da família com a escola e com os estudos do filho, com a intenção de identificarmos alternativas para enfrentar e superar as dificuldades dos alunos. E as entrevistas com o (a) filho (a) têm como objetivo analisar a compreensão do adolescente sobre seu desempenho escolar, sua relação com a escola e com os colegas.

Para preservar sua identidade, seu nome e contato não serão divulgados. Em vez disso, usaremos nomes fictícios. Os riscos de sua participação na pesquisa estão relacionados ao cansaço, desconforto e inibição em prestar as informações solicitadas. Nesse sentido, o pesquisador estará atento a qualquer constrangimento e você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta, e até mesmo desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de comunicado prévio, e sem qualquer prejuízo. Garantimos que todas as informações serão tratadas com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Ao participar da pesquisa, você estará contribuindo para o estudo que justifica-se pela possibilidade de compreendermos os diferentes aspectos que estão presentes no vínculo entre a família, a escola, e suas possíveis influências que geram as dificuldades de aprendizagem dos adolescentes.

Com isso, os benefícios para você serão indiretos. Sua participação nesta pesquisa não implicará em nenhuma despesa bem como em nenhum benefício financeiro, ou seja, a sua participação é voluntária. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização.

Eu, _____, contato _____, fui informado (a) dos objetivos, riscos e benefícios da pesquisa “A percepção da família, da escola e dos adolescentes sobre o desempenho escolar: um estudo de caso” de maneira clara e detalhada. Declaro que concordo em participar da pesquisa e estou ciente de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações aos pesquisadores e desistir do estudo se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas. Também concordo que os dados possam ser usados em pesquisas futuras, mantendo-me sempre no

anonimato. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos ou após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos.

Pesquisadora: Talícia Calais Vaz de Melo

Departamento de Economia Doméstica da UFV, ou pelos telefones (32) 98403-7211, (32) 3553-1178 e pelo correio eletrônico: taliciamelo@yahoo.com.br.

Pesquisadora responsável: Lilian Perdigão Caixêta Reis

Departamento de Educação da UFV, ou pelo telefone (31) 3899-1382 e pelo correio eletrônico: lilian.perdigao@ufv.br.

Em caso de discordância ou irregularidades sob os aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, Universidade Federal de Viçosa, Edifício Arthur Bernardes, subsolo, Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário - Cep: 36570-900 Viçosa/MG, Telefone: (31) 3899-2492, Email: cep@ufv.br www.cep.ufv.br

_____, _____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do Participante

Talícia Calais Vaz de Melo
(Pesquisadora)

Lilian Perdigão Caixêta Reis
(Professora orientadora)

APÊNDICE G – Termo de assentimento

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “A percepção da família, da escola e dos adolescentes sobre o desempenho escolar: um estudo de caso”. Nesta pesquisa, pretendemos como objetivos que são estritamente acadêmicos, analisar a relação família, escola e adolescentes, para compreendermos suas percepções sobre o desempenho escolar dos alunos que frequentam a Escola Estadual.

Para o desenvolvimento da pesquisa, será necessário entrevistá-lo. O tempo estimado para a entrevista é de aproximadamente 40 minutos, sendo no local da própria escola.

Para preservar sua identidade, seu nome e contato não serão divulgados. Em vez disso, usaremos nomes fictícios. Os riscos de sua participação na pesquisa estão relacionados ao cansaço, desconforto e inibição em prestar as informações solicitadas. Nesse sentido, o pesquisador estará atento a qualquer constrangimento e você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta, e até mesmo desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de comunicado prévio, e sem qualquer prejuízo. Garantimos que todas as informações serão tratadas com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Ao participar da pesquisa, você estará contribuindo para o estudo que justifica-se pela possibilidade de compreendermos os diferentes aspectos que estão presentes no vínculo entre a família, a escola, e suas possíveis influências que geram as dificuldades de aprendizagem dos adolescentes.

Para participar deste estudo, seu responsável legal deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Quanto, aos benefícios da pesquisa, você poderá desabafar sobre o desempenho escolar. E sua participação nesta pesquisa não implicará nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou seu responsável legal de retirar o consentimento ou interromper sua participação, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que você é atendido (a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a permissão de seu responsável legal.

Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Viçosa e a outra será fornecida a você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, ou até o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos.

Eu, _____, contato _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “A percepção da família, da

escola e dos adolescentes sobre o desempenho escolar: um estudo de caso”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e o meu responsável legal poderá modificar sua decisão sobre minha participação se assim o desejar. Já assinado o termo de consentimento por meu responsável legal, declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Pesquisadora: Talícia Calais Vaz de Melo

Departamento de Economia Doméstica da UFV, ou pelos telefones (32) 98403-7211, (32) 3553-1178 e pelo correio eletrônico: taliciamel@yahoo.com.br.

Coordenadora da pesquisa (Pesquisadora responsável): Lilian Perdigão Caixêta Reis

Departamento de Educação da UFV, ou pelo telefone (31) 3899-1382 e pelo correio eletrônico: lilian.perdigao@ufv.br.

Em caso de discordância ou irregularidades sob os aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, Universidade Federal de Viçosa, Edifício Arthur Bernardes, subsolo, Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário - Cep: 36570-900 Viçosa/MG, Telefone: (31) 3899-2492, E-mail: cep@ufv.br www.cep.ufv.br

_____, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Talícia Calais Vaz de Melo
(Pesquisadora)

Lilian Perdigão Caixêta Reis
(Professora Orientadora)

APÊNDICE H – Autorização para realização da pesquisa

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, _____, na qualidade de diretor da Escola Estadual _____, do município de _____, Minas Gerais, autorizo a realização da pesquisa intitulada “A percepção da família, da escola e dos adolescentes sobre o desempenho escolar: um estudo de caso” que tem como objetivo analisar a relação família, escola e adolescentes, para compreendermos suas percepções sobre o desempenho escolar dos alunos que frequentam a Escola Estadual. Será conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora Talícia Calais Vaz de Melo, mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, sob orientação da professora Lílian Perdigão Caixêta Reis. E declaro que esta instituição apresenta infraestrutura necessária para a realização da referida pesquisa.

Esta autorização só é válida no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa para a referida pesquisa.

_____, _____ de _____ 2018.

Assinatura do diretor da Escola

APÊNDICE I – Carta convite

CARTA CONVITE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

_____, _____, _____ de 2018.

Senhores pais ou responsáveis,

Gostaríamos de convidá-los para participar como voluntários da pesquisa de mestrado “A percepção da família, da escola e dos adolescentes sobre o desempenho escolar: um estudo de caso”, da pesquisadora Talícia Calais Vaz de Melo, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, sob orientação da professora Doutora Lílian Perdigão Caixêta Reis.

Nesta pesquisa, pretendemos analisar a relação família, escola e adolescentes, para compreendermos suas percepções sobre o desempenho escolar dos alunos do 7º ano, do turno da manhã, que frequentam a Escola Estadual.

Para obtenção dos dados pertinentes à pesquisa, será necessário entrevistar primeiramente os pais ou responsável do aluno (a), posteriormente o aluno (a) e no final da pesquisa a equipe pedagógica (professor ou supervisor). O tempo estimado para a entrevista é de aproximadamente 40 minutos. Para preservar sua identidade, seu nome e contato não serão divulgados.

Cabe esclarecer que a entrevista com os pais ou responsável acontecerá na residência de vocês, ou em outro lugar que seja acessível, por isso é importante que coloquem endereço e telefone para agendar o dia e horário da entrevista. As entrevistas com o filho (a) e com a equipe pedagógica serão na própria escola.

Caso manifeste interesse de participar da pesquisa, precisamos da sua autorização, através do preenchimento e assinatura desta “Carta Convite”, que deverá ser devolvida para a supervisora, na escola.

Assim sendo, declaro que li a Carta Convite e estou de acordo em participar da pesquisa, além disso, autorizo meu filho (a) a participar da pesquisa.

Nome do filho (a) _____

Nome do pai ou responsável _____

Endereço: _____

Telefone fixo: () _____ Celular: () _____

Assinatura dos pais ou responsável

Em caso de dúvida favor comunicar:

Pesquisadora: Talícia Calais Vaz de Melo

Departamento de Economia Doméstica da UFV, ou pelos telefones (32)98403-7211, (32)3553-1178 e pelo correio eletrônico: taliciamel@yahoo.com.br.

Orientadora da Pesquisa: Lilian Perdigão Caixêta Reis

Departamento de Educação da UFV, ou pelo telefone (31)3899-1382 e pelo correio eletrônico: lilian.perdigao@ufv.br.